

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**AS FORMAS VARIÁVEIS DE TRATAMENTO AO
INTERLOCUTOR NA ILHA DE SANTA CATARINA: ESTUDO
DA FALA DE ADOLESCENTES DOS INGLESES**

RAFAEL TRAESEL

**FLORIANÓPOLIS
2016**

Autor: Rafael Traesel

Título: As formas variáveis de tratamento ao interlocutor na Ilha de Santa Catarina: Estudo da fala de adolescentes dos Ingleses

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dra. Izete Lehmkuhl Coelho

FLORIANÓPOLIS
2016

Rafael Traesel

**AS FORMAS VARIÁVEIS DE TRATAMENTO AO
INTERLOCUTOR NA ILHA DE SANTA CATARINA: ESTUDO
DA FALA DE ADOLESCENTES DOS INGLESES**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Linguística, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 11 de Julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientadora

Prof^ª. Dra. Christiane Maria Nunes de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dra. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Universidade Federal de Santa Catarina

À Professora Izete Lehmkuhl Coelho, minha orientadora, que na verdade foi muito mais que isso, mas uma verdadeira mãe, me elogiando quando tinha que elogiar e me criticando quando necessário. Pela amizade, e principalmente por toda a inspiração após nossas longas conversas nos momentos mais difíceis.

A todos os meus alunos informantes, pois sem eles esta pesquisa não teria acontecido. Marina, Yasmin, Gabriela, Julia, Bianca, Vinicius, Nicolas, Rafael, Marcos e Luis, vocês são muito especiais para mim.

A todos os meus professores, tanto do Programa de Pós-Graduação em Linguística, aos professores da Graduação em Letras Português, enfim, todos os mestres que em algum momento passaram pela minha vida.

Às professoras Christiane Maria Nunes de Souza, Edair Maria Görski e Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott pela leitura deste trabalho e por todas as contribuições.

À Capes pelo apoio financeira durante os meses em que me dediquei à pesquisa.

À Oracilia, minha mãe e Leodir, meu paidrasto, pela educação que me deram e todo o incentivo para que eu conseguisse chegar até o fim deste trabalho.

A todos os meus amigos de modo geral que contribuíram e compreenderam este momento tão importante na minha vida acadêmica. Em especial à Beth Bordin pelos mimos e preocupações, à Pati Ferminio pelas contribuições e a Nádia Favretto por me apresentar tão bem o mundo de como ser um bom professor na sala de aula.

Agradeço.

Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considere a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história.
não direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista na janela.
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida.
não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho investiga o fenômeno em variação das formas dos paradigmas de Tu e das formas do paradigma de Você no bairro Ingleses na cidade de Florianópolis a partir dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança delineada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Os dados foram coletados de um grupo de adolescentes com idade entre 16 e 18 anos, alguns nativos de Florianópolis e outros vindos de estados como Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Goiás e Bahia. No protocolo de coleta duas situações foram propostas. Primeiramente, foi organizado um debate que seguiu padrão de debate político, com 10 temas distintos em discussão. Num segundo momento foram realizadas entrevistas individuais, 5 com informantes do sexo masculino e 5 com informantes do sexo feminino, desses, 5 são nascidos em Florianópolis/SC e 1 é nascido em Porto Alegre/RS, 1 em Curitiba/PR, 1 em Santos/SP, 1 em Goiânia/GO e 1 em Vitória da Conquista/BA. Os resultados mostraram um uso majoritário do paradigma de Tu por aqueles que são nascidos em Florianópolis/SC ou Porto Alegre/RS, alternância das formas dos paradigmas de Tu e de Você entre aqueles que são nascidos em Santos/SP e Vitória da Conquista/BA e predomínio do paradigma de Você entre os nascidos em Curitiba/PR e Goiânia/GO.

Palavras-chave: paradigma de Tu, paradigma de Você, variação linguística, adolescentes, entrevistas, debate, Ingleses.

ABSTRACT

This paper investigates the phenomenon in variation in forms of Tu paradigm and in forms of Você paradigm in the neighborhood of Ingleses in the city of Florianópolis from the assumptions of the Theory of Variation and Change delineated by Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]) and Labov (2008 [1972]). Data were collected from a group of adolescents aged 16 to 18, some of whom born in Florianópolis and others born in states such as Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Goiás and Bahia. In the collection protocol, two situations were proposed. First, a debate was organized, which followed the standard of a political debate, with 10 different topics under discussion. Secondly, individual interviews were conducted, 5 with male informants and 5 with female informants; out of those, 5 are born in Florianópolis/SC and 1 is born in Porto Alegre/RS, 1 in Curitiba/PR, 1 in Santos/SP, 1 in Goiânia/GO and 1 in Vitória da Conquista/BA. The results showed a major use of Tu paradigm for those who are born in Florianópolis/SC or Porto Alegre/RS, alternance in forms of Tu and Você paradigms among those who are born in Santos/SP and Vitória da Conquista/BA and predominance of Você paradigm among those born in Curitiba/PR and Goiânia/GO.

Keywords: Tu paradigm, Você paradigm, linguistic variation, adolescents, interviews, debate, Ingleses.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 1 – O MUNICÍPIO, O BAIRRO, A LÍNGUA	29
1.1 DE DESTERRO PARA FLORIANÓPOLIS: FATOS HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO	29
1.2 INGLESES DO RIO VERMELHO: O GRANDE BALNEÁRIO DO NORTE DA ILHA DE SANTA CATARINA	40
1.3 A LÍNGUA: OS AÇORIANOS E SUA INFLUÊNCIA CULTURAL	43
CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO	47
2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA	47
2.2 O CASO MARTHA’S VINEYARD	53
CAPÍTULO 3 – VARIAÇÃO E MUDANÇA DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR	59
3.1 RELAÇÕES DE PODER E SOLIDARIEDADE	59
3.2 UM POUCO DA HISTÓRIA SOBRE A ENTRADA DO PRONOME VOCÊ NA LÍNGUA PORTUGUESA	61
3.3 ESTUDOS DE VARIAÇÃO NA ESCRITA	64
3.4 ESTUDOS DE VARIAÇÃO NA FALA	81
3.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES	99
3.3.1 Objetivos	99
3.3.1.1 Objetivo Geral	99
3.3.1.2 Objetivos Específicos	100
3.3.2 Principais Questões	100
3.3.3 Hipóteses Gerais	100
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	103
4.1 A AMOSTRA	104
4.2 ENVELOPE DE VARIAÇÃO	106
4.2.1 Variável dependente: paradigma de Tu e paradigma de Você ..	107
4.2.2 Variáveis independentes linguísticas	108
4.2.2.1 Função sintática	109
4.2.2.2 Preenchimento do sujeito pronominal	114
4.2.2.3 Concordância verbal com pronome Tu	115
4.2.2.4 Paralelismo estrutural	117
4.2.2.5 Pessoa do discurso	120

4.2.2.6	Relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores	122
4.2.2.7	Tipo de texto	124
4.2.3	Variáveis independentes extralinguísticas	127
4.2.3.1	Local de nascimento do informante	128
4.2.3.2	Sexo do informante	132
4.2.3.3	Local de nascimento dos pais.....	133
4.2.3.4	Tempo em que o informante mora na Ilha de Santa Catarina..	135
4.2.3.5	O indivíduo	137
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DA FALA DOS ADOLESCENTES: CRUZAMENTO, DEBATE E AVALIAÇÃO DO MANEZINHO		143
5.1	CRUZAMENTO DE VARIÁVEIS	143
5.2	O DEBATE.....	152
5.3	O QUE É SER MANEZINHO?.....	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS		167
REFERÊNCIAS.....		169
ANEXOS.....		175

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

FIGURAS

Figura 1: Mapa de Florianópolis/Santa Catarina.....	40
Figura 2: Bairro Ingleses do Rio Vermelho/Florianópolis/Santa Catarina	41

QUADROS

Quadro 1: Síntese dos resultados mais significativos dos estudos de variação na escrita	97
Quadro 2: Síntese dos resultados mais significativos dos estudos de variação na fala	98/99
Quadro 3: Avaliação de atitude sobre o manezinho por informante ...	165

TABELAS

Tabela 1: Formas de tratamento ao Rei. (FARACO, 1996, p. 60)	63
Tabela 2: A distribuição das estratégias pronominais no singular em função das categorias gramaticais. (MACHADO, 2006, <i>apud</i> LOPES, 2008, p. 62)	67
Tabela 3: Cruzamento entre as variáveis “relação entre os interlocutores” e “século”. (COELHO e GÖRSKI, 2011, p. 281)	72
Tabela 4: Número total de formas do paradigma de tu e do paradigma de você em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX. (Adaptada de NUNES DE SOUZA e COELHO, 2013, <i>apud</i> NUNES DE SOUZA e COELHO, 2015, p. 53)	77
Tabela 5: Frequência de pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito (nulos e expressos) em cartas pessoais catarinenses de Florianópolis e Lages (2ª metade do século XX). (NUNES DE SOUZA e COELHO, 2015, p. 58)	80
Tabela 6: Distribuição dos pronomes por faixa etária no Plano Piloto ampliado, sem Vila Planalto, em 2007. (DIAS, 2007, <i>apud</i> SCHERRE et al., 2011, p. 122).....	87
Tabela 7: Formas de se dirigir ao interlocutor (cf. ABREU, 1987 e RAMOS, 1989, MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002, p. 154).....	89
Tabela 8: Distribuição de Tu/Você por sexo e faixa etária, nas capitais do Sul do Brasil e nas cidades do interior de Santa Catarina. (MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002, p. 160).....	90
Tabela 9: Concordância verbal com Tu por localidade segundo tabela adaptada de LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 208.....	94
Tabela 10: Paradigmas pronominais de Tu e de Você (cf. DUARTE, 2007)	107
Tabela 11: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável função sintática.....	109
Tabela 12: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável preenchimento do sujeito.....	114
Tabela 13: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável concordância verbal.....	116
Tabela 14: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável paralelismo estrutural	119
Tabela 15: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável pessoa do discurso reportado.....	120
Tabela 16: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável relações simétricas e assimétricas.....	123
Tabela 17: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável tipo de texto	125

Tabela 18: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável local de nascimento.....	128
Tabela 19: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável sexo	132
Tabela 20: Paradigma de Tu e de Você segundo a variável sexo	133
Tabela 21: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável local de nascimento dos pais	134
Tabela 22: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável tempo de residência em Florianópolis.....	136
Tabela 23: Ocorrências de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável o indivíduo	138
Tabela 24: Cruzamento das variáveis concordância verbal versus local de nascimento dos pais	145
Tabela 25: Cruzamento das variáveis função sintática versus indivíduo	147
Tabela 26: Uso do Tu e Você na posição de sujeito versus local de nascimento do indivíduo	149
Tabela 27: Cruzamento das variáveis tempo de moradia versus indivíduo	150
Tabela 28: Cruzamento das variáveis relações simétricas e assimétricas versus indivíduo	151

GRÁFICOS

Gráfico 1: Formas de tratamento Tu e Você em peças de teatro de autores catarinenses. (COELHO e GÖRSKI, 2011, p. 279).....	71
Gráfico 2: Ocorrências de Tu, Você e O Senhor a partir dos dados encontrados por ROCHA, 2012, em Florianópolis	95
Gráfico 3: Ocorrências de uso dos paradigmas de Tu e de Você nas entrevistas individuais nos Ingleses	108
Gráfico 4: Percentual de uso do Paradigma de Tu e do Você, segundo a variável tempo de residência em Florianópolis	136
Gráfico 5: Percentual de uso do paradigma de Tu e do paradigma de Você por informante	137
Gráfico 6: Percentual de concordância verbal versus preenchimento do sujeito	145

INTRODUÇÃO

Neste estudo vamos analisar à luz da Sociolinguística Variacionista as formas variáveis do paradigma de Tu e do paradigma de Você no português falado por adolescentes moradores do bairro Ingleses da cidade de Florianópolis/Santa Catarina. Para a nossa pesquisa realizamos uma coleta com 10 informantes com idade entre 16 a 18 anos nascidos em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Goiás e Bahia. Abaixo trazemos alguns exemplos de transcrições que compõem nossa Amostra: em (1) temos um caso de só Tu, em (2) só Você e em (3) Tu e Você.

(1) Tu tem que ir porque esse dai Tu fosse batizado, tu, Tu ta fazendo catequese, é... crisma, Tu tem que fazê as coisa da igreja a que igreja manda e tudo mais. (RafSCM16¹)

(2) Teve um dia que a gente tava fazendo uma festinha, não sei se era carnaval, no pátio da escola e ela tava falando pra mim “aaa, que pena hein, Você não pode nem coloca uma tiara, porque Você não tem cabelo, Você não pode jogar purpurina porque Você não tem cabelo. Você tem que coloca uma piruca porque Você não tem cabelo” que que eu fiz? Arrastei ela pelos cabelos no pátio da escola inteira (e aí?) aí que eu fui suspensa... (MarGOF16)

(3) Cê não pode faze coisa sem pensa, talvez tu não possa gasta tanto dinheiro com coisas bestas, tem que controla mais, tem que sabe o que tu vai faze, se tu vai se alista ou não, se tu vai faze o que tu gosta ou o que dá mais dinheiro. (MarSPM17)

Na região Sul do Brasil vários estudos foram realizados a respeito do fenômeno de variação dos pronomes de segunda pessoa do singular Tu e Você, como os de Ramos (1989), Menon e Loregian-Penkal (2002), Loregian-Penkal (2004), Arduin (2005), Coelho e Górski (2011), Nunes de Souza (2011) Rocha (2012), dentre outros. Percebemos que, de modo geral, os trabalhos apontam para um uso mais expressivo do Tu do que do Você em Florianópolis. Esperamos encontrar resultados que indiquem a mesma tendência, especialmente na fala de adolescentes que nasceram

¹ Os informantes são identificados pelas três primeiras letras do nome inicial, seguido pela sigla de abreviação do Estado em que ele nasceu em maiúsculo (SC, RS, PR, SP, GO, BA), depois sexo (M: masculino / F: feminino) e idade.

na Ilha, contribuindo com os resultados encontrados pelos pesquisadores citados.

Este trabalho surgiu a partir de uma discussão realizada na disciplina de Teoria da Variação e Mudança: Interfaces oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Linguística aqui na UFSC no semestre 2014/2. A aula era ministrada pela professora Dra. Edair Maria Görski que tratava a respeito dos estudos das três ondas de Eckert (2003). Primeiramente acreditávamos que seria possível encontrar uma comunidade de prática em um grupo de adolescentes que convivessem diariamente no ambiente escolar, contudo a partir do conceito de comunidade de prática percebemos que somente o contato diário não bastava, era preciso que eles partilhassem ideias e pensamentos em comum. Logo, percebemos que neste grupo de adolescentes o que existia eram diferentes comunidades de fala, linguisticamente heterogêneas.

A partir dessa heterogeneidade temos como objetivo a investigação do fenômeno de variação do paradigma de Tu e do paradigma de Você, na modalidade oral, respaldados pela Teoria da Variação e Mudança, identificando quais formas dos paradigmas de Tu e de Você são utilizadas pelos nossos informantes, de acordo com grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam como condicionadores das formas em variação. Acreditamos que o Estado de nascimento dos informantes, Estado de nascimento dos pais e tempo de moradia em Florianópolis sejam importantes condicionadores para a escolha das formas de Tu ou de Você. Nosso intuito é que este estudo possa contribuir com trabalhos futuros e que se some a outras pesquisas já realizadas a respeito dos paradigmas pronominais de Tu e Você.

Para dar conta do que pretendemos realizar nesta pesquisa organizamos nosso trabalho da seguinte maneira:

No Capítulo 1 realizamos um resgate de fatos históricos a respeito da formação da cidade de Florianópolis, desde o período colonial, imperial, após a proclamação da República e sobre a questão da polêmica da mudança do nome de Desterro para Florianópolis e quem foram os personagens envolvidos nesse processo. Falamos também a respeito das transformações urbanas e populacionais que aconteceram em Florianópolis a partir da década de 1960. Na sequência, expomos informações sobre o bairro Ingleses do Rio Vermelho, local em que esta pesquisa empírica é realizada. Por fim, apresentamos algumas considerações a respeito da herança linguística deixada pelos açorianos, presente no modo de falar do catarinense do litoral.

No Capítulo 2 fazemos um apanhado teórico a partir da Teoria da Variação e Mudança, discutimos os conceitos de Comunidade de Fala e

de Variável Linguística segundo o pensamento de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

No Capítulo 3, falamos sobre a variação e a mudança dos pronomes de segunda pessoa do singular. Iniciamos com algumas considerações a respeito do trabalho de Brown e Gilman (1960) relacionados à semântica de poder e de solidariedade dos pronomes de tratamento usados entre os interlocutores. Então, seguimos com um levantamento de estudos a respeito do fenômeno de variação do Tu e do Você, tanto na variação da escrita, quanto na variação da fala, os quais orientam nossas questões e hipóteses principais.

No Capítulo 4 apresentamos nossa metodologia de coleta de dados. Optamos por trabalhar com um resultado quantitativo a partir das 544 ocorrências do paradigma de Tu e do paradigma de Você que encontramos. Realizamos dois tipos de coletas, uma que chamamos de mais formal (Debate) e outra menos formal (entrevista individual). Para a análise consideramos somente os dados das entrevistas individuais, uma vez que nem todos os informantes das entrevistas individuais participaram ativamente do debate.

E por fim, no Capítulo 5 realizamos um cruzamento dos resultados das variáveis investigadas na nossa amostra a fim de que alguns resultados pudessem ser esclarecidos. Posteriormente, discutimos a respeito das informações encontradas no debate, apresentando exemplos das interações. Fechamos nosso Capítulo a partir de uma avaliação sobre a figura do manezinho realizada pelos 10 informantes das entrevistas individuais.

CAPÍTULO 1 – O MUNICÍPIO, O BAIRRO, A LÍNGUA

“*Um pedacinho de terra perdido no mar! Num pedacinho de terra, beleza sem par!*”, assim diz Cláudio Alvim Barbosa no *Rancho de amor à Ilha*, hino da cidade de Florianópolis. Colonizada no século XVI, a antiga localidade chamada Nossa Senhora do Desterro, atualmente é a capital com um dos melhores índices de desenvolvimento humano do Brasil: a Florianópolis dos açorianos, da cultura da pesca, das rendeiras e porque não falar de seu manezinho mais ilustre o tenista Gustavo Kuerten, o Guga. Neste capítulo falamos a respeito da história de formação da cidade de Florianópolis a partir de Corrêa (2005) e sobre todas as mudanças estruturais e populacionais ocorridas nessa cidade após a década de 1960. Falamos também a respeito do bairro Ingleses, por meio do estudo de Zeferino (2008), localidade onde habitam os informantes desta nossa pesquisa. Finalizando o capítulo discutimos a respeito da língua, herança dos açorianos, com base nos estudos de Furlan (1989).

1.1 DE DESTERRO PARA FLORIANÓPOLIS: FATOS HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO

Na segunda metade do século XVI, por volta do ano de 1673, o então bandeirante Francisco Dias Velho juntamente com seus familiares dava início ao povoamento da ilha que atualmente é conhecida como Ilha de Santa Catarina com a fundação da localidade de Nossa Senhora do Desterro. Seguindo o que fez Dias Velho outros paulistas e vicentinos passaram a ocupar diversos pontos do litoral catarinense. Foi então que em março de 1726 a Ilha de Santa Catarina veio a ser separada da vila da Laguna e então elevada à categoria de vila. Na obra “História de Florianópolis – Ilustrada”, Carlos Humberto P. Corrêa explica que:

Quando Francisco Dias Velho chegou à Ilha de Santa Catarina, em 1673, para povoá-la, não fundou Desterro ou Nossa Senhora do Desterro, mas sim uma póvoa sem designação específica. Ergueu, no local em que se encontra hoje a Catedral Metropolitana, uma pequena capela sob as bênçãos de Nossa Senhora do Desterro, nome que somente mais tarde, com a criação da Paróquia, se estendeu a toda a vila, mas não a toda a Ilha. Em sua correspondência para São Paulo, Dias Velho jamais chamou o local que havia fundado de Nossa Senhora do Desterro. Mais tarde, em 1736, quando

a póvoa foi elevada à categoria de vila e foi criado o município, com Senado da Câmara e todas as autoridades instituídas, a antiga póvoa, sem nome, passou a ser oficialmente designada de Vila de Nossa Senhora do Desterro, tornando-se a sede da Capitania da Ilha de Santa Catarina. Portanto, a Capitania da Ilha de Santa Catarina tinha por capital a vila de Nossa Senhora do Desterro. (CORRÊA, 2005, p. 125)

Corrêa (2005) conta ainda que em 24 de fevereiro de 1823, por meio de um Decreto Imperial, Desterro torna-se cidade e é nomeada como a capital da Província de Santa Catarina, expandindo-se ao longo do litoral da Baía Sul e já se ligava à Praia de Fora no litoral norte e ao Saco dos Limões por caminhos mais apresentáveis. “As ruas de vinte e quatro pés de largura, eram retas, e já existia algum calçamento naquelas que se dirigiam em declive para a praia para que as enxurradas não as esburacassem”.

Neste mesmo ano – 1823 – a Província de Santa Catarina teve a nomeação de seu primeiro presidente, o bacharel João Antônio Rodrigues de Carvalho, que permaneceu apenas um ano no cargo. O segundo presidente foi Francisco de Albuquerque Melo que em 1826 recebeu a visita do Imperador D. Pedro I. A esquadra imperial chegou em 29 de novembro e permaneceu na Província durante dois dias.

Logo que chegou diante da fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, o Imperador ordenou que fosse preparada uma embarcação para que ele chegasse a Desterro, tendo desembarcado junto ao forte de Sant’Ana. Ninguém o esperava e, pelas oito horas da manhã os moradores das redondezas viram descer a ladeira do morro da Rita Maria um moço desconhecido, sozinho, trajando calça e fardeta de pano azul, com o peito forrado de um colete de casimira vermelha, transpassado e guarnecido de botões de ouro, trazendo à cabeça um chapéu alto de seda preta. [...] Diante da chegada matutina e inesperada do Imperador, as autoridades entraram em pânico e não sabiam o que fazer. Os sinos repicavam, chamavam as Irmandades para conduzirem o pátio do Imperador, os tambores reuniam as tropas. (CORRÊA, 2005, p. 153)

É visível que para a população da época a visita inesperada do Imperador causou um grande alvoroço, afinal, além da província não estar preparada para sua visita, ele estava chegando de surpresa. Desterro também recebeu a visita do Imperador D. Pedro II, porém segundo Corrêa (2005), as autoridades locais e também a população dessa vez se prepararam. Mandaram limpar as áreas por onde o Imperador passaria para que ele não sentisse o mau cheiro dos peixes e crustáceos que eram vendidos na região. Sua majestade esteve duas vezes em Desterro, primeiramente em 1845 e depois em 1849. Sua chegada era mais importante do que, talvez, seria hoje a de um Chefe de Estado.

Entretanto, em 15 de Novembro de 1889 o regime Imperial se encerrava a partir da Proclamação da República pelo marechal Deodoro da Fonseca. Corrêa conta que o então presidente da província de Santa Catarina, Luiz Alvez Leite de Oliveira Belo, entregou o cargo de forma pacífica no palácio do Governo e a administração passou a um triunvirato denominado Junta Governativa Provisória do Estado, composta pelo coronel João Batista do Rego Barros, comandante do 25º Batalhão da Infantaria, do médico militar Alexandre Marcelino Bayma e do farmacêutico Raulino Júlio Adolfo Horn que representava o Clube Republicano Esteves Junior.

O comerciante republicano desterreense, radicado no Rio de Janeiro, Antônio Justiniano Esteves Júnior teve influência na escolha do novo Governador de Santa Catarina e, em 24 de novembro de 1889, Deodoro da Fonseca nomeava o 2º tenente do Exército Lauro Severiano Müller para o cargo.

Um fato curioso acontece com a mudança do regime monárquico para o republicano e é contado por Corrêa (2005). Por meio de um só decreto a Câmara Municipal de Desterro modifica o nome das principais ruas da cidade, aquelas que possuísem alguma conotação à monarquia seriam rebatizadas com nomes de heróis republicanos ou personalidades catarinenses prestigiadas estadualmente ou nacionalmente. E assim foi: a Praça Barão de Laguna passou a se chamar Praça 15 de Novembro, a Rua do Imperador tornou-se Tenente Silveira, a Rua do Ouvidor recebeu o nome de General Deodoro, a Rua da Princesa Imperial denominou-se Almirante Lamego, a Rua do Príncipe passou a se chamar Rua do Comércio, depois de Altino Correia e então de Rua Conselheiro Mafra em homenagem ao jurista e defensor da causa da questão das fronteiras contestadas com o Paraná, Manoel da Silva Mafra.

A situação no Brasil estava complicada, o Presidente marechal Deodoro da Fonseca renunciou ao cargo por conta da pressão da primeira Revolta da Armada, uma rebelião organizada por unidades da Marinha do

Brasil que ameaçaram bombardear a cidade do Rio de Janeiro, capital da República. Para evitar uma guerra civil, Deodoro renuncia e o cargo passa a ser ocupado pelo vice-presidente, marechal Floriano Peixoto.

Em Santa Catarina a situação também não era favorável e o descontentamento ganha força quando o governador Lauro Müller determina a dissolução de todas as Câmaras Municipais, incluindo a de Desterro, transformando-as em Conselhos Municipais, para o qual foi nomeado um Intendente membro do Partido Republicano.

Por estes e outros motivos, principalmente dos Liberais terem sido excluídos da chapa para o Congresso Nacional Constituinte, cuja eleição estava marcada para 15 de novembro, e o Congresso Representativo, com eleições em 8 de março de 1891, teve início uma grande campanha de oposição ao novo governador [...] (CORRÊA, 2005, p. 253)

A pressão da oposição contra Müller era cada vez maior, a intranquilidade atingiu também o comércio da capital que fechou as portas nos últimos dias de dezembro de 1891. Foi, então, que o engenheiro Hercílio Pedro da Luz que era chefe da Comissão de Terras sediado em Blumenau organizou um grupo com cerca de 120 homens, armados, contando com as presenças de José Bonifácio da Cunha, médico e delegado de Higiene de Blumenau, Manoel Vitorino de Paula Ramos, delegado da Inspetoria Geral de Terras e Colonização junto às colônias de Brusque, Luiz Alves e Blumenau. Eles saíram do vale do Itajaí em direção à Desterro em defesa de Lauro Müller, quando chegaram em Tijucas, pararam, pois haviam recebido um telegrama de Müller que dizia não querer o derramamento de sangue e por isso ele iria renunciar. E foi o que aconteceu, em 28 de dezembro daquele ano.

Uma Junta Governamental é formada para governar Santa Catarina. Ela foi composta pelo coronel Luiz dos Reis Falcão que era comandante do 25º Batalhão de Infantaria – portanto a maior autoridade militar –, pelo tenente Artur Deocleciano de Oliveira que pertencia ao Corpo de Fuzileiros da Marinha e por Cristóvão Nunes Pires, monarquista declarado e chefe do Partido Liberal. A Junta governou somente por dois meses, mas foi tempo suficiente para eles fecharem o Congresso Representativo estadual e o Tribunal de Justiça.

O presidente Floriano Peixoto mantinha-se neutro, mas para resolver a situação catarinense ele envia o tenente Manoel Joaquim

Machado com a intenção de apaziguar as tensões no Estado. Contudo, ao chegar a Desterro, Machado é eleito governador pela Assembleia Legislativa e Elyseu Guilherme da Silva para vice-governador. Machado adere às ideias federalistas e denuncia Floriano como anarquista subversivo à ordem pública e responsável pelo sangue que se derramasse no Estado.

Corrêa (2005) conta ainda que após o posicionamento de Machado a situação na política catarinense ficou complicada. Em virtude de uma ordem de prisão determinada por Machado, ele foi denunciado por Felipe Schmidt para um Juiz Federal que determinou uma ordem de prisão contra o Governador. Ele é obrigado a se afastar do cargo e se refugia na fazenda do sogro no município vizinho a Desterro, São José, que era considerado o maior centro federalista do Estado.

O cargo passa a ser ocupado então pelo vice Elyseu Guilherme, sendo considerado um momento muito importante para a história de Desterro, pois foram meses de ativa oposição contra o governo central o que resultou num movimento militar no centro da cidade comandado por Hercílio Luz que, novamente de Blumenau, organizou uma tropa, mas dessa vez com cerca de 150 homens. Um grande tiroteio aconteceu nos arredores do Palácio do Governo havendo três mortes. Elyseu Guilherme se refugia no Forte de Santa Bárbara e Hercílio Luz instala um governo provisório em Desterro.

Elyseu Guilherme comunica o ocorrido a Floriano Peixoto por meio de um telegrama. O Presidente responde dizendo não reconhecer o governo provisório de Hercílio Luz, exonerando-o das funções federais exercidas por ele em Blumenau. Com base nessa medida, Luz retira-se do Palácio devolvendo o governo para Elyseu Guilherme. Entretanto, houve a necessidade de Guilherme ir até o Rio de Janeiro prestar esclarecimentos ao Presidente sobre os ocorridos em Santa Catarina. O vice-governador, o monarquista e federalista Cristóvão Nunes Pires, assume em seu lugar. Contudo quando Elyseu Guilherme chega ao Rio de Janeiro foi deflagrada a Revolta da Armada contra Floriano Peixoto, que aproveita a oportunidade e ordena que o Governador de Santa Catarina seja preso pelo fato de ele ter se manifestado favoravelmente ao movimento revolucionário.

A Revolta da Armada, a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul e o fato de Santa Catarina ter sido o único estado a ser comandado pela oposição a Floriano Peixoto culminou na instalação de um Governo Revolucionário da República na cidade de Desterro que foi de 30 de setembro de 1893 até 18 de abril de 1894. Era, portanto, a terceira vez que

um governo republicano paralelo se instalava em solo catarinense em oposição ao governo central².

Durante o governo Revolucionário houve tentativas de o Governo Central reestabelecer a ordem. Na capital Catarinense havia um baluarte do 25º Batalhão contra os revolucionários que haviam recebido ordem do Rio de Janeiro de impedir a aproximação do cruzador da República que era comandado por Frederico de Lorena, presidente do Governo Provisório Revolucionário do Brasil. Entretanto, pela escassez de munição e pela dificuldade de transporte de soldados para a fortaleza no norte da baía, Frederico de Lorena intimou o coronel Serra Martins a entregar a cidade, caso contrário ele invadiria a fortaleza e as mortes de civis ou destruição de propriedades seriam de sua responsabilidade.

O presidente do Estado, Cristóvão Nunes Pires, comunica Floriano Peixoto que as forças estaduais estavam prontas para defender a República. Durante a leitura do texto histórico de Corrêa percebe-se que na realidade isso não passava de um grande blefe ou de uma força temporária já que, pela falta de recursos financeiros e desorganização do movimento revolucionário, sete meses após seu início era derrotado pelas tropas Federais. Floriano Peixoto determina que cinco navios e quatro torpedeiros se desloquem para a Ilha de Santa Catarina. Quatro dias após o bombardeio que oficializa a retomada de Desterro, o coronel Antônio Moreira César toma posse do Governo estadual.

Com Moreira César no governo iniciaram-se as prisões políticas de civis e militares que foram apontados pelos republicanos locais como opositores ao governo de Floriano. Os revoltosos foram perseguidos, alguns conseguiram fugir, outros foram caçados por todo o território da ilha até serem presos e em alguns casos eram retirados violentamente de suas casas à noite. A relação dos mortos na Ilha de Anhatomirim e jogados ao mar, segundo Corrêa (2005), até hoje é divergente entre os historiadores.

Com a ordem reestabelecida pelas tropas de Floriano uma eleição é realizada e em 8 de setembro de 1894 o desterrense Hercílio Pedro da Luz era eleito governador de Santa Catarina. Com o partido Republicano no poder, ressurgiu uma ideia antiga de mudança do nome da capital. Em 1888 o deputado Francisco Luiz de Medeiros entrou com um projeto de lei de mudança no nome da capital para ser *Ondina* em homenagem às ninfas mitológicas do amor que viviam nas águas. Segundo ele *Desterro*

² “Os outros dois governos foram o instalado em Laguna, em 1835, conhecido como República de Lagunense, e o de Lages, no mesmo ano, ambos em oposição ao Imperial de D. Pedro II” (CORRÊA, 2005, p. 361)

lembrava desterrado, presídio. O projeto recebeu parecer favorável, mas alguns acreditavam que havia outros nomes no vocabulário brasileiro não havendo a necessidade de inspiração grega. Algumas indicações de nomes surgiram na imprensa da época como *Baía Dupla*, *Nossa Senhora da Baía Dupla*, *Boa Vista* e *Ponta Alegre*.

Em sessão pública de 17 de maio de 1894, realizada no então teatro Santa Isabel, hoje Álvaro de Carvalho, o desembargador Genuíno Firmino Vidal Capistrano apresentou proposta de mudança do nome para Florianópolis, em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, “Consolidador da República”. Consultados os Conselhos Municipais do interior do estado, todos foram unânimes em aprovar a sugestão, o mesmo ocorrendo com a opinião da imprensa. [...] Desta maneira, a proposta foi encaminhada ao Congresso Legislativo em 10 de setembro e aprovada, através da Lei nº 111, de 1º de Outubro de 1894, sendo sancionada pelo Governador Hercílio Pedro da Luz, que já havia tomado posse. (CORRÊA, 2005, p. 272)

A homenagem a Floriano Peixoto o “Consolidador da República” foi feita e Desterro passou a se chamar Florianópolis. Uma campanha foi realizada contra a mudança do nome principalmente pelos familiares desaparecidos durante o governo de Moreira César e, segundo Corrêa, em virtude da “lenda de que Floriano Peixoto foi o mandante direto das mortes na Ilha de Anhatomirim, de acordo com suposto telegrama³ lido no Senado brasileiro, em 9 de julho de 1896, pelo senador Costa Azevedo” (CORRÊA, 2005, p. 272)

Corrêa (2005) argumenta a respeito da veracidade do telegrama com base nos seguintes pontos:

1º: Os senadores questionaram sobre a autenticidade do telegrama, pois a procedência era pela Estrada de Ferro Central do Brasil e não pela Repartição Geral dos Telégrafos que seria o mais comum;

³ O teor do telegrama é o seguinte:

Estrada de Ferro Central do Brasil – Estação do Rio, 8 de 5 de 1894 – Prefixo S – Número do telegrama 540 – Número de palavras 18 – Hora da apresentação 4 horas e 50 minutos pelo telegrafista J. M. B. S. – Procedente do Desterro – Marechal Floriano Peixoto, Rio. – Romualdo, Caldeira, Freitas e outros foram fuzilados segundo vossas ordens – Antônio Moreira César.

2º: Se o telegrama fosse realmente verdadeiro, o original estaria de posse de Floriano, mas pela gravidade da informação ele provavelmente teria sido cifrado. O telegrama não havia sido enviado pela Repartição Geral dos Telégrafos nem do Cabo Submarino, mas apresentado em um papel da Estrada de Ferro Central do Brasil, que não possuía agência em Desterro e a mais próxima estava a 200 léguas da cidade;

3º: Todos os telegramas assinados por Moreira César que eram dirigidos a Floriano Peixoto eram assinados por *Moreira César, Coronel* e não *Antônio Moreira César*;

4º: Lauro Müller dá um depoimento em defesa a Floriano dizendo que em uma visita sua ao Rio de Janeiro, para um encontro com Floriano Peixoto, no momento de seu regresso, o Presidente foi a bordo pois queria escrever ao coronel Moreira César. Müller forneceu-lhe carta-bilhete e lápis tinta, Floriano escreveu, fechou a carta e pediu que Müller entregasse-a para Moreira César. A partir disso Moreira César não tomou mais nenhuma atitude sem consultar Lauro Müller. Anos após, com Floriano já morto, às vésperas de Moreira César partir em uma missão para Canudos, ele presenteou Müller com a carta que Floriano havia escrito e o teor da carta poupou muita violência, perseguições, morte e dor aos catarinenses.

Com base nesses pontos, Corrêa (2005) diz que não existe, de fato, em termos documentais alguma prova que incrimine diretamente ou indiretamente o marechal Floriano Peixoto nos fuzilamentos e mortes em Desterro. Segundo ele a responsabilidade é do coronel Moreira César, que era o governador do Estado na época, e principalmente ao seu Chefe de Polícia, Belerofonte. Corrêa diz ainda que os historiadores, ao longo dos tempos, fizeram questão de não se aprofundarem até que ponto os republicanos catarinenses tiveram realmente culpa em denunciarem seus co-estaduanos e adversários políticos aos seguranças de Moreira César, ou sequer em os defenderem das acusações e prisões. O fato é que muitos morreram, as famílias que perderam seus entes não se conformaram com a homenagem feita a Floriano Peixoto com a mudança do nome de Desterro para Florianópolis. A responsabilidade pelos fatos? Permanece misteriosa até os dias de hoje.

Em 1926 foi inaugurada a Ponte Hercílio Luz, não havendo modificações na estrutura da cidade tendo sua base econômica nos pequenos comércios e na administração pública o que garantia a entrada de recursos financeiros que mantinha a manutenção do núcleo urbano, porém facilitando o acesso à ilha dos moradores de São José, Biguaçu e Palhoça. Com o crescimento da cidade começa-se a pensar na necessidade da criação de um centro de educação superior, até porque era difícil para os jovens catarinenses deslocarem-se às duas capitais mais próximas para

estudar, no caso Curitiba e Porto Alegre. Foi então que em 1917 José Boiteux mais um grupo de abnegados resolveram criar o Instituto Politécnico de Florianópolis. Nele existiam dois tipos de cursos o Preparatório, que seria o antigo ginásio, e o de Especialização, que seria de nível superior, oferecendo os cursos de Farmácia, Engenheiros Geógrafos e Odontologia. Porém, em virtude da falta de corpo docente para determinadas áreas e na impossibilidade de remunerar dignamente seus professores o Instituto Politécnico fechou as portas em 1935.

As dificuldades não impediram Boiteux de persistir na ideia da criação de uma escola de ensino superior em Florianópolis. Após sua ida a Portugal na busca de documentos que tratavam da história de Santa Catarina que contribuíram na delimitação territorial com o Paraná foi criado o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, o Instituto Politécnico, a Academia Catarinense de Letras e a criação da Faculdade de Direito em 1932. Juntos no processo de criação estavam os desembargadores Américo da Silva Nunes e Henrique da Silva Fontes. A faculdade se instalou inicialmente na esquina da rua Felipe Schmidt com a Praça 15 de Novembro, ela se firmou no conceito da sociedade catarinense. Nas décadas de 1940 e 1950 foram criadas a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Faculdade de Ciências Econômicas, a Faculdade de Serviço Social, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada em 1954, atraiu para o bairro Trindade uma grande população universitária que até então era dispersado por diversos pontos da cidade. Surgiu, então, a ideia de transformá-la em Universidade Particular, posteriormente em Universidade Estadual. Foi então em 1955 que o professor Henrique da Silva Fontes conseguiu a aprovação pelo Governo Estadual da criação de uma Fundação Universidade de Santa Catarina. Um terreno da então Fazenda Assis Brasil, no bairro Trindade, foi cedido e ficou a cargo da Fundação a elaboração da Cidade Universitária. Muitos estudantes do interior do estado começavam a vir para a capital em virtude do grande número de estabelecimentos de ensino superior. Foi então que por meio da Lei nº 3.849 de dezembro de 1960, criou-se a Universidade Federal de Santa Catarina, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras passa a fazer parte da nova Universidade.

A criação da Universidade Federal de Santa Catarina representou uma alavanca maior em todo o progresso urbano, populacional, científico e cultural da capital catarinense, pois, além de

deslocar uma considerável população de estudantes para o bairro da Trindade, exigiu a abertura de moderna via de ligação entre o centro da cidade e aquele antigo arrabalde que no início do século XX só existia para as competições de corrida de cavalos. (CORRÊA, 2005, p. 336)

É possível perceber que a fundação da Universidade Federal de Santa Catarina impulsionou um grande olhar no quesito educação no Estado. Foi então que segundo Corrêa (2005), no governo de Celso Ramos, que a Faculdade de Educação foi criada em maio de 1963, dando marco para o início da Universidade Estadual. No ano seguinte, foi criada a Escola Superior de Administração e Gerência, ESAG, e em maio de 1965, por meio do decreto nº 2.802, foi fundada a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, UDESC.

Outro fato nos chama a atenção para um grande impulso de desenvolvimento e incremento populacional em Florianópolis. Na década de 1970 foi instalada a Eletrosul, empresa federal com sede em Florianópolis, incumbindo-se da produção e distribuição de energia elétrica para todo o sul do Brasil. A empresa atraiu mais de 2000 mil engenheiros e outros profissionais com suas respectivas famílias. Sua sede foi fixada no bairro Pantanal, que é localizado nas proximidades da Trindade. Outro elemento que colaborou no período foi a construção da BR-101 ligando pelo litoral, com imediações em Florianópolis, as capitais dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. A população de Florianópolis das décadas de 1950 e 1960 que era de 48.264 mil habitantes, passa para 72.889 mil habitantes na década de 1970.

Florianópolis durante muitas décadas foi ligada à pesca artesanal, ao funcionalismo público, aos pequenos comércios, possuindo características de uma cidade provinciana. A população começa a perceber seu crescimento e a possibilidade de atrair riqueza. Começa-se um investimento na melhoria das vias urbanas, possibilitando aos moradores acesso a vários pontos da cidade, até porque muitos não conheciam as belezas naturais da ilha, o turismo passa a ser uma grande fonte de renda para a população florianopolitana. No interior da ilha novos bairros foram abertos, estradas foram asfaltadas e alargadas, hotéis foram construídos e Florianópolis começa a ter uma grande ocupação territorial.

Muitas empresas saem da região central e passam a ocupar outros bairros como é o caso do Itacorubi que teve a instalação da UDESC, a Telesc (atualmente a Oi), a Fiesc, a Universidade Única, a Celesc, o

Hospital do Câncer, muitos edifícios e centenas de residências. O bairro Saco Grande deixa de ser uma área que somente leva ao Norte da Ilha para ser ocupado por centro de compras, tecnológicos e pelo Centro Administrativo do Governo do Estado. Empreendimentos imobiliários possibilitaram a ampliação e modernização de bairros como Jurerê Internacional, Praia Brava, Cacupé além de grandes centros turísticos no norte da ilha como Canasvieiras e Ingleses.

A Florianópolis do início do século XX é totalmente diferente da atual. Hoje, a cidade é composta pela Ilha de Santa Catarina e pela região Continental (Figura 1), além de outras pequenas ilhas possuindo uma área territorial de 675,409 Km². Segundo estimativa de 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, o município conta com uma população de 469.690 mil habitantes e é a capital com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do Brasil, ocupando a 3^a posição no ranking geral conforme divulgação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento de 2010 (PNUD⁴) da Organização das Nações Unidas, ONU, que leva em conta os dados do Censo de 1991, 2000 e 2010 e o IDHM é divulgado a cada 10 anos.

⁴ <http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-Municipios-2010.aspx>

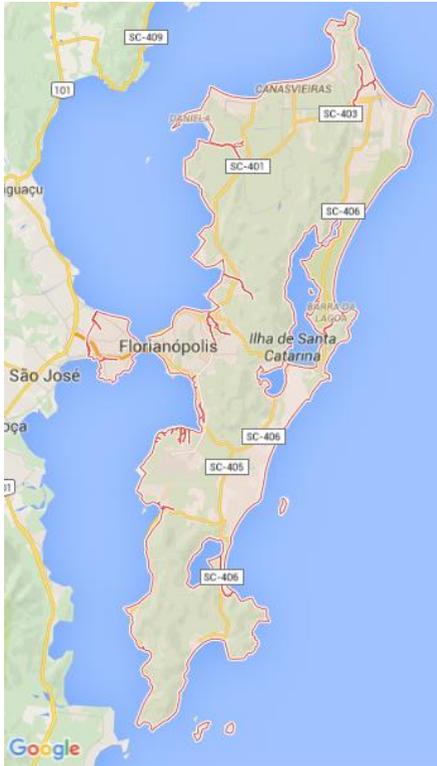


Figura 1: Mapa de Florianópolis/Santa Catarina (Fonte: Google)

1.2 INGLESES DO RIO VERMELHO: O GRANDE BALNEÁRIO DO NORTE DA ILHA DE SANTA CATARINA

Conforme já citado anteriormente, alguns bairros de Florianópolis passam a ter um grande desenvolvimento a partir da década de 1970. É o que acontece com o distrito de Ingleses do Rio Vermelho (Figura 2) (que é formado pelo Sítio do Capivari, Ingleses Norte, Ingleses Centro, Ingleses Sul e Santinho) que se localiza a 35 Km do centro da cidade, localidade escolhida para a coleta empírica utilizada neste trabalho. Conforme Augusto César Zeferino (2008) na obra “Ingleses do Rio Vermelho: o lugar e a gente” com uma área de 20,47 Km² a localidade possui uma base física necessária para a acomodação da vida local, o que contribuiu com uma nova forma de economia após os anos de 1970 com a exploração do turismo por excelência.

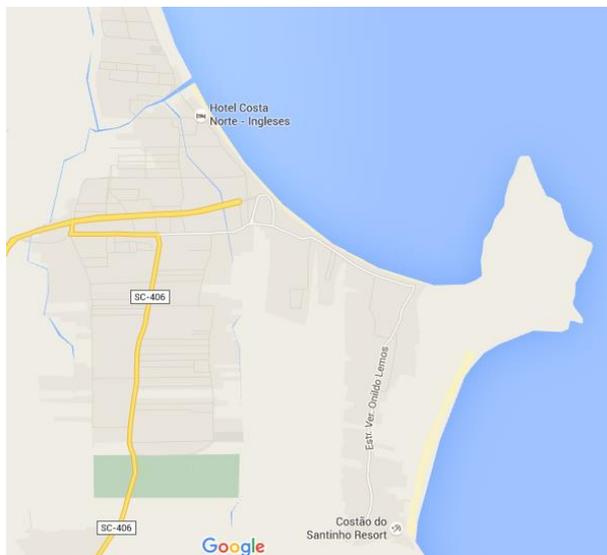


Figura 2: Bairro Inglêses do Rio Vermelho/Florianópolis/Santa Catarina (Fonte: Google)

Zeferino (2008) conta que o distrito foi criado por meio de um Decreto-lei de 11 de agosto de 1831 e que o nome Inglêses se dá pelo naufrágio de uma barca de nacionalidade inglesa na localidade e que alguns náufragos sobreviventes teriam lá fixado residência. Alguns moradores mais antigos do bairro dizem ainda que é pelo fato de o primeiro morador da localidade ter sido um cidadão inglês. Entretanto, ambas são somente conjecturas, pois nada até hoje foi provado pelos historiadores. A versão dita por Zeferino (2008) é a mais aceita por aqueles que se aventuram na investigação.

O escritor e jornalista catarinense Crispim Mira publicou um artigo em 1920 no *Anuario barriga-verde para 1920* com o título “Praia dos Inglêses”. Ele inicia dizendo que “É um crime residir em Florianópolis e não visitar, ao menos uma vez por ano, a admirável praia dos Inglêses” (MIRA (1920), *apud* ZEFERINO (2008), p. 41), ressaltando as belezas naturais da praia, sobre a vegetação, o verde do mar, a praia do Santinho e as dunas que se modificam conforme a direção do vento. A pesca no bairro é descrita por ele da seguinte forma:

Diariamente, desde o romper do dia, a linda praia vive cheia de pescadores á rede. Em maio e junho, que é a época da tainha de corso, o movimento é

considerável. Por esse tempo todos se dedicam á pesca, inclusive senhoras, velhos e crianças, que de puxadeira á cintura (a puxadeira é uma pequena corda qualquer, de um metro ou menos, com uma lançada na cintura e que se amarra ao cabo da rêde e se desata quando se quer), auxiliam a puxar a rêde para terra, num alegre trabalho de 5 a 6 horas. A abundancia daquele pescado é tão grande, então, que os patrões das redes desanima de o contar. Admiravel estação balnear ha de ser a que um dia fôr ahi construída. Linda praia, boa gente, tudo barato e alegre. (MIRA (1920), *apud* ZEFERINO (2008), p. 41)

Interessante observar que Mira já previa que a praia seria no futuro um balneário, fato que se solidifica nas últimas duas décadas do século XX. Conforme Zeferino (2008) o bairro Ingleses, como as demais localidades da Ilha de Santa Catarina, teve como seus primeiros habitantes índios Carijó. No século XVIII foi quando ocorreu a ocupação maior com a chegada de casais açorianos que vieram de localidades do entorno como a Barra da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa, Canasvieiras, Rio Vermelho e Ponta das Canas. Há também um número significativo de residentes do município de Governador Celso Ramos que migrou para Ingleses. Com isso os traços fisionômicos, a culinária, o modo de falar, a dança, as crenças, histórias e a farra do boi estreitam laços de amizade entre as duas localidades até hoje.

Ingleses do Rio Vermelho até a década de 1970 era uma vila de pescadores-agricultores. Boa parte dos moradores trabalhavam com a pesca nas épocas de safra de tainha, anchova e outras espécies, mas também no plantio de mandioca para a produção de farinha e de cana para a produção de açúcar, além de feijão e amendoim. Animais também eram criados, o gado servia para a tração de produtos da agricultura, da pesca ou de lenha, cavalos para o transporte pessoal e cargas, porcos para a produção de carne, cabras e vacas forneciam leite.

Conforme já dito, a partir da década de 1970 grandes transformações locais ocorrem. As belezas naturais passam a ser exploradas turisticamente e a população visitante acaba por movimentar toda a estrutura dos moradores locais. Os atributos físicos de Ingleses foi fator determinante para que alguns visitantes estabelecessem residência permanente ou temporária e com isso contribuindo para o desenvolvimento do comércio local.

A pesca continua como parte de sustento dos moradores locais, mas as grandes áreas utilizadas para a agricultura passam a ser ocupadas por empreendimentos comerciais, ruas, vielas, prédios e centenas de casas. Os antigos moradores do bairro, que praticamente se conheciam pelos nomes, começam a perceber que a vida pacata perde espaço para os barulhos dos carros, as conversas de muro são substituídas por sofá e televisão, o poço d'água perde lugar para a caixa d'água e a torneira, a vida moderna definitivamente chega ao bairro.

Com o aumento da população o transporte urbano é ampliado, permitindo acesso a saúde, escolas e menos dificuldade para chegar ao centro da cidade. Segundo o IBGE, a população passa de 2.016 habitantes em 1970 para 28.632 habitantes no censo de 2010. Conforme conta Zeferino (2008) a população era constituída basicamente por descendentes de açorianos, mas a partir da década de 1980 passa a receber um grande número de migrantes de estados como Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul e interior de Santa Catarina. É provável que atualmente a quantidade de nativos seja bem inferior aos que vieram de fora. Em um curto espaço de tempo, a comunidade predominantemente pesqueira e agrícola passa para uma comunidade voltada ao comércio, à prestação de serviços ao turismo.

1.3 A LÍNGUA: OS AÇORIANOS E SUA INFLUÊNCIA CULTURAL

Paralelamente à história política vamos explorar um pouco mais no aspecto cultural a influência açoriana na fala litorânea catarinense. Conforme Oswaldo Antônio Furlan (1989) na obra “Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina” a migração açoriana se dá entre os anos de 1748 e 1756 e, com os açorianos, além dos costumes, a fala também foi algo que ficou registrado como característica no processo de influência da construção da identidade do manezinho.

Furlan (1989) apresenta alguns traços da herança açoriana no modo de falar dos catarinenses do litoral. No aspecto fonético ele trata do chimento do /S/ travante que é exemplificado pelo autor pela famosa expressão “Se queres, queres; se não queres, dize” (FURLAN, 1989, p. 80). Fala também a respeito de outros traços como a palatalização/africação do /t/ (tia / tʃia), da absorção de iode por /S/ palatalizado (dois / doʃ), pronúncia velar/uvular do fonema /r/, rapidez do ritmo. Outra marca apresentada pelo autor é o caso da permuta que ocorre com o [t] e o [s] presentes na desinência número pessoal das formas verbais de 2ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo que ao invés de

dizerem *compraste*, *vendeste* e *foste* são utilizadas as formas *comprasse*, *vendesse* e *fosse*. Esse fenômeno de permuta é conhecido como assimilação.

O autor aborda também a respeito do uso marcante do *Tu* como forma de tratamento familiar ou íntimo combinado com verbo na 2ª pessoa do singular que não foi substituído pelo *Você* como ocorreu em muitas regiões do Brasil. Para ele o “tuteamento é a forma típica e geral de tratamento entre familiares, amigos e colegas de profissão. Por *Você* são tratados os interlocutores que não se acham incluídos nesse âmbito social” (FURLAN, 1989, p. 151).

Segundo o autor, o *Você* guarda os resíduos da formalidade de *Vossa Mercê* e o uso do *Você* entre familiares denotaria que o falante não possui ascendência açoriana. O tuteamento é a forma adotada em toda a área açoriana-catarinense e que compreende todos os seus níveis sociolinguísticos.

Furlan (1989) realizou estudos observando o uso do tuteamento em relação ao voçamento na Ilha de Santa Catarina e o predomínio do *Tu* foi evidenciado por meio de vários modos, entre eles estão a análise de textos de caráter popular como poesias, orações, benzeduras, quadras expressivas do “pão-por-Deus” e do texto cantado do folclore “boi-de-mamão”. Ele cita uma passagem de um texto de Franklin Cascaes em que no discurso das personagens elas fazem uso do voseamento respeitoso e de formas derivadas do *Vossa Mercê*.

SERAFIM – Vicente, se não *tás* munto acupado vambo dá um pilinho inté na casa do Antonho Diulindo?

DIULINDO – Entre prá dentro, rapazes, que eu tô de saída, magi vô atindê *vancês*. Antõ, como é que vão?

OS DOIS – Vamo bem.

DIULINDO – E as *vossa* famílias, tão passando bem?

OS DOIS – Tão, sô Diulindo, tão sim sinhôri...

.....

.....

DIULINDO – O Vicenti tá do *vosso* lado, sô Serafim, de tistimunha...

SERAFIM – Sô Antonho Diulindo, tá tudo mundo bão, tá certo o que *vossa mecê* cunversô, eu acho, e agora chegô a minha vegi e eu peço licença a *vossa mecê*, prá móde fazê uma pergunta.

DIULINDO – Sim sinhori, sô Serafim, a licença *vossa mecê* tem toda.

SERAFIM – Os sinhôri falô no caminho da *vossa* conversa cô Vicente é tistimunha de osvido de pudê de gente daqui. (CASCAES, 1983 *apud* FURLAN, 1989, p. 152)

Como é possível perceber nos diálogos entre as personagens de Cascaes existe um respeito entre elas, portanto o tuteamento não fica em evidência. Contudo, em um estudo realizado com 200 informantes de várias regiões e 218 estudantes de Florianópolis, de diferentes escolas, representando os três graus de escolaridade, Furlan observa o oposto. A metodologia utilizada foi por meio da formulação de perguntas a familiares ou amigos e os resultados encontrados foram de cerca de 60% para uso do *Tu*, 15% para uso do *Você* e 20% para uso do *Tu+Você*.

Observamos que, numa relação mais próxima, o predomínio do uso do *Tu* em relação ao *Você* se mostra bem evidente nas áreas de colonização açoriana. Na dissertação de mestrado de Nunes de Souza (2011) a pesquisadora cita os estudos de Furlan (1989), apresentando outras questões significativas sobre as heranças açorianas deixadas em Florianópolis. Ela relata que ainda hoje o nativo carrega consigo as marcas de um povo provinciano, fechado, desconfiado.

Trabalhos sociolinguísticos anteriores realizados em Santa Catarina já pesquisaram também a respeito de Florianópolis e do bairro Ingleses e seus moradores como é o caso dos estudos de Monguilhott⁵ (2009) e Rocha (2012), contudo ambas tinham uma abordagem diferenciada daquela que nos propomos a fazer. As pesquisas investigaram informantes de outras localidades de Florianópolis, além de Ingleses, no nosso caso o estudo é com adolescentes que estudam em uma escola do bairro Ingleses, independentemente de serem nativos ou não nativos de Florianópolis.

Síntese do Capítulo 1

Neste capítulo realizamos um resgate histórico da cidade de Florianópolis, falando sobre sua fundação, a grande polêmica a respeito

⁵ MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e PE. Tese (Doutorado), Florianópolis, UFSC, 2009.

da escolha do nome do município e também sobre o seu desenvolvimento. Na sequência tratamos a respeito do bairro Ingleses, local em que esta pesquisa se concentra, desde a época em que era uma pequena comunidade pesqueira e agrícola até a formação do grande balneário dos dias atuais. Mencionamos também a respeito da língua açoriana e suas influências culturais na formação da identidade do manezinho.

No capítulo a seguir apresentamos nosso referencial teórico.

CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO

A Sociolinguística Variacionista tem como princípio desmistificar Neogramáticos, Estruturalistas e Gerativistas da língua como um sistema homogêneo que considerava que os fenômenos em variação categorizam a comunicação do dia-a-dia como um grande caos e, portanto, não podiam ser investigados. Proposta por William Labov (1966), a Teoria da Variação e Mudança tem como abordagem teórico-metodológica mostrar exatamente o oposto do caos, vendo regularidade e sistematicidade tanto nos processos variáveis quanto nos processos de mudança em curso, analisando a língua como um sistema heterogêneo. Neste capítulo vamos discutir a respeito de alguns pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança, tendo como base os textos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]).

2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

A sociolinguística Variacionista, também chamada de Sociolinguística Quantitativa nasce com os estudos de William Labov na década de 1960, indo na contramão dos postulados *neogramáticos*, *estruturalistas* e *gerativistas* que enxergam a língua como um sistema homogêneo. Segundo Labov (2008 [1972]) “[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV 2008 [1972], p. 21). Os trabalhos de Labov que, posteriormente, consolidaram a Teoria da Variação e Mudança foram a sua dissertação de mestrado sobre o inglês falado na ilha de *Martha’s Vineryard*, que teve como objeto de estudo a centralização dos ditongos (aw) e (ay) (trataremos sobre isso na seção 2.2), e sua tese de doutorado sobre a estratificação do inglês falado na cidade de Nova York tendo como variável a ausência ou a presença do <r> em posição pós-vocálica, ambos orientados por Uriel Weinreich, na Universidade de Colúmbia, Estados Unidos.

Para Labov (2008 [1972]) uma mudança linguística pode envolver três problemas distintos que ele classifica como a origem das variações linguísticas, a difusão e a propagação das mudanças linguísticas e a regularidade da mudança linguística.

O modelo que subjaz a essa tripartição requer como ponto de partida a variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos. Essas variações podem ser introduzidas pelos processos

de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. A maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada. (LABOV, 2008 [1972], p. 19)

A língua é viva, ela vai variando e mudando conforme o uso dado pelos falantes. A partir do que diz Labov (2008 [1972]) é preciso haver interação entre o sistema linguístico e as características fisiológicas e psicológicas dos indivíduos, sendo assim as variações irão ocorrer, podendo ser passageiras, concorrer com formas já presentes ou até mesmo substituir uma forma por outra, no caso de uma mudança completada. Podemos citar o caso do *Vossa Mercê* que era pronome de tratamento, se modifica no decorrer do tempo, passando por *vosmecê*, *vossuncê*, *vassuncê*, *mecê*, *vancê*, *ocê*, chegando à forma *Você* que se gramaticaliza e atualmente é considerado como pronome pessoal de segunda pessoa do singular.

Labov (2008 [1972]) conta que para a observação de uma mudança linguística, não se pode esquecer de levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. O autor cita que linguistas históricos como Jespersen, Kökeritz e Wyld que analisam a variação seguindo um determinado tempo histórico, entretanto para o autor, o passado é importante, mas o que move a variação é a força social que age no presente. Para ele, apesar das conquistas da linguística histórica do século XIX, ainda muitas áreas do estudo da mudança linguística permanecem inexploradas e ele diz que os problemas centrais da evolução linguística podem ser sintetizados com cinco questionamentos que são:

1. Existe uma direção geral para a evolução linguística?
2. Quais são os condicionantes universais da mudança linguística?
3. Quais as causas do surgimento contínuo de novas mudanças linguísticas?
4. Por meio de que mecanismo as mudanças ocorrem?

5. Existe uma função adaptativa na evolução linguística?

O autor nos leva a pensar que somente pela visão histórica não é possível comprovar ou até mesmo compreender as mudanças linguísticas, sendo que a partir daquele ponto de vista, somente as questões 1 e 2 poderiam ser respondidas. O pesquisador que se baseia na Teoria da Variação e Mudança deve se preocupar em questionar a partir dessa reflexão feita por ele, entre outras coisas, sobre as causas da mudança, sobre os mecanismos por meio dos quais ela ocorre e sobre a evolução da mudança. Para a explicação de um estudo empírico de mudanças em andamento o autor subdivide essa missão em cinco problemas distintos que são: *Restrição*, *Implementação*, *Transição*, *Encaixamento e Avaliação*, entretanto iremos discutir somente os problemas de *Transição*, *Encaixamento e Avaliação* que interessam para o nosso trabalho.

O problema de *Transição*, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), está relacionado à observação de dois estágios de uma mudança em progresso, observando o trajeto que a variação percorreu até que a mudança seja efetivada, ou seja, por qual caminho a estrutura de língua *A* passou até chegar a estrutura *B*. Eles dizem que a mudança ocorre em três estágios: (1) os falantes aprendem as formas alternativas; (2) as formas coexistem durante um tempo e os falantes passam a utilizá-las; (3) uma das formas deixa de ser usada. Mas, para que isso ocorra é preciso que haja prestígio social da nova forma (ou da forma antiga), além de a forma nova ser útil funcionalmente. Como exemplo Arduin (2005) cita o pronome de tratamento *Vossa Mercê* e sua migração para o pronome pessoal de segunda pessoa *Você*. Sabemos que os pronomes de tratamento são combinados com formas verbais de terceira pessoa, logo quando o *Você* passa a pertencer ao paradigma de segunda pessoa continua mantendo a marcação da concordância verbal da terceira pessoa, o que causa uma mudança no paradigma de segunda pessoa tanto verbal quanto pronominal.

O problema de *Encaixamento* estaria relacionado a como um fenômeno linguístico em variação se encaixa na estrutura *linguística e social*. Nesse caso, seria possível identificar onde a mudança linguística estaria ocorrendo. Podemos pensar, por exemplo, no caso do pronome *Você* que, quando migra para o paradigma da segunda pessoa, leva junto no processo os possessivos *seu/sua*, o que ocasiona variação com os pronomes possessivos pertencentes ao *Tu*, *teu/tua*. Na estrutura *social* Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) explicam que a estrutura linguística se encaixa nos contextos mais amplos da comunidade de fala, ou seja, as variações sociais são aspectos fundamentais para o processo

de mudança. Novamente, tomando o *Você* como exemplo, observamos o que diz Loregian-Penkall (2004): a probabilidade de uso do *Você* é maior por informantes do sexo masculino, por pessoas mais velhas, e por aqueles com menor grau de escolaridade.

O problema de *Avaliação* está relacionado aos correlatos subjetivos das mudanças objetivas que são observadas. Nesse ponto são correlacionadas a atitudes e aspirações gerais dos informantes com seu comportamento linguístico. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) a avaliação não pode ser deduzida dentro da estrutura linguística, mas sim no nível social. Podemos compreender que essa investigação aprofunda o entendimento dos linguistas sobre as formas variáveis encontradas na sociedade, uma vez que o falante avalia as formas utilizadas por ele ou por outros falantes. Como é o caso da resposta que tivemos de um de nossos informantes a respeito da avaliação que ele faz sobre o uso dos pronomes *Tu* e *Você*:

(4) quando eu ia fala Você o pessoal ficava olhando assim mais ou menos estranho sabe. Quem é manézinho mesmo gosta de fala Tu, Tu. Ai, tu ta tolo, eles ficam falando desse jeito. Eu já falo você, o você, chega aqui mais. Ai eles falava Tu. Pra mim eu estranhava bastante né, porque ô vo te fala, pra mim Tu fica muito informal, um negócio muito informal, se eu falo Você parece pouco mais formal dá pra usa mais com todo mundo. Tu parece que eu to falando com um amigo um irmão, o Tu vem aqui. (VinBAM18)

Conforme a avaliação que o falante faz de alguma forma linguística pode ocasionar que ele passe a utilizá-la ou não. Logo, as avaliações positivas pelos membros de uma comunidade de fala podem impulsionar o uso de determinada forma, acelerando a mudança linguística. Já as avaliações negativas, em geral, desestimulam o uso, modificando os rumos da variação e da mudança em curso.

Coelho *et al.* (2015) afirmam que o *locus* do estudo da língua é a comunidade de fala, não o indivíduo. Conforme os autores, a Sociolinguística se preocupa em observar essencialmente a gramática geral da comunidade de fala e não o sistema específico de um ou outro indivíduo. Os autores ainda dizem que “é preciso considerar que a uniformidade das normas compartilhadas pelo grupo ocorre quando a variável linguística possui marcas sociais evidentes” (COELHO *et al.* 2015, p. 68), portanto é possível observar que com a consciência desses usos os falantes são capazes de emitir juízos de valores entre uma forma linguística variável para outra.

Para a Sociolinguística Variacionista a observação de um fenômeno em variação ocorre dentro de uma comunidade de fala. E segundo Labov (2008 [1972], p. 150) “por meio de observação do comportamento linguístico, é possível fazer estudos detalhados da estrutura da estratificação de classe numa dada comunidade”, ou seja, podemos compreender que a mudança inicia com as interações entre os indivíduos e não na fala de um indivíduo só.

Para Labov, a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

Guy (2001) amplia essa discussão sobre comunidade de fala, entendendo-a como (1) um grupo de falantes que compartilham traços linguísticos e que se diferenciam de outros grupos; (2) se comunicam entre si com mais frequência do que com outros grupos; e (3) devem possuir as mesmas normas e atitudes perante o uso da linguagem. Segundo ele quando se trata de variação, as diferenças entre comunidades de fala, correspondem às diferenças gramaticais, ou seja, diferenças em efeitos contextuais, e ao mesmo tempo, diferenças entre os indivíduos que pertençam a mesma comunidade de fala devem ser de natureza não-gramatical, portanto há diferenças no nível geral de usar ou não um fenômeno variável.

Ainda segundo Guy (2001, p. 4) “tendemos a falar como aquelas pessoas com quem falamos mais”, porém, ele diz que não se trata de algo automático e que o contato linguístico não contribui para que o falante adote determinadas características, para isso seriam necessárias questões de atitude e de vontade que podem ser definidos por meio da identificação com a comunidade de fala, ou seja, o falante realiza uma avaliação das diferentes formas de falar e tende a adotar as formas mais prestigiadas da língua, descartando as formas estigmatizadas.

Tomando a definição de comunidade de fala de Guy, consideramos a amostra empírica investigada neste trabalho como pertencente a uma comunidade de fala heterogênea. Nossa amostra é composta por informantes adolescentes com idades entre 16 e 18 anos, nativos de Florianópolis (filhos de pais nativos), florianopolitanos (filhos de pais nascidos em outros Estados) e aqueles que são de fora (Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Goiás e Bahia). Logo, nossa hipótese é de que alguns informantes se comportem de maneira diferenciada perante o uso dos paradigmas pronominais do *Tu* e do *Você*, por pertencerem a

comunidades distintas e outros se comportem de maneira similar, por pertencerem a uma mesma comunidade. A caracterização dos nossos informantes será realizada no Capítulo 4 desta dissertação.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), dizem que uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística.

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses sistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima covariação entre as variáveis linguísticas. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 108)

A mudança começa quando ocorre uma generalização de uma alternância num determinado subgrupo de uma comunidade de fala e ela assume uma direção e o caráter de uma diferenciação ordenada, portanto ela é sistemática. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) dizem também que toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade, mas nem toda variabilidade e heterogeneidade implicam mudança. Para haver mudança linguística tem que haver variação e a mudança ocorre dentro de uma comunidade de fala. Segundo os autores a mudança linguística é transmitida dentro da comunidade, não estando confinada a etapas discretas dentro da família, portanto, quaisquer processos descontinuados encontrados na mudança linguística são produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.

Coelho *et al.* (2015) argumentam que a língua possui uma estrutura, mas também é dotada de variabilidade, tratando-se assim de um sistema heterogêneo.

Além disso, não se concebe a variação como uma propriedade que possa levar o sistema linguístico ao caos. Mesmo que a princípio se possa pensar que

a heterogeneidade implica ausência de regras, a Sociolinguística vê a língua como um objeto dotado de heterogeneidade estruturada – logo há regras sim. Decorre daí que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, que sempre se aplicam da mesma maneira, a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico. (COELHO *et al.*, 2015, p. 59)

Pode-se afirmar, portanto, segundo Coelho *et al.* (2015), que para a Teoria da Variação e Mudança “a língua é um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado” e a “competência linguística do falante comporta a heterogeneidade da língua”. Como exemplo podemos dizer que um falante que utiliza como pronome de segunda pessoa do singular o *Você* para se comunicar, ao entrar em contato com outro falante que utiliza como pronome de segunda pessoa do singular o *Tu* pode adotar este uso sem ter que abandonar a forma *Você*, da mesma maneira que um falante que utiliza a forma *Tu* também pode passar a adotar a forma *Você*.

2.2 O CASO *MARTHA'S VINEYARD*

O caso da ilha de *Martha's Vineyard* é certamente um dos grandes marcos da Sociolinguística Variacionista. A ilha fica localizada na costa nordeste dos Estados Unidos, ao sul de Cabo Cod, no estado de Massachusetts, no Condado de Dukes. Labov pesquisou a frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ e da centralização da primeira vogal na fala dos moradores dessa ilha no início da década de 1960. *Martha's Vineyard* era dividida em Ilha baixa, onde viviam três quartos da população permanente e era formada pelos vilarejos de *Edgartown*, *Oak Bluffs* e *Vineyard Haven*; e Ilha alta que era estritamente rural com a preservação dos costumes nativos, com poucos lugarejos, casas de veraneio isoladas, grandes áreas desabitadas ou improdutivas e era formada pelos vilarejos de *Edgartown*, *Oak Bluffs*, *Tisbury*, *West Tisbury*, *Chilmarke* e *Gay Head*.

Os grupos de vineyardenses nativos se dividiam em quatro grupos étnicos, que segundo Labov (2008 [1972]), eram essencialmente endógamos. O primeiro grupo era formado por descendentes das velhas famílias inglesas que se estabeleceram na ilha entre os séculos XVII e

XVIII, o segundo era de ascendência portuguesa de origem dos Açores, da Madeira e de Cabo Verde, o terceiro grupo era do remanescente indígena de *Gay Heade* e o quarto grupo era bem diversificado, formado por pessoas de origem inglesa, franco-canadense, irlandesa, alemã e polonesa. Labov (2008 [1972]) descreve *Martha's Vineyard* como um território conhecido entre os linguistas como uma área de conservação do inglês americano, ele diz que era “uma ilha de pronunciadores de *r* num mar de ausência do *r*” (LABOV, 2008 [1972], p. 24).

Martha's Vineyard é uma ilha que recebe milhares de turistas entre os meses de Junho a Agosto, e conforme Labov (2008 [1972]) essa maré de pessoas que invadem a ilha teve uma influência relativamente pequena sobre o falar da localidade, entretanto o autor ressalta que a crescente dependência de uma economia turística exerceu efeitos poderosos indiretos sobre as mudanças linguísticas do falar de *Vineyard*.

Para investigar a fala desses moradores, Labov (2008 [1972]) criou um modelo de entrevista que fornecesse a ele vários exemplos das variedades linguísticas (ay) (que poderiam ser pronunciadas como [ay], [əy] e [ey]) e (aw) (que poderiam ser pronunciadas como [aw], [əw] e [ew]). Ele fez um questionário lexical usando os marcadores regionais mostrados como mais significativos no mapa do LANE⁶ com palavras como *spider, sliding, swipe, outhouse, pie, Italian, firefly*, entre outras. Labov (2008 [1972], p. 31) conta também que “perguntas⁷ acerca de juízos de valor, explorando a orientação sexual do informante, foram formuladas de tal modo a suscitar respostas contendo as formas (ay) e (aw)”. Segundo ele, as respostas proporcionaram uma rica coleta das formas dos ditongos, com usos contrastantes das variantes emocionalmente marcadas e não marcadas. E por fim, um texto para leitura especial que foi usado na escola secundária a fim de testar as habilidades de ler naturalmente uma história e com isso possibilitou-se realizar comparações mais precisas entre os falantes.

⁶LANE: *Linguistic Atlas of New England* é um mapa linguístico de descrição dos dialetos da Nova Inglaterra, região onde se encontra a ilha de *Martha's Vineyard*.

⁷“When we speak of the right to life, liberty and pursuit of happiness, what does right mean? ... Is it in writing? ... If a man is successful at a job he doesn't like, would you still say he was a successful man?” (Quando se fala do direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade, o que significa direito? ... Está escrito? ... Se um homem tem sucesso num emprego que ele não gosta, você ainda assim diria que é um homem de sucesso?)

Labov (2008 [1972]) explica que as informações da pesquisa foram coletadas a partir de 69 entrevistas com falantes nativos da ilha, sendo 42 descendentes de ingleses, 16 de portugueses e 9 de índios, essas foram realizadas em três momentos: agosto/1961, setembro e outubro/1961 e janeiro/1962. O total de informantes representava 1% dos moradores, desses 40 moravam na Ilha alta e os outros 29 na Ilha baixa. Os grupos ocupacionais foram representados da seguinte maneira: 14 da pesca, 8 da agricultura, 6 da construção, 19 do ramo de serviços, 3 profissionais liberais, 5 donas de casa, 14 estudantes, o sexo/gênero eram homens e mulheres com faixas etárias de 14-30 anos, 31-45 anos, 46-60 anos, 61-75 anos e acima de 75 anos.

Como resultado, Labov (2008 [1972]) obteve 3500 ocorrências de (ay) e 1500 ocorrências de (aw) e fez as seguintes constatações:

- Em relação à faixa etária, Labov (2008 [1972]) constatou que ocorre uma variação havendo um aumento regular de centralização, alcançando um pico no grupo de 31 a 45 anos;
- O autor percebeu algumas correlações sociais consideráveis para a observação do fenômeno em variação uma vez que nas áreas da Ilha alta rural favoreceu a centralização mais do que nas áreas da Ilha baixa. O vilarejo de *Chilmark* foi onde houve o maior número de ocorrências, ressaltando que boa parte do sustento de seus moradores vem da pesca;
- Dos grupos ocupacionais, foi o dos pescadores que mais apresentou a centralização, seguido do grupo que trabalhava com a agricultura;
- Nos grupos étnicos o destaque ficou para os descendentes de ingleses com idades entre 31 a 45 anos.

A partir desses resultados, Labov (2008 [1972]) explica que é nas áreas rurais que ocorre a alta centralização de (ay) e (aw), estando correlacionada à grande resistência entre os moradores nativos às incursões dos veranistas. O destaque está para o vilarejo de *Chilmark*, como já dito anteriormente, uma comunidade pesqueira com moradores independentes, teimosos e defensores de seu próprio modo de viver. Essa caracterização nos fez lembrar muito do nativo de Florianópolis, característica semelhante veremos na seção 4.3 a partir da descrição do “manezinho” na visão de alguns de nossos informantes.

Uma passagem bem interessante a respeito dessa marcação de identidade na ilha está na fala de um chilmarkense que é citada por Labov (2008 [1972]):

Vocês vêm pra cá, para *Martha's Vineyard*, não entendem os costumes das velhas famílias da ilha... costumes e tradições estritamente marítimos... e aquilo que nos interessa, o resto da América, essa parte do outro lado aqui da água que pertence a vocês e com que nós não temos nada a ver, se esqueceu completamente... Acho até que usamos um tipo de língua inglesa totalmente diferente... pensamos diferente aqui na ilha... é quase uma língua separada dentro da língua inglesa. (LABOV (2008 [1972], p. 49)

Martha's Vineyard na época em que a pesquisa foi realizada passava por grandes transformações econômicas e sociais. Os nativos das localidades mais tradicionais, como no caso da comunidade de pescadores de *Chilmark*, reagem negativamente aos forasteiros que traziam consigo novas práticas e culturas. Labov (2008 [1972]) conta um caso a respeito de um filho de um morador dessa localidade em que o rapaz saiu para estudar fora da Ilha e tentar a vida na cidade grande, mas não se adaptou, voltou para a Ilha e ergueu algumas empresas comerciais nas docas de *Chilmark*. O autor diz que a mãe desse nativo chegou a fazer uma observação durante um jantar de que Labov participou na casa dela “Sabe, o E. nem sempre falou desse jeito... foi só depois que ele voltou da faculdade. Acho que ele queria ficar mais parecido com os homens das docas...” (LABOV, 2008 [1972] p. 52). Para o autor, um caso nítido de hipercorreção atuando na marcação da identidade local.

Os resultados encontrados por Labov, principalmente na localidade de *Chilmark*, mostram que a centralização de (ay) e (aw) está relacionada às pressões econômicas e sociais da ilha, como uma forma de marcação da identidade local. Logo, segundo o pesquisador, o julgamento positivo da ilha entre os 40 dos 69 moradores entrevistados está relacionado com o alto índice de centralização dos ditongos, ou seja, os 40 informantes que demonstraram sentimentos positivos acerca de *Martha's Vineyard* foram os que mais centralizaram os ditongos (ay) e (aw).

Este estudo nos permite perceber que não havia condicionadores linguísticos que contribuíssem para a pronúncia dos ditongos de uma maneira ou de outra, mas sim fatores sociais, ou seja, extralinguísticos, que atuavam como decisivos na forma de falar dos informantes da pesquisa. Labov (2008 [1972]) diz que não era uma atitude consciente, mas uma maneira de distinção entre aqueles que eram nativos dos que não eram nativos.

Síntese do Capítulo 2

Discutimos neste capítulo a respeito da Teoria da Variação e Mudança que tem entre seus princípios centrais o pressuposto de que “A língua é um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado”.

Tratamos sobre o conceito de comunidade de fala que segundo Labov (2008 [1972]) é a participação de indivíduos num conjunto de normas compartilhadas. Olhar para uma comunidade de fala significa fazer uma observação do todo e não de um indivíduo ou de outro especificamente.

Falamos a respeito de Variável Linguística a partir da leitura do texto de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que é um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras coocorrentes e dentro desses subsistemas as variáveis individuais podem ser encontradas e essas definidas em função de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas.

Um dos pontos fundamentais deste capítulo diz respeito ao caso *Martha's Vineyard* discutido por Labov (2008 [1972]) que trata da centralização dos ditongos (ay) e (aw) e tem como conclusão que fatores linguísticos não atuam como fatores de influência para o uso deste fenômeno, mas sim extralinguísticos. Essa discussão é importante para este trabalho, por mostrar que determinadas formas linguísticas em variação podem ser consideradas como forma de marcação de identidade local.

No próximo capítulo apresentamos alguns trabalhos que tratam dos pronomes de segunda pessoa do singular.

CAPÍTULO 3 – VARIAÇÃO E MUDANÇA DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

As formas do paradigma do pronome *Tu* e as formas do paradigma do pronome *Você* são os objetos de estudo a serem investigados neste trabalho. No português, as formas *Tu* e *Vós* foram os pronomes escolhidos pelos locutores durante alguns séculos. Uma outra forma passa a concorrer com os pronomes *Tu* e *Vós* em meados do século XVI, a forma *Vossa Mercê* que sofre um processo de gramaticalização, transformando-se no pronome *Você/Vocês*. Essa nova forma passa a fazer parte do sistema pronominal brasileiro, indicando segunda pessoa do singular e do plural.

Nas subseções a seguir tratamos a respeito da proposta de Brown e Gilman (1960), *The Pronouns of Power and Solidarity* que nos permite compreender aspectos do poder e da solidariedade entre os falantes na escolha das formas *T* ou *V* para se dirigirem aos seus interlocutores. Apresentamos também um estudo da origem do pronome *Você* a partir de Faraco (1996). Trazemos trabalhos que tratam a respeito do *Tu* e do *Você*, que é o objeto de estudo deste trabalho, observando o que outros pesquisadores da Sociolinguística já falaram sobre o tema. Nesse ponto vamos separar a seção pelos estudos que levam em conta a variação na escrita e pelos estudos que levam em conta a variação na fala. Fechando a seção apresentamos nossos Objetivos, Questões e Hipóteses.

3.1 RELAÇÕES DE PODER E SOLIDARIEDADE

Na década de 1960 um importante estudo sobre os pronomes de poder e solidariedade foi realizado por R. Brown e A. Gilman. Para eles, a semântica dos pronomes de tratamento é embasada nas relações de poder que existem entre os interlocutores, logo, a escolha do pronome depende da posição social/hierárquica que eles ocupam. Esse uso pode indicar, por exemplo, de onde a pessoa vem ou até mesmo, sua classe social. Brown e Gilman (1960) dizem que na Europa o sistema pronominal de tratamento teve seu desenvolvimento com dois pronomes em Latim *Tu* e *Vos*, citam que em italiano eles se tornaram *tu* e *voi/lei*, em francês *tu* e *vous*, em espanhol *tu* e *vos*, mais tarde *usted*, em alemão *du* e *Ihr*, para em seguida ser *er* e depois *Sie*. Sobre os falantes de inglês eles dizem que primeiramente usavam *thou* e *ye*, e o *ye* é substituído pelo *you*.

Como convenção, a partir do Latim, Brown e Gilman (1960) propõem usar *T* para designar *Tu* (singular) e *V* (plural) para designar *Vos*,

afinal seria uma forma de representar tratamento familiar e polido, respectivamente, em qualquer idioma. Os autores contam que na antiguidade latina apenas o pronome singular *Tu* era conhecido, a forma plural *Vos* foi usada como referência para indicar somente uma pessoa a partir do século IV no tratamento ao Imperador. Eles contam que naquela época havia dois imperadores, um em Constantinopla e outro em Roma, entretanto, apesar disso, o império era comandado de forma unificada, logo ao se dirigir a um Imperador, na realidade estava se dirigindo aos dois. O *Vos* passa a ser relacionado ao poder exercido pelos imperadores, essa influência pode ter disseminado seu uso para outras forças de poder até por volta do século XIV.

Os autores dizem que a semântica do poder não é algo recíproco. Uma relação entre duas pessoas, por exemplo, em que uma é superior a outra, aquele que tiver mais poder usará *T* e aquele que tiver menos poder usará *V*. Brown e Gilman (1960) exemplificam algumas formas de poder: força física, riqueza, idade, sexo, posição ocupada na igreja, no Estado, nas forças armadas ou entre os familiares. Como exemplo dessa força de poder eles citam uma carta escrita pelo Papa Gregório I (590-604) para seus subordinados na hierarquia eclesiástica em que o Pontífice usa *T* para se dirigir a eles e os subordinados usam *V* (representando singular) para se dirigir ao Papa. Na Europa medieval a nobreza utilizava *T* para as pessoas comuns e recebia *V*, o senhor utilizava *T* para o escravo e este o respondia com *V*, da mesma forma nas relações familiares em que os mais velhos utilizavam *T* para as crianças e estas *V* no trato com eles. Os autores mostram que a história da semântica do poder, que se inicia com os Imperadores, avança por gerações chegando ao tratamento entre patrão e empregador, oficial e soldado, monarcas e subalternos.

Brown e Gilman (1960) contam que por muitos séculos franceses, ingleses, italianos, espanhóis e alemães usaram os pronomes *T* e *V* de uma forma não recíproca entre aqueles que tinham mais poder e os que não tinham poder, mas entre os iguais a relação era recíproca (ou solidária). No uso solidário podia ser *T* com *T* ou *V* com *V*, e essa definição se dava conforme a intimidade, às vezes usando o *T* numa representação mais íntima e o *V* numa representação mais formal. Os autores dizem que até o século XIX essa semântica de poder prevaleceu, entretanto a partir do século XX houve um destaque da semântica da solidariedade em que o *T* recíproco indica solidariedade e o *V* recíproco indica não solidariedade. Apesar disso, nas relações assimétricas descendentes ou ascendentes, a partir dessa semântica histórica do *T* e do *V*, pela escolha ainda é possível perceber a relação existente entre os indivíduos. Vale ressaltar que Brown e Gilman (1960) lembram que em alguns países não é mais permitido

levar em consideração a atividade exercida pelo indivíduo na escolha de uso de *T* ou *V*. Segundo eles a sociedade atual segue uma tendência de ideologias igualitárias e com isso ocasionando um aumento das relações recíprocas e uma diminuição na semântica não recíproca de poder.

Como essas relações de poder e de solidariedade se dão em uma língua como o português? As seções a seguir contam um pouco dessa história ao trazerem estudos sobre os pronomes de segunda pessoa do singular, tu e você.

3.2 UM POUCO DA HISTÓRIA SOBRE A ENTRADA DO PRONOME *VOCÊ* NA LÍNGUA PORTUGUESA

Analisar as formas de tratamento ao interlocutor possibilita aos linguistas uma observação das repercussões gramaticais decorrentes de sua diferenciação. É possível também observar quais eram as condições de uso, suas correlações com a variação linguística em geral e ainda suas mudanças no decorrer do tempo, influenciando seus valores sociais e culturais. Faraco (1996) faz um apanhado histórico a respeito da formação do *Você* na língua portuguesa, que passamos agora a resenhar.

Faraco (1996) diz que o sistema latino na forma de tratamento ao interlocutor se organizava de duas formas: o paradigma do pronome *Tu* no singular e o paradigma do pronome *Vós* utilizado tanto no aspecto formal como na referência para mais de um interlocutor. A partir do século XIV o sistema de tratamento do português passou por grandes transformações adotando, por exemplo, as estruturas *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Majestade*. Vale ressaltar que essas formas de tratamento, inicialmente, eram utilizadas exclusivamente para tratamento ao rei.

Embora outras línguas europeias tenham incorporado expressões similares, há um traço particular das línguas da Península Ibérica. Nelas, a mais antiga dessas formas (*Vossa Mercê/Vustra Merced*) evolui ao ponto de gerar um novo pronome de segunda pessoa (*você/usted*), com sua contraparte plural (*vocês/ustedes*). Esse fato teve diferentes repercussões no interior das gramáticas daquelas línguas. O novo elemento gramatical, em razão de sua principal característica (pronome de segunda pessoa do discurso, mas estabelecendo concordância com a terceira pessoa verbal) – característica que colocou em forte contraste com

pronomes antigos (que estabeleciam concordância com a segunda pessoa verbal), desencadeou diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal das línguas em questão, particularmente do português (...) (FARACO, 1996, p. 55)

O autor ressalta que essas formas eram utilizadas em situações de proximidade e intimidade, mas para a compreensão disso é necessário recorrer aos aspectos históricos da sociedade portuguesa do fim da Idade Média. A economia europeia ocidental se desenvolve a partir do século XII, atividades artesanais e comerciais crescem o que dá origem a uma nova classe social, a burguesia, esta acaba competindo com a nobreza em relação ao poder econômico e político. Faraco (1996) conta que essa nova formação fez com que diminuísse o poder dos senhores feudais devido à centralização administrativa acarretando no aumento do poder dos reis.

As mudanças passam a ser visíveis, pois a corte começa a ter uma vida mais luxuosa e a burguesia passa a ter representantes na Corte, juntamente com a nobreza e o clero. Por meados do século XIV a classe burguesa já conseguia competir com os nobres em termos de poder econômico. A sociedade passa por uma grande transformação e com ela também a língua. A burguesia urbana estava em ascensão enquanto a velha aristocracia rural estava em declínio. Faraco (1996) cita Bakhtin para exemplificar a importância da língua nesse processo.

E a língua – o mais sensível indicador das mudanças sociais, nas palavras de Bakhtin/Voloshinov (1973, p. 19) – não poderia deixar de se adaptar à nova realidade, fornecendo os meios verbais para a expressão dos novos fatos que, reorganizando a vida social, criavam novas situações comunicativas (à medida que estabeleciam novas possibilidades no emaranhado das relações interpessoais). (FARACO, 1996, p. 57)

Fatores sociais influenciaram na dinamicidade do sistema de tratamento ao interlocutor acarretando em mudanças linguísticas em vários aspectos da estrutura da língua. Formas diferenciadas de tratamento ao rei foram necessárias, visto que ele era uma personagem social única. Tradicionalmente o tratamento formal *Vós* não se mostrava mais suficiente para diferenciar tal reverência. O autor conta que um novo

pronomes de segunda pessoa do discurso foi criado e com isso havendo seu respectivo impacto na estrutura gramatical.

A mais antiga dessas novas formas parece ser *Vossa Mercê*, cujo primeiro registro escrito é o texto das Cortes de 1331 (cf. Santos Luz). Foi durante o século XV, como consequência das novas relações sociais constituídas na corte, que essa prática tornou-se dominante e novas formas de tratamento do rei rapidamente se multiplicaram, especialmente durante o longo reinado de Afonso V (1438-1481). Em 1434, *Vossa Senhoria* ocorreu pela primeira vez nos textos das Cortes; em 1442, *Vossa Majestade*; em 1450, *Vossa Alteza*; e, em 1455, *Vossa Excelência*. (FARACO, 1996, p. 58)

Durante a leitura do texto de Faraco é possível perceber uma explicação teórica para o aspecto da formalidade do uso do *Você* atualmente em relação ao *Tu*. Ele conta que rapidamente essas formas de tratamento se multiplicaram em Portugal, especialmente *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria*, formas não íntimas entre os iguais na aristocracia e que, por sua vez, passaram a exigir esse uso daqueles que pertenciam a um *status* social inferior como os serviçais, subordinados, artesãos. Com essa popularização houve a necessidade de introduzir novas formas honoríficas que fossem exclusivas de tratamento ao rei.

A forma *Vossa Mercê* passa a ser utilizada socialmente, mas não perdendo o seu aspecto de não intimidade e de forma de tratamento direcionada para a aristocracia. Para exemplificar essa mudança Faraco cita o dramaturgo português Gil Vicente em que *Vossa Mercê* é utilizada pelos seus personagens da chamada baixa burguesia. Entre os aristocratas o predomínio é o *vós* e a forma de respeito *Vossa Senhoria*. No quadro abaixo é possível perceber que em 1490 a forma *Vossa Alteza* se torna preferida para tratamento ao rei em virtude da popularização de *Vossa Mercê* e de *Vossa Senhoria*.

Formas de tratamento ao Rei

	1455	1472-3	1477	1481-2	1490
Vossa Alteza	44%	50%	54%	69%	99%
Vossa Senhoria	37%	13%	28%	24%	1%
Vossa Mercê	19%	37%	18%	7%	-

Tabela 1: Formas de tratamento ao Rei. (FARACO, 1996, p. 60)

Faraco (1996) conta que no Brasil a situação é um pouco diferente. A forma *Vossa Mercê*, a partir do século XV, se torna usual entre a população não aristocrata e foram esses aristocratas que vieram para o Brasil em meados do século XVI para a colonização. A forma *vós* estava em processo de arcaização e a forma *Vossa Mercê* em processo de simplificação fonética. As diferentes formas relacionadas ao *Vossa Mercê* são usadas como: *vosmecê*, *vossuncê*, *vassuncê*, *mecê*, *vancê*, *ocê* e *Você*.

No Brasil atual a forma *Você* é um pronome muito comum e o pronome *Tu* restrito para algumas variedades regionais. Faraco (1996) conta que essa questão se dá em virtude da formação do País e de seu processo de colonização, pressupondo então que as formas predominantes de tratamento do interlocutor eram as diferentes variantes de *Vossa Mercê*. Nas próximas duas seções, vamos tratar a respeito de estudos que olham para a variação e mudança dos pronomes de segunda pessoa do singular, *Tu* e *Você*, na escrita e na fala.

3.3 ESTUDOS DE VARIAÇÃO NA ESCRITA

Nesta seção vamos tratar a respeito de estudos que levam em conta dados de escrita realizados por sociolinguistas sobre o objeto *Tu* e *Você*. Iniciamos a nossa conversa com o estudo realizado por Lopes (2008). Neste texto ela observa a variação pronominal na escrita investigando cartas, peças de teatro e roteiros de cinema do século XIX ao XXI. Como hipótese a autora lança a ideia de que no século XIX o uso do *Tu* era majoritário e que o uso do *Você* será suplantado por volta dos anos 20/30 do século XX, no entanto há um retorno do pronome *Tu* à fala carioca acompanhado de verbo sem a marca flexional de segunda pessoa no último quartel do século XX.

Lopes (2008) discute também a questão da gramaticalização do *Você* que, segundo ela, se origina a partir de *Vossa Mercê* que aparentemente chega ao Brasil sem a forma cortês dos séculos XII-XIV. Ela apresenta esse processo da seguinte forma: *Vossa mercê* > *Vosmecê* > *mecê* > *vosse* > *Você*, e diz que uma mudança linguística como ocorrida na gramaticalização de *Vossa Mercê* > *Você* é contínua e gradual. Para Lopes (2008) o *Tu* e o *Você* coexistem no singular, entretanto a forma plural *Vocês* é praticamente categórica na posição de sujeito.

A autora lembra que atualmente no Brasil inúmeros trabalhos estão sendo produzidos com o intuito de investigar os fatores que podem determinar a variação do *Tu* e do *Você* na posição de sujeito, a variação dos possessivos *teu*, *seu* e *de Você*, uso do imperativo de segunda pessoa,

entre outros. Contudo, ela afirma que seu objetivo é investigar cronologicamente o motivo do retardo ou aceleração do *Você* ser introduzido no quadro pronominal da língua portuguesa.

Para discutir o processo de gramaticalização, Lopes (2008) cita Weinreich, Labov e Herzog (1968) dizendo que para eles “os fatores que produzem mudanças, não só no âmbito linguístico, como também no da vida humana, não são abruptos e repentinos, mas atuam lenta e gradualmente” (WEINREICH, LABOV e HERZOG (1968), *apud* LOPES (2008), p. 56). Nesse caso Lopes (2008) afirma que, seguindo a teoria da variação e mudança, a comprovação da mudança linguística requer que dois ou mais estágios de uma língua sejam observados.

A autora inicia sua análise por meio de cartas de leitores dos jornais oitocentistas, pessoas desconhecidas, pessoas escondidas no anonimato e espalhadas por três grandes localidades: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, ela revela que aqueles que escreveram as cartas são pessoas simples e comuns, mas com um diferencial, eram letrados e tinham acesso à imprensa.

A amostra analisada por Lopes (2008) parte de um estudo de Barcia (2006)⁸ e segundo Lopes, a autora revela que o *Tu* era o pronome preferido para uso em contextos de menos formalidade. Entretanto, entre os anos 1871 e 1900, o *Tu* e o *Você* entraram em competição. Como exemplos, ela cita as seguintes passagens:

(i) Não te mettas mais a escriptorpublico não, porque, segundo tenho ouvido, você espichou-se redondamente em fallar na luz eterna, no chorar as lagrimas [...] Não seas tolo [...] não te mettas a tomar partido [...] Teo amigo e mordomo do Serralho. (Carta de leitor; Diário de Minas; Ouro Preto / MG; 25/11/1876)

(ii) [...] e por isso esqueces a promessa que me fizesstes para ao despois de empregares effectivamente. Olha, e ... eu tenho guardado todo o silencio sobre a tua cartinha de 24 de junho; entretanto, já você vai se esquecendo de mim! Ah! Sou muito infeliz!! Oh! Não abandones a tua querida. (Carta de leitor; O Diabinho; Ouro Preto / MG; 12/10/1887).

⁸ BARCIA, Lucia Rosado. As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal. Dissertação (Mestrado em Letras), Rio de Janeiro, 2006.

Segundo Lopes (2008), é possível observar em (1) um tom mais pessoal o que acaba favorecendo o predomínio do *Tu* e que no único caso do uso do *Você* ele aparece em um contexto de discurso reportado. Já em (2) constata-se que tanto o *Tu* quanto o *Você* aparecem em variação no mesmo contexto funcional. A autora discute ainda que as formas de uso mais antigas não são essencialmente rejeitadas, mas coexistem e interagem com as recentes, havendo um período de transição, em que elas convivem conforme as estratégias de referência ao interlocutor.

Dando sequência, Lopes (2008) analisa o trabalho de Machado (2006)⁹ sobre peças de teatro do século XX. As peças foram ambientadas no Rio de Janeiro dos anos de 1908 até 1995, os cenários eram ambientes privados como casas e pensões, apresentavam situações corriqueiras do cotidiano. A Tabela 2 a seguir mostra os resultados da pesquisa de Machado (2006):

⁹ MACHADO, Ana Carolina Morito. A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Rio de Janeiro, 2006.

Peças em análise	Sujeito		Comp. Verb. não prep.				Compl./ adj. verbal/ nom. prep.		Possessivo		Total	
	Tu	Você	te	você	o/a	lhe	a ti/par a ti/entre outros	a você/para você/entre outros	teu(s)/tua(s)	seu(s)/sua(s)	2ª	3ª
Quebranto (1908)	29/33 (88%)	4/33 (12%)	53/76 (70%)	0/76 (0%)	7/76 (9%)	16/76 (21%)	9/10 (90%)	1/10 (10%)	43/94 (46%)	51/94 (54%)	134/213 (63%)	89/213 (37%)
O simp. Jeremias (1918)	13/123 (11%)	110/123 (89%)	24/118 (20%)	6/118 (5%)	29/118 (25%)	59/118 (50%)	4/17 (25%)	13/17 (75%)	9/94 (9%)	86/94 (91%)	50/353 (14%)	303/353 (86%)
O hosp.. Quarto 2 (1937)	0/142 (0%)	142/142 (100%)	0/6 (0%)	2/62 (3%)	18/62 (29%)	42/62 (68%)	0/10 (0%)	10/10 (100%)	0/93 (0%)	93/93 (100%)	0/307 (0%)	307/307 (100%)
Dona Xepa (1952)	1/132 (1%)	131/132 (99%)	4/21 (19%)	8/21 (38%)	2/21 (10%)	7/21 (33%)	0/8 (0%)	8/8 (100%)	3/78 (4%)	75/78 (96%)	8/239 (3%)	231/239 (97%)
Tôda.. fera (1962)	3/330 (1%)	327/330 (99%)	25/42 (60%)	0/42 (0%)	3/42 (7%)	14/42 (33%)	0/35 (0%)	35/35 (100%)	11/90 (12%)	79/90 (88%)	39/497 (8%)	458/497 (92%)
C.de bens (1980)	0/315 (0%)	315/315 (100%)	9/36 (25%)	1/36 (3%)	10/36 (28%)	16/36 (44%)	0/21 (0%)	21/21 (100%)	0/85 (0%)	85/85 (100%)	9/457 (2%)	448/457 (98%)
Íntens a Magia (1995)	0/177 (0%)	177/177 (100%)	10/29 (34%)	2/29 (7%)	2/29 (7%)	15/29 (52%)	0/29 (0%)	29/29 (100%)	8/126 (6%)	118/126 (94%)	18/361 (5%)	343/361 (95%)
C. do leque (1995)	29/74 (40%)	45/74 (60%)	15/25 (60%)	2/25 (8%)	2/25 (8%)	6/25 (24%)	0/3 (0%)	3/3 (100%)	5/33 (15%)	28/33 (85%)	49/135 (36%)	86/135 (64%)
TOTAL	75/1326 (6%)	1251/1326 (94%)	14/409 (3%)	21/409 (5%)	73/409 (18%)	175/409 (43%)	13/133 (11%)	120/133 (89%)	79/693 (11%)	615/693 (89%)	307/2562 (12%)	2255/2562 (88%)

Tabela 2: A distribuição das estratégias pronominais no singular em função das categorias gramaticais. (MACHADO, 2006, *apud* LOPES, 2008, p. 62)

Os resultados encontrados por Machado (2006) apontam que o uso do pronome *Tu* diminui no decorrer do século XX, na peça “Quebranto” de 1908, ele representava 88% dos pronomes na função de sujeito e nas peças posteriores o resultado não passa a casa dos 11%. Durante o período há o predomínio do *Você* na função de sujeito, apenas em 1995 com “Clube do Leque” é que o *Tu* fica com 40% de ocorrências e com sujeito pronominal preenchido com verbo na 3ª pessoa do singular conforme afirma Lopes (2008).

Finalizando os estudos de Lopes (2008) ela analisa o trabalho de Lopes e Machado (2005) sobre a variação do *Tu* e *Você* em roteiros de cinema. Na comédia romântica “Amores Possíveis” de 2001 o roteirista Paulo Halm retrata a classe média alta carioca. As relações interativas

basicamente são vividas entre pais, casais e amigos, além de situações que acontecem em restaurantes ou escritórios, por exemplo. Já em “Cidade de Deus” de 2003 o roteirista Bráulio Mantovani se inspira no romance escrito por Paulo Lins cuja narrativa é ambientada num dos locais mais violentos do Rio de Janeiro, a favela Cidade de Deus. O personagem-narrador chamado Busca-Pé analisa a lógica da favela e do desenvolvimento do tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro a partir da década de 70.

A autora observa que em “Amores Possíveis”, roteiro que representa a variedade culta, o *Você* é utilizado categoricamente como pronome-sujeito o que nos mostra o prestígio do *Você* em relação ao *Tu* nessa camada da sociedade. Já em “Cidade de Deus” o uso do *Tu* é predominante em relação ao *Você*, 55% de *Tu* e 45% de *Você* e o verbo sendo conjugado na 3ª pessoa do singular. Para a autora o duelo entre as duas formas não se dará de forma definitiva, pois a forma inovadora e a gramaticalizada não se implementarão nas categorias gramaticais da mesma forma.

Partindo do trabalho de Lopes (2008), vamos olhar para Santa Catarina, a partir de um trabalho realizado por Coelho e Görski (2011), levando em consideração que nossa amostra foi coletada na cidade de Florianópolis/SC. As autoras discutem a variação dos pronomes *Tu* e *Você*, com dados sincrônicos e diacrônicos do português do sul do Brasil, especificamente da utilizada em Santa Catarina. Elas levam em consideração o princípio empírico de encaixamento linguístico proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), segundo o qual para se compreender uma mudança linguística deve-se considerar sua inserção no sistema linguístico afetado por ela.

Segundo Coelho e Görski (2011), em 1989, Furlan (1989) já constata que o *Tu* e o *Você* entram em Santa Catarina em localidades e momentos históricos distintos. O *Tu* se fixa mais nas regiões litorâneas enquanto o *Você* nas regiões de planalto. “[...] a entrada do *você* em comunidades de *Tu* estaria levando a uma especialização das formas pronominais: *Tu* estaria sendo preferencialmente usado nas relações íntimas e menos formais, e *Você*, nas relações interpessoais não tão íntimas e mais formais” (RAMOS (1989); MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002) *apud* COELHO e GÖRSKI (2011), p. 264).

A partir das considerações levantadas acima de que os pronomes *Tu* e *Você* são bastante utilizados na fala em Santa Catarina, que o *Tu* é usado majoritariamente nas regiões do litoral (no caso Florianópolis) e que o *Você* é mais frequente no planalto serrano (no caso Lages), Coelho e Görski (2011) levantam hipóteses de que com a chegada do *Você* no

litoral, é provocado um rearranjo no sistema linguístico da comunidade de fala da grande Florianópolis, uma vez que o *Tu* continua sendo utilizado nas interações familiares e o *Você* nas relações de poder e em situações de monitoramento. Passa a ocorrer uma competição entre os dois sistemas pronominais (da mesma forma como nos estudos realizados por Lopes (2008)), além de uma mistura do uso do pronome possessivo *seu* com os dois pronomes e dos clíticos *se* e *lhe*. O *Você* também contribui no preenchimento do sujeito pronominal e ao enrijecimento da ordem SVO (Sujeito – Verbo – Objeto).

Tudo indica que a variação de uso entre o *Tu* e o *Você* em Santa Catarina se dá a partir do processo de colonização do estado. As autoras fazem um resgate histórico lembrando que no período da colonização as terras eram habitadas pelos índios Carijós. Segundo Coelho e Görski (2011), as expedições portuguesas e espanholas passaram pelos portos de São Francisco, Ilha de Santa Catarina e Laguna, regiões que estavam em disputa entre Portugal e Espanha.

No século XVII, Portugal, a partir de 1640, passou a se interessar pela conquista do Sul do Brasil com vistas ao acesso ao rio da Prata; e as povoações localizadas em São Francisco, Ilha de Santa Catarina e Laguna (SC) – juntamente com o forte Jesus, Maria, José, hoje a cidade de Rio Grande (RS) – formaram as bases para os projetos de fixação portuguesa na bacia do Prata. A Ilha de Santa Catarina tornou-se local politicamente estratégico e, objetivando a fortificação da região, Portugal determinou que Silva Paes para cá viesse, em 1739, como comandante militar e governador, com a incumbência de implantar um sistema de defesa da Ilha. (COELHO e GÖRSKI, 2011, p. 265)

A partir do século XVII paulistas passam a vir para o Sul do país com a intenção de explorarem minas e capturarem índios para que estes fossem vendidos como escravos. Já no século XVIII, com a consolidação da exploração das minas, o abastecimento da população passa a ser feito pelos tropeiros e, em 1771, o governador da capitania de São Paulo, determina a fundação da vila de Lages, uma vez que o caminho era utilizado para o transporte de gados que eram comercializados nas capitanias centrais do Brasil.

Com o aumento do número de tropas que passavam pela região, Lages passa a ser povoada por paulistas e posteriormente por gaúchos vindos de Vacaria e Passo Fundo. Menon e Loregian-Penkall (2002) *apud* Coelho e Görski (2011) revelam que a implantação do *Você* no sul do Brasil deve ter ocorrido no período em que os paulistas viajavam para comprar gado, passando primeiramente por Curitiba, no Paraná, e posteriormente no planalto catarinense, na região de Lages, por exemplo.

Com a chegada dos açorianos nas regiões litorâneas desde São Francisco, passando pela Ilha de Santa Catarina, até o sul de Laguna, ocorreu um aumento populacional de 100% e caracterizou a região definitivamente. Furlan (1989) *apud* Coelho e Görski (2011) diz que os açorianos possivelmente eram analfabetos e trouxeram uma cultura vinculada a práticas e valores dos séculos XV e XVI. Além do /s/ palatalizado, vieram com eles também o uso do pronome *Tu* (para tratamento íntimo) e *vós* e *vossa mercê* (para tratamento respeitoso).

No século XIX com a intenção de desbravar grandes áreas de floresta, é o momento da chegada de outros imigrantes como os alemães, os italianos, poloneses, russos e austríacos. Coelho e Görski (2011) revelam que do ponto de vista linguístico, Santa Catarina sofreu muitas influências de paulistas e gaúchos, principalmente na região do planalto serrano e de açorianos nas regiões litorâneas. Portanto, em um lado ocorre o típico uso do *Tu* da região litorânea e de outro lado, o uso do *Você* majoritariamente encontrado no planalto serrano catarinense.

Coelho e Görski (2011) analisam então sete peças de teatro, escritas por autores nascidos em Santa Catarina, preferencialmente em regiões litorâneas. Os textos são dos séculos XIX e XX, e os resultados de uso podem ser observados no Gráfico 1 abaixo:

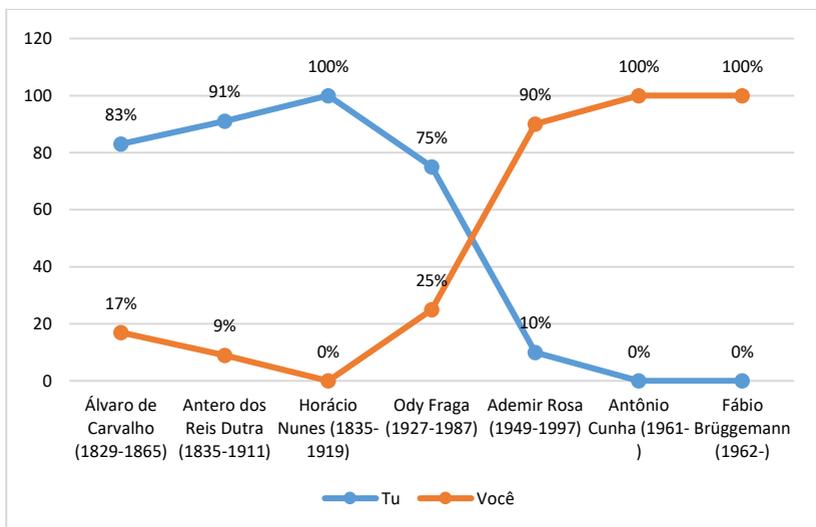


Gráfico 1: Formas de tratamento *Tu* e *Você* em peças de teatro de autores catarinenses. (COELHO e GÖRSKI, 2011, p. 279)

As autoras mostram nesse gráfico um resultado bem interessante. Enquanto os autores nascidos no século XIX tem preferência pelo uso do *Tu*, conseguimos perceber que os autores nascidos no século XX quase que usam exclusivamente o *Você*. Em um agrupamento temos que, segundo Coelho e Görski (2011) no século XIX o uso do *Tu* era de 89% e no século XX o uso do *Você* foi de 94%. As autoras analisaram também as relações simétricas e assimétricas, preenchimento do sujeito, paralelismo e ordem pronominal, contudo vamos olhar somente para o paralelismo, relações entre os interlocutores e preenchimento do sujeito, uma vez que são variáveis que controlamos na nossa pesquisa.

Em relação ao paralelismo Coelho e Görski (2011) encontram que no século XIX 100% do *Tu* era usado com os clínicos *teu* e *te*, já no século XX era 50% com *teu* e *te* e 50% com *seu*, *se* e *lhe*. O *Você* no século XIX foi usado 100% com *seu*, *se* e *lhe* e no século XX 70% com *seu*, *se* e *lhe* e 30% com *teu* e *te*. Para mostrar essa mistura as autoras trazem o seguinte exemplo:

(i) *E de mais a mais não pedi a tua opinião prá nada. Desde que te conheci sempre tive mais iniciativa do que Tu. Sou eu quem sempre dorme e acorda primeiro. Faço fogo, café, peço, me preocupo com um monte de coisas e Você não tá nem aí.* (ADEMIR ROSA, *apud* COELHO e GÖRSKI, 2011, p. 280)

Nas relações entre os interlocutores podemos constatar que:

Relação entre os interlocutores *versus* século

Formas de tratamento segundo a variável relações entre os interlocutores	<i>Tu</i>		<i>Você</i>	
	XIX	XX	XIX	XX
Relações assimétricas (de superior para inferior e de velho para jovem)	18/100 18%	10/17 58%	7/12 58%	75/248 30%
Relações simétricas (entre iguais)	76/100 76%	3/17 18%	0/12 0%	117/248 47%
Relações assimétricas (de inferior para superior e de jovem para velho)	6/100 6%	4/17 24%	5/12 42%	56/248 23%

Tabela 3: Cruzamento entre as variáveis “relação entre os interlocutores” e “século”. (COELHO e GÖRSKI, 2011, p. 281)

Analisando os dados, Coelho e Görski (2011) dizem que no século XIX o predomínio do *Tu* ocorre nas relações entre iguais e entre uma pessoa mais velha para uma pessoa mais jovem. Já o pronome *Você* é preferencialmente usado em relações assimétricas de superior para inferior, de patrão para empregado, por exemplo, e em geral em forma de xingamento. No século XX as coisas se modificam, o *Tu* deixa de ser usado aos poucos, o *Você* aparece nas relações de simetria, há uma inversão de valor com o *Você* perdendo o uso não respeitoso do século XIX, passando a uso respeitoso entre familiares e com pessoas de mesma faixa etária.

Sobre o preenchimento do sujeito as autoras constataram que, tanto no século XIX, quanto no XX, o sistema do tuteamento favorece o sujeito nulo ficando com 91% e 88% respectivamente. Já com relação ao voceamento os resultados encontrados foram de 66% e 33%. No sujeito preenchido o uso do *Você* é que prevalece ficando com 34% no século XIX e 67% no XX. Já o *Tu* tem 9% no XIX e 12% no XX. Podemos observar nos dados encontrados por Coelho e Görski (2011) que o *Você* é implantado gradativamente na escrita catarinense, se expande em todas as relações, até ser usado categoricamente no século XX. Coelho e Görski (2011) afirmam que a implementação do *Você* na escrita provoca um rearranjo no sistema linguístico no que se refere às novas possibilidades combinatórias. “A frequência de uso se dá numa mesma direção e de maneira ordenada. É como se uma mudança criasse as condições linguísticas necessárias para que as outras se efetivassem.” (COELHO e GÖRSKI (2011, p. 286)

Conseguimos observar que Lopes (2008) fala a respeito da situação de formalidade que envolve o uso do *Você* e a situação de proximidade que envolve o uso do *Tu* no Rio de Janeiro, Coelho e Görski (2011) observam o avanço do uso do *Você* na escrita das peças de teatro dos séculos XIX e XX em Santa Catarina. Vamos agora olhar para a dissertação de mestrado de Nunes de Souza (2011) que trata das formas de tratamento utilizadas em 12 peças de teatro florianopolitanas dos séculos XIX e XX. Nosso foco será na observação do percentual de uso dos pronomes pessoais *Tu* e *Você*, que são nossas variáveis dependentes, e também da forma nominal *O Senhor*, já o preenchimento do sujeito, faixa etária e relação familiar, também são algumas das variáveis independentes que fazem parte da nossa metodologia. As 12 peças são classificadas a cada 50 anos dos séculos já citados e são marcadas como: 1ª metade do século XIX, 2ª metade do século XIX, 1ª metade do século XX e 2ª metade do século XX.

Nas peças da 1ª metade do século XIX que são de 1829, 1835 e 1841 a forma *Tu* possui 49% de uso, a forma *O Senhor* possui um total de 32% e a forma *Você*, como foram poucos dados encontrados pela pesquisadora, 0%. Se somarmos as formas *Tu* e *O Senhor* representa 81% de preferência de uso nos textos teatrais desse período. Para as formas *Tu* e *O Senhor* Nunes de Souza (2011) encontrou 304 ocorrências, sendo essas 39% para *O Senhor* e 60% para *Tu*. A pesquisadora conta que “a expectativa era de se encontrar uma oposição entre o pronome *Tu* e as formas *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*, e não era esperado que o tratamento *O Senhor* se destacasse por sua alta frequência” (NUNES DE SOUZA, 2011, p. 167). Em relação ao preenchimento do sujeito os dados de maior relevância são para sujeito nulo com 70%.

Um dado encontrado no aspecto faixa etária chama a atenção, especificamente nas relações *descendentes* com uso de 90% de *Tu* em relação ao *O Senhor*, ou seja, sem a necessidade de uma forma mais respeitosa. Na relação *ascendente* o uso do *Tu* é de 54%, *entre jovens* o uso é de 52% e *entre meia-idade* de 70%. As relações familiares seguem praticamente a mesma tendência da faixa etária, logo quando o contato é de *Pais* → *filhos* o uso é de 100%, da mesma maneira como *Tios* → *sobrinhos* e *entre primos*. *Entre casal* o resultado obtido é de 40% e *sem parentesco* 46%. O diferencial está na relação *Filho* → *pai* que tem somente 14% de uso do *Tu* em relação ao *O Senhor*.

Dando sequência ao trabalho realizado por Nunes de Souza (2011) os textos da 2ª metade do século XIX que são de 1853, 1857 e 1884 apresentam um uso do pronome *Tu* de 56%, *O Senhor* 23% e o *Você* apenas 4%, ou seja, o *Tu* e *O Senhor* continuam representando

praticamente 80% do total, não havendo mudanças significativas de uma metade do século para a outra, apenas com o início do aparecimento do *Você* que é de 9% em 1884. Foram 236 ocorrências para as formas *Tu* e *O Senhor*, sendo 166 de *Tu* e 70 de *O Senhor*. Os resultados encontrados pela autora seguem a tendência também da primeira metade do século XIX no que diz respeito ao preenchimento do sujeito e as ocorrências são para sujeito nulo com 75%. Os dois índices de sujeito nulo nessas duas metades do século XIX é justificado por Nunes de Souza (2011) a partir de Duarte¹⁰ (1995) que diz “quando os pronomes *Tu* e *vós* começam a entrar em desuso, sendo substituídos pelos pronomes pessoais *Você* e *vocês*, há um considerável decréscimo do percentual de sujeitos nulos de segunda pessoa” (NUNES DE SOUZA, 2011, p. 173).

O aspecto faixa etária segue, basicamente, a mesma proporção da primeira metade do século XIX apresentando um alto índice de *Tu* na relação *descendente* ficando com 81% de ocorrências. Há um aumento no quesito *ascendente* passando para 59%, também no quesito *entre jovens* subindo para 66%, da mesma maneira *entre meia-idade* tendo uma elevação para 95% e surge um novo dado que é *entre terceira-idade* que tem somente 13% de uso de *Tu*. Nas relações familiares temos que entre *Pais* → *filhos*, *entre irmãos* e *entre cunhados* o uso de *Tu* é de 100%. Já entre *Filhos* → *pais* e *entre casal* é de 40%, os dados para *sem parentesco* ficam com 60% de *Tu*. Os números apresentados sugerem que a forma *Tu* tenha preferência nas relações entre familiares, em especial aquelas que podem ser interpretadas como simétricas (entre irmãos e entre cunhados) e assimétricas descendentes (pais para filhos)

Uma mudança significativa ocorre nas peças de teatro da primeira metade do século XX que são de 1927, 1939 e 1944. O uso do *Você* tem um grande salto chegando a 65%, o *Tu* cai para apenas 17% enquanto *O Senhor* também tem uma redução ficando em 12%. Os resultados encontrados por Nunes de Souza (2011) se assemelham aos encontrados por Machado (2006) nas peças de teatro do século XX ambientadas no Rio de Janeiro cujo trabalho é citado no texto de Lopes (2008). Do total das 260 ocorrências encontradas para *Você* e *Tu*, 205 para *Você* contra 55 para *Tu*. A autora apresenta como argumento para esta mudança a questão de que ocorre uma preferência pelo *Você* em detrimento do *Tu* pelas questões de relações simétricas entre a classe alta, entre a classe média e em relações descendentes no que diz respeito à classe social das

¹⁰ DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado). Campinas: UNICAMP, 1995.

personagens envolvidas nas histórias, além das relações simétricas entre jovens e entre personagens de meia-idade, entre os personagens sem parentesco e entre os não íntimos.

Nessa primeira faixa do século XX é interessante observarmos o uso do *Você* em relação ao *Tu* e ao *O Senhor* no aspecto faixa etária, fica notável a preferência pelo *Você entre jovens e meia idade*, pois os dados encontrados por Nunes de Souza (2011) representam 94% e 80% de uso de *Você*, o *Tu* fica com 5% e 17% respectivamente. Nas relações *descendentes* os dados mostram 58% de uso de *Você* e 37% de uso de *Tu*. Nas relações *ascendentes* um maior uso de *O Senhor* com 55% de ocorrências contra 29% de *Você* e 15% de *Tu*. As relações familiares e o preenchimento do sujeito não são discutidos pela autora nessa parte do texto que ela trata sobre a relação *Tu, Você e O Senhor*.

Conforme Nunes de Souza (2011) a segunda metade do século XX segue a tendência da primeira metade com a preferência pelo uso do *Você*. Os textos de 1950, 1959 e 1961 apresentam um total de 60% de uso de *Você*, 26% de *O Senhor* e apenas 11% de uso de *Tu*. Podemos perceber que o *Você* e *O Senhor* somam 86% das ocorrências nessa parcela da amostra o que segue novamente o que encontrou Machado (2006) no Rio de Janeiro, levando em consideração apenas o *Você* já que *O Senhor* não foi controlado por ela. As formas *Você* e *Tu* revelam um número de 90 ocorrências, o pronome *Você* com 76 e o *Tu* com 14.

No aspecto faixa etária, os dados mostram um alto uso de *Você entre meia-idade* com 95% e somente 5% de *O Senhor*, também com índice elevado está o *entre jovens* com 84% de *Você*, apenas 12% de *Tu* e 4% de *O Senhor*. No que diz respeito ao *descendente*, temos 68% de *Você*, 26% de *Tu* e 4% de *O Senhor*. O diferencial está no *ascendente* que possui o maior número de *O Senhor* com 78% de ocorrências, seguido pelo *Você* com 21%. Podemos perceber que a forma *O Senhor* tem suas ocorrências centradas nas relações dos mais jovens para os mais velhos e a forma *Você* possivelmente se popularizando por todos os contextos, a forma *Tu* concentrada somente nas relações de descendentes e entre jovens. Nas relações familiares Nunes de Souza (2011) nos mostra dados interessantes pois a forma *Tu* surge com 90% de uso entre *Pais* → *filhos* e somente 9% de *Você*. Já na relação *Filhos* → *pais* temos categoricamente 100% de uso de *O Senhor* e *entre casal* é categórico o uso de *Você* com 100%. Nas relações *sem parentesco* temos 60% de uso de *Você*, 34% de *O Senhor* e somente 4% de *Tu*. O aspecto preenchimento do sujeito também não é discutido pela pesquisadora nessa parte do texto que trata sobre a relação *Tu, Você e O Senhor*.

Como podemos perceber até o momento é evidente a preferência pelo pronome *Tu* em Florianópolis apesar da entrada do *Você* no século XX conforme conseguimos constatar a partir do trabalho de Nunes de Souza (2011). A descrição da alternância do *Tu* e do *Você* em Santa Catarina inicia com Ramos (1989) já citada em Coelho e Görski (2011) e foi a partir do trabalho de Coelho e Görski (2011) que discutimos a questão da colonização das cidades de Florianópolis e Lages.

Partindo desse viés abordamos agora um trabalho realizado por Nunes de Souza e Coelho (2015) com base em Nunes de Souza e Coelho (2013)¹¹ que trata de um estudo diacrônico sobre a variação pronominal do *Tu* e do *Você* na posição de sujeito em cartas pessoais catarinenses que são provenientes do *corpus* do PHPB-SC¹². Num primeiro momento as autoras analisam cartas escritas por personalidades ilustres catarinenses do século XIX como Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo. Posteriormente, na década de 1960, cartas amorosas e por fim, cartas enviadas pelo escritor Harry Laus, entre os anos de 1987 e 1992.

Nunes de Souza e Coelho (2015) revelam que a Amostra Cruz e Sousa é composta por 10 cartas que foram escritas na década de 1880 e mais 10 cartas da década de 1890. O poeta Cruz e Sousa escreve para sua noiva, Gavita; e recebe cartas de Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo. Da

¹¹ NUNES DE SOUZA, Christiane Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. *Revista do GELNE*, vol. 15. n. 1/2, p. 213-243, 2013.

¹² Projeto “Para a história do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC)”: Tem como propósito (i) levantar e catalogar documentos que constituirão um corpus representativo da escrita catarinense dos séculos XIX e XX; (ii) editar e disponibilizar os documentos coletados; e (iii) descrever aspectos da realidade sócio-histórica e fenômenos de variação/mudança linguística do português de quatro localidades de Santa Catarina: Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó, dos últimos dois séculos. Esta proposta se enquadra na metodologia de trabalho do Projeto Nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB) de levantamento e catalogação de fontes específicas, representativas do português escrito ao longo dos séculos, oriundas de levantamentos em arquivos históricos do Brasil. Não só um levantamento bibliográfico acerca da realidade sócio-histórica do Estado será efetuado, mas também informações sobre os diferentes períodos de formação de Santa Catarina, que se encontram nos textos coletados, serão levadas em consideração. O corpus serve como fonte de estudos a respeito de aspectos linguísticos e sociais que possam caracterizar o processo de formação do Português Brasileiro (PB), no curso dos séculos. (COELHO, Izete Lehmkuhl)

Amostra Vale foram selecionadas 12 cartas que foram escritas por moças moradoras de Florianópolis e de municípios do Vale do Itajaí que escrevem para um jovem músico e professor de língua portuguesa nascido no Vale do Itajaí. Da Amostra Harry Laus foram selecionadas dez cartas que foram enviadas pelo escritor, que é nascido em Tijucas, na Grande Florianópolis, para a sua tradutora e amiga Claire. Os resultados obtidos por Nunes de Souza e Coelho (2015) podem ser conferidos na Tabela 4 abaixo:

	Remetente	Paradigma <i>Tu</i>		Paradigma <i>Você</i>	
Século XIX (20 cartas)	Virgílio Várzea (1882-1892)	(66)	100%	-----	
	Araújo Figueiredo (1888-1897)	(49)	100%	-----	
	Cruz e Sousa (1892)	(93)	100%	-----	
Século XX (22 cartas)	Remetente A (1964)	(23)	100%	-----	
	Remetente E (1965-1966)	-----		(34)	100%
	Remetente B (1966)	(10)	91%	(1)	9%
	Remetente L (1966)	(4)	22%	(14)	78%
	Remetente V (1968)	-----		(32)	100%
	Remetente O (1969)	(36)	61%	(23)	39%
	Harry Laus (1987-1992)	(103)	95%	(5)	5%
TOTAL	493 ocorrências	(384)	78%	(109)	22%

Tabela 4: Número total de formas do paradigma de tu e do paradigma de você em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX. (Adaptada de NUNES DE SOUZA e COELHO, 2013, *apud* NUNES DE SOUZA e COELHO, 2015, p. 53)

É interessante observarmos que o uso do *Tu* na posição de sujeito ocorre de forma majoritária nas cartas do século XIX, e conseguimos perceber também a entrada do pronome *Você* a partir do século XX, ambos os casos já vistos anteriormente em Nunes de Souza (2011). Nunes de Souza e Coelho (2015) trazem um exemplo interessante que foi retirado de uma das cartas da Amostra Vale em que apesar da informante utilizar categoricamente o pronome *Você*, ela possui em seu vernáculo o pronome *Tu*.

(i) *Você* também deve ter notado a diferença de tratamento que lhe dispensei [pessoalmente]. Vou explicar-lhe: considero o tratamento *você* muito impessoal por isso prefiro-o para cartas ou para pessoas totalmente desconhecidas. O mais costume usar *tu*. Como vê, a gramática e eu não nos damos. [Remetente E, 7 de

fevereiro de 1966]. (NUNES DE SOUZA e COELHO, 2015, p. 53)

Este primeiro mapeamento das três Amostras citadas foi realizado anteriormente em Nunes de Souza e Coelho (2013) e é interessante a citação visto que a *Remetente E* reconhece a questão da formalidade ou impessoalidade, conforme dito por ela, do uso do *Você* em relação ao *Tu*. É provável que ela tenha feito esta observação pelo fato do seu destinatário ser professor de língua portuguesa e ainda ironizar “*Como vê, a gramática e eu não nos damos*”. Na sequência do trabalho de Nunes de Souza e Coelho (2015) elas dizem que Nunes de Souza e Coelho (2013) optaram por separar as cartas escritas por personalidades ilustres e as cartas escritas por personalidades não ilustres, visto que, na visão delas, o uso do vernáculo pode ser influenciado e causar conflitos nas análises.

Nesta segunda etapa foram selecionadas 20 cartas da Amostra Cruz e Sousa que já havia sido objeto de investigação de Nunes de Souza e Coelho (2013) e 17 cartas da Amostra Harry Laus que também já havia sido observada no estudo anterior, porém em menor proporção. Nesse levantamento foram encontradas 223 ocorrências de pronomes de segunda pessoa, deste total, 215 eram de *Tu* e oito de *Você*, lembrando que os dados estão dispostos em uma linha de tempo. As autoras fazem então um cruzamento entre uso do *Tu* e do *Você* e preenchimento do sujeito. Os resultados são que na Amostra Cruz e Sousa (1880 e 1890) ocorre 100% de uso de *Tu*, na variável preenchimento do sujeito temos 76% de sujeito nulo e 24% de sujeito expresso. Na Amostra Harry Laus temos o uso do *Tu* com 94% de ocorrência, na variável preenchimento do sujeito de *Tu* temos 91% de sujeito nulo e 9% de sujeito expresso. No uso do *Você* temos apenas 6% de uso, contudo com o *Você* a variável preenchimento do sujeito é 100% de sujeito expresso.

Novamente percebemos total ausência do pronome *Você* nas cartas do fim do século XIX escritas por Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo, entretanto sabemos que não se pode afirmar que o *Você* não havia entrado no vernáculo catarinense da época, pois no trabalho de Nunes de Souza (2011) vimos que ele foi utilizado nas peças de teatro, mas em ocorrências bem inferiores ao *Tu*. Nunes de Souza e Coelho (2015) lembram que no século XIX há uma predileção pelo sujeito nulo “esses números vão ao encontro de outros estudos acerca do português

brasileiro (Duarte, 1993¹³, 1995, entre outros), que indicam que o pronome nulo era, de fato, a estratégia preferida no século XIX, em detrimento do pronome expresso.” (NUNES DE SOUZA e COELHO (2015), p. 55)

Nunes de Souza e Coelho (2015) afirmam que apesar de estudos da região Sudeste do século XX [cf. Paredes Silva; Santos; Ribeiro, 2000; Lopes; Machado, 2005; Rumeu, 2008; Lopes, 2008, 2009; Machado, 2011; Lopes; Rumeu; Marcotulio, 2011; entre outros” (NUNES DE SOUZA e COELHO, 2015, p. 55)], considerarem que é a partir de 1930 que se inicia uma mudança tanto quanto ao uso do *Você* em P2, tanto no que diz respeito ao preenchimento do sujeito, que passa a ser expresso cada vez mais, na Amostra Harry Laus, o *Tu* é o pronome majoritariamente utilizado. A forma nula, como vimos, supera a forma expressa e o *Você* fica reservado a poucos contextos. Nos dois exemplos a seguir temos essa ilustração do que ocorre na Amostra Harry Laus, ambas citadas por Nunes de Souza e Coelho (2015), p. 55.

(i) Fiz obras na casa de Porto Belo, agora tenho um banheiro privativo no meu quarto e onde era a cozinha é outro quarto e, com o fechamento e ampliação da varanda externa, aos fundos, lá ficou copa-cozinha. Quando vieres, terás mais conforto. [Carta de Harry Laus a Claire – 8 de dezembro de 1989]

*(ii) Gostei muito de tua conferência sobre os problemas da tradução. Acho que é perfeita para ser dita ou lida no Brasil. Confesso que sempre me admirou muito o quanto **você consegue ser fiel ao escritor, inclusive ao ritmo da frase. Também se aprende coisas sobre o português, como nossa oralidade, modulação, canto, etc. E achei excelente cito de o escritor ouvir o que escreve. É exato.** [Carta de Harry Laus a Claire – 22 de novembro de 1987].*

Em (i) podemos perceber que o uso do sujeito nulo para *Tu* faz a marcação de uma proximidade e uma informalidade maior se observarmos o tema ao qual ele tratava, que seria a vinda da tradutora

¹³ DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.

para conhecer sua casa. Já em (ii) percebemos uma maior formalidade visto que a carta se referia muito mais a um cunho profissional do que pessoal.

Na última parte do trabalho Nunes de Souza e Coelho (2015) tratam das cartas escritas pelos não ilustres provenientes da Grande Florianópolis, Vale do Itajaí, Amostra Vale; e não ilustres provenientes de Lages, Amostra Medeiros. Para esta análise foram selecionadas 16 cartas da Amostra Vale que são da década de 1980 (sete remetentes distintas que possuem como destinatário um jovem professor) e da Amostra Medeiros 12 cartas e 3 bilhetes (escritas de mãe para filha, entre amigas e entre primas; e um acréscimo de um conjunto de 6 cartas, chamadas de Amostra Sena, sobre as quais se sabe somente que foram escritas por lageanos para dois destinatários distintos), esse grupo de cartas de Lages são dos anos 1950, 1970 e 1980. O total são de 34 cartas com 13 remetentes distintos. Os resultados podem ser conferidos na Tabela 5 abaixo:

Sujeito	2ª metade do século XX			
	Florianópolis		Lages	
	Tu	Você	Tu	Você
Nulo	66/73 (90%)	17/39 (44%)	11/15 (73%)	26/77 (34%)
Expresso	7/73 (10%)	22/39 (56%)	4/15 (27%)	51/77 (66%)
Total	73/112 (65%)	39/112 (35%)	15/92 (16%)	77/92 (84%)

Tabela 5: Frequência de pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito (nulos e expressos) em cartas pessoais catarinenses de Florianópolis e Lages (2ª metade do século XX). (NUNES DE SOUZA e COELHO, 2015, p. 58)

Como podemos ver o uso do *Tu* em Florianópolis representa 65% das ocorrências e ocorre o predomínio do uso do *Você* em Lages com 84% das ocorrências. Os dados encontrados em sujeito nulo para *Tu* que em Florianópolis são de 90% e em Lages são de 73% seguem a tendência vista nas cartas da Amostra Harry Laus. Quando ao preenchimento do sujeito com o *Você* tanto em Florianópolis, 56%, quanto em Lages, 66%, Nunes de Souza e Coelho (2015) dizem que o uso de *Tu* com sujeito nulo e o uso de *Você* com sujeito expresso pode ser considerado como um indicativo de que a variação entre sujeito nulo e sujeito expresso, no português catarinense e no português brasileiro de modo geral, está em maior grau relacionada a fatores internos ao sistema da língua, em detrimento de fatores externos, como localidade.

3.4 ESTUDOS DE VARIAÇÃO NA FALA

Tratamos agora a respeito dos estudos sociolinguísticos sincrônicos de fala a respeito da alternância do *Tu* e do *Você*. Para começar, vamos discutir a respeito do trabalho de Lucca (2007) em que a autora realizou um panorama a respeito desse fenômeno olhando também para as cinco regiões do Brasil. Lucca (2007) afirma que o pronome *Tu* está presente em todas as regiões brasileiras, especialmente no Norte, Nordeste e Sul. Contudo em cada região o uso varia entre valores sociais e culturais, da mesma forma como as categorias que caracterizam cada uso, como poder, solidariedade, intimidade, distanciamento e respeito. Na região Norte, por exemplo, a autora diz que a tendência é filhos de funcionários de classes média e baixa, tratem seus pais por *Senhor*, mostrando mais distanciamento, e filhos de professores tratem os pais por *Tu*, mostrando mais proximidade.

Lucca (2007) diz que a região Nordeste não pode ser analisada de uma maneira tão homogênea quanto a região Norte. A concordância verbal com o *Tu* em algumas comunidades é realizada na forma canônica e em outras na forma verbal não marcada. Entretanto o *Tu* é a forma mais comum nas interações sociais simétricas. Ela diz, por exemplo, que Soares (1980)¹⁴ ao observar a fala cearense constata que o uso do *Tu* é mais generalizado e que o *Você* é o mais preferido para situações mais formais. Na questão da concordância verbal com o *Tu* ela é variável e a motivação são fatores como escolaridade, formalidade e atenção prestada à fala.

Na região Centro-Oeste a autora analisa a variação do *Tu* com o *Você* na fala de jovens do Distrito Federal. Lucca (2007) observa de que o estado de Goiás é um reduto do *Você* e geograficamente o Distrito Federal fica ali localizado e mesmo assim é o *Tu* que foi adotado como forma de tratamento da 2ª pessoa. Os resultados mostraram que os rapazes usam muito mais o *Tu* em relação às moças que desfavorecem esse uso. A autora observa também que quando o comportamento se dá em pares entre si, numa atitude de menos distanciamento, a forma *Tu* prevalece, e numa atitude de mais distanciamento, a forma *Você* é a escolhida.

Na região Sudeste Lucca (2007) diz que, apesar de ser uma região que preferivelmente escolhe o *Você*, o *Tu* tem surgido em algumas

¹⁴ SOARES, Maria Elias. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RJ, Rio de Janeiro.

comunidades de fala. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, o uso do *Tu* tem surgido mais entre homens mais jovens o que pode apontar uma mudança na forma de tratamento mais solidária como veremos em Paredes Silva (2003). Citando Modesto (2006)¹⁵, a autora diz que no litoral do estado de São Paulo vem ocorrendo alternância entre os dois pronomes. O uso do *Tu* diminui quando aumenta a escolaridade e o gênero não é um fator estatisticamente relevante.

Em relação ao Sul do Brasil, Lucca (2007) diz que a partir da literatura linguística a Região já é reconhecida como um reduto do *Tu*. Segundo a autora, na cidade de Porto Alegre, por exemplo, as mulheres tendem a usar muito mais o *Tu* e os índices aumentam conforme sobe o nível de escolaridade. Já em Florianópolis, os resultados se assemelham a Porto Alegre, “no entanto, as diferenças entre fatores favorecedores e desfavorecedores são mais marcantes e os percentuais de ocorrência do *Tu* são menores” (LUCCA (2007), p. 7) O diferencial está no bairro Ribeirão da Ilha, em que, segundo Lucca (2007), os percentuais mostram maior ocorrência de *Tu* neste bairro, o que o diferencia em relação ao restante da cidade. Ela cita Loregian-Penkal (2004) na observação desses dados e diz que somente Curitiba, capital do Paraná, se destaca pelo uso do *Você*.

Nos estudos a seguir daremos uma visão mais local e para isso iniciamos com Paredes Silva (2003) que trata a respeito do uso dos pronomes *Tu* e *Você* na fala dos cariocas. Segundo ela e o uso do *Tu* pode ser atribuído ao dialeto sulista que se concentra especialmente na variedade regional de Porto Alegre e que o *Você* é reconhecido como pronome pessoal de segunda pessoa do singular pela grande maioria de falantes do português no Brasil. A autora revela que em estudo realizado por Paredes Silva (2000) com dezoito peças de teatro de autores cariocas gradativamente foi ocorrendo a substituição do *Tu* pelo *Você*. A pesquisa mostrou que a forma *Você* passa a ocupar o espaço do *Tu* especialmente a partir da década de 1920 coincidindo com o movimento modernista que estabelecia a formação de uma língua tipicamente brasileira. Contudo, ela diz que a pesquisa também mostrou um retorno do *Tu* a partir da segunda metade do século XX, mas “acompanhado do verbo na terceira pessoa do singular não-padrão, e por isso mesmo atribuído, nas peças, a personagens de baixa condição social.” (PAREDES SILVA (2003), p. 160)

¹⁵ MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância Tu/Você na cidade de Santos-SP*. 2006. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – USP-SP, São Paulo.

Inicialmente Paredes Silva (2003) conta que a intenção era estudar a fala carioca atual e então pensou em colher os dados das entrevistas sociolinguísticas do projeto PEUL/UFRJ¹⁶. No acervo possuía um conjunto de 64 entrevistas que foram gravadas no começo da década de 1980 e que constituía o projeto ‘*Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro*’, porém a pesquisadora revela ter percebido que ao avaliar o material o emprego do *Tu*, em geral, não correspondia com aquilo que ela desejava investigar, ou na sua maioria, eram de valor genérico. Foi realizada mais uma tentativa no acervo do Banco de Dados Internacionais que também pertencia ao PEUL, as entrevistas continham situações mais naturais, menos controladas, como conversas durante as refeições no restaurante universitário, em alojamentos estudantis, na praia e foram gravadas em 1989 e 1990. Novamente as expectativas foram frustradas, pois o número de ocorrências do *Tu* era insignificante, havia muitas superposições de fala o que dificultava a identificação do uso do pronome.

A pesquisadora diz que foi difícil conseguir comprovar a hipótese de que o *Tu* estava se sobressaindo na fala carioca em relação ao *Você*. O que mais intrigava ela era de que por mais que os bancos de dados não trouxessem essa informação, ela ouvia nas ruas coisas do tipo:

(i) “Então **Tu** deixa o número”;

(ii) “Pode parar aqui, mas **Tu** deixa a chave”

(iii) “**Você** liga, é só sucesso. **Tu** não para de dançar”;

Ela observou também que o pronome *Tu* estava categoricamente combinando com verbos em terceira pessoa e que num primeiro momento o fenômeno poderia parecer típico de uma linguagem dos mais jovens ou

¹⁶ O grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) reúne pesquisadores que se dedicam ao estudo da variação e mudança linguística na variedade de português falada e escrita no Rio de Janeiro. Adotando uma orientação essencialmente baseada na Sociolinguística Variacionista, os pesquisadores que integram o Peul vêm se dedicando, ao longo de mais de vinte anos, à análise da língua em uso e à sua inter-relação com aspectos sociais, estruturais e funcionais. A sede do PEUL está localizada na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), de onde faz parte a maioria dos professores e bolsistas do projeto. O grupo inclui ainda pesquisadores da UFF (Universidade Federal Fluminense) e da Universidade Federal do Espírito Santo. (in: <http://www.lettras.ufrj.br/peul/>. Acesso em 28/05/2016)

de camadas sociais mais baixas, uma vez que ela percebia o uso do *Tu* na fala de personagens mais “pobres” das novelas.

Foi então que a autora decidiu constituir um novo *corpus*, mas sabia que havia a necessidade de que as interações ocorressem de forma bastante espontâneas, de preferência entre duas ou três pessoas. Para esta pesquisa Paredes Silva (2003) observou a fala carioca contemporânea que foi registrada em conversas naturais. As entrevistas foram gravadas entre setembro de 1995 e março de 1996, seu foco era a variação do uso dos pronomes apenas na posição de sujeito, esse *corpus* recebeu o nome de Amostra Paredes 96. A análise sociolinguística foi feita partindo dos pressupostos da teoria da variação laboviana, tendo como observação a variação em pauta, índices de mudança em curso, levando-se em conta o tempo aparente¹⁷, isto é, o controle da faixa etária dos informantes. Ela conta que primeiramente utilizou uma estratégia de não contar aos participantes a respeito da gravação das conversas e informava somente depois, uma vez que a autorização era solicitada alguns se recusavam a participar e a gravação era descartada.

Nessa amostra Paredes Silva (2003) diz que aproveitou oito gravações com cerca de 20 minutos cada uma, e encontrou 368 referências pronominais ao sujeito de 2ª pessoa. Dessas, 235 ocorrências foram de *Tu*, com 65% e 133 ocorrências para *Você*, sendo então 35%. Ela conta que a amostra não tinha tom de entrevista, mas de uma conversa descontraída, o fato de os informantes não saberem que existia um gravador permitiu que as conversas fossem sobre temas mais pessoais, estabelecendo um envolvimento com o pesquisador/bolsista que ocasionou no aparecimento de referências específicas à segunda pessoa.

Paredes Silva (2003) relata que 20 anos após as coletas da Amostra Censo, o acervo do PEUL foi enriquecido com novas amostras na mesma comunidade e visou estudar as mudanças linguísticas em tempo real¹⁸ e

¹⁷ A mudança em tempo aparente pode ser identificada em trabalhos empíricos pelo controle da variável “faixa etária”, num recorte transversal de uma amostra sincrônica, quando se observa uma distribuição gradativa das diferentes formas linguísticas em variação correlacionadas com as sucessivas faixas etárias da população. (COELHO *et al.* (2015), p. 86)

¹⁸ O estudo da mudança em tempo real (de curta ou longa duração) permite recobrir aspectos que não podem ser detectados pelo estudo em tempo aparente, distinguindo mudanças que se produzem de forma gradual em toda a comunidade linguística daquelas que podem caracterizar a trajetória de comportamento linguístico do indivíduo ao longo de sua vida. (PAIVA E DUARTE (2003), p. 17)

de curta duração. Foram trinta informantes cariocas, distribuídos de acordo com os mesmos parâmetros sociais da Amostra Censo e as coletas deste estudo compõem a Amostra Tendência¹⁹. Contudo, como as entrevistas seguem os mesmos padrões das realizadas na década de 80 não houve aumento de frequência de uso do *Tu*. Os fatores sociais gênero/sexo e idade que se destacaram na Amostra Censo e favoreceram o uso do *Tu* como pronome de 2ª pessoa, favoreceram também na Amostra Tendência.

Olhando para os três corpora identificamos que na Amostra Paredes 96 entre os homens ocorre o predomínio do uso do *Tu* com 69% de ocorrências, nas mulheres o uso ficou em 59%. Já a Amostra Censo o resultado é de que entre os homens o uso do *Tu* é 11% e mulheres apenas 1%, na Amostra Tendência os homens 13% e as mulheres 2%, ou seja, em ambas as Amostras os homens usaram mais o *Tu* do que as mulheres. Na Amostra Paredes 96, no que diz respeito à idade, à faixa etária que vai de 10-19 anos e 20-29 anos também há preferência com 65% e 70% respectivamente, entre aqueles com 30-39 anos o uso ficou em 47%. Na Amostra Censo, na faixa etária de 7-14 anos o uso é de 22%, 15-25 anos 10% e 26-49 anos 3%. Na Amostra Tendência na faixa etária de 7-14 anos 2%, 15-25 anos 13% e 26-49 anos 8%. Analisando as três Amostras fica nítido que o uso do *Tu* ocorre mais entre os homens mais jovens, e o fato deles predominarem nesses dados mostra uma mudança em direção a uma forma não padrão conforme afirma Paredes Silva (2003). Ela diz ainda que os resultados encontrados mostram uma mudança em curso no dialeto carioca que ainda começa a se tornar visível.

Partindo do Rio de Janeiro vamos para o Distrito Federal com Scherre *et al.* (2011) em que elas analisam amostras de fala da variedade linguística brasileira, observando que esta incorporou o pronome *Tu* nas formas pronominais. Scherre *et al.* (2011) afirmam que analisaram amostras de fala de pessoas que nasceram na grande Brasília. São os brasilienses e as brasilienses, filhos e filhas de pais candangos e de mães candangas e/ou de pais e de mães brasilienses, colhidas de formas distintas e em diversas localidades como Sobradinho – RA V, Taguatinga – RA III, Ceilândia – RA IX e Plano Piloto restrito e original; no Plano

¹⁹ Amostra tendência recebe este nome por ser um estudo do tipo Tendência que compara amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos do tempo. Esta técnica permite verificar em que medida mudanças na configuração social de um grupo podem se refletir na propagação, na estabilização ou no recuo de processo de mudança. (PAIVA E DUARTE (2003), p. 17)

Piloto ampliado, sem a Vila Planalto; no Plano Piloto ampliado, com foco na Vila Planalto.

As pesquisadoras constataram que em amostras de fala brasilienses colhidas entre 2004 e 2009, os pronomes *Tu*, *Você* e *cê* se alternam em enunciados de pequena extensão conforme exemplos:

(i) “*Ingrid, cê num vai vim mais pra aqui pra fora não?*” (...) (...) (...) *Eu “minha filha, eu tava dando banho na, na Isabele, num vem reclamar de nada não, você num é minha mãe nem nada, você não é minha mãe nem nada e tal”. Aí, aí ela bem assim “ah, mas pra que demora isso tanto?” Eu falei “minha filha, quem demorou fui eu, oxi. Tu num tá tomando conta de mim, eu vim sozinha... (...)”.* (falante brasiliense feminina, de 14 anos, em 2008 (Andrade, 2010: 12))

(ii) *Caraca! Tu é muito chata, brother! Pára de jogar bem, velho! Cê rouba, né velho? Isso que é o seu problema, você rouba.* (falante brasiliense masculino, de 27 anos, em 2006, exemplo do corpus de Dias (2007))

O texto traz uma análise dos resultados das dissertações de mestrado de Edilene Patrícia Dias (2007), Carolina Queiroz Andrade (2010), Nívia Naves Garcia Lucca (2005) e Adriana Lília Vidigal Soares de Andrade (2004) que foram orientadas pela professora Marta Scherre. No levantamento constatou-se que a variação entre *Tu* e *Você* nem sempre ocorreu em Brasília como é possível observar no trabalho de Andrade (2004)²⁰. Na pesquisa realizada por Andrade (2004) o pronome *Tu* não foi encontrado. A pesquisadora ignorou os casos de preenchimento nulo e registrou na área urbana de Sobradinho um total de 63% de *Você*, 31% de *cê* e 6% de *ocê*. Na área rural ela encontrou 44% de *Você*, 50% de *cê* e 6% de *ocê*.

Contudo no início dos anos 2000, Lucca (2005)²¹ percebeu o pronome *Tu* na fala dos brasilienses jovens do sexo masculino. Com uma

²⁰ ANDRADE, Adriana Lília Soares de. *A variação você, ce, ocê no português brasileiro falado*. 2004. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília-DF, Brasília.

²¹ LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasiliense*. 2005. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília-DF, Brasília.

amostra de fala espontânea de jovens de 15-19 anos do sexo masculino coletadas em Brasília no Plano Piloto original e restrito, Taguatinga (RA III) e Ceilândia (RA IX) e ela revela uma situação totalmente distinta da encontrada por Andrade (2004). Os dados mostram um uso de 72% do pronome *Tu*, sempre sem concordância verbal expressa, 17% do pronome *Você* e 11% do pronome *cê*. A maior concentração do *Tu* era em Ceilândia com 87%, provavelmente em virtude da maior concentração de migrantes nordestinos. Já em Brasília era de 68% e em Taguatinga 66%. Em relação ao *Você* os dados mostravam 25% de uso em Taguatinga, 8% em Ceilândia, e 5% em Brasília. O *cê* obteve 28% de uso em Brasília, 9% em Taguatinga e 5% em Ceilândia.

Novos dados foram constatados em Dias (2007)²² e observou-se que o uso do pronome *Tu* tinha aumento regular em três faixas etárias distintas – 13-19 anos; 20-29 anos; 30-48 anos – ocupando mais os espaços do pronome *Você* conforme Tabela 6:

Faixa Etária	Tu	Você	Cê	TOTAL
13-19 anos	30%	15%	55%	171
20-29 anos	13%	22%	65%	424
30-48 anos	4%	36%	60%	305

Tabela 6: Distribuição dos pronomes por faixa etária no Plano Piloto ampliado, sem Vila Planalto, em 2007. (DIAS, 2007, *apud* SCHERRE et al., 2011, p. 122)

E em Andrade (2010)²³ com amostras de fala da Vila Planalto, localidade em que o pronome *Tu* se destaca, constatou-se que na localidade o uso do *Tu* é preferível com 48% de ocorrências e fora da Vila Planalto o *Você* tem 65%. A circunstância com preferência pelo *Tu* se dá também na questão de migrantes vindos da região nordeste do Brasil.

Do Centro-Oeste brasileiro com Scherre *et al.* (2011) para um trabalho a respeito da alternância dos pronomes *Tu* e *Você* no Sul do Brasil. Menon e Loregian-Penkak (2002) iniciam sua discussão com trabalhos pioneiros a respeito desse fenômeno citando, por exemplo,

²² DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. 2007. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília-DF, Brasília.

²³ ANDRADE, Carolina Queiroz. *“Tu e mais quantos?” - A segunda pessoa na fala brasileira*. 2010. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília-DF, Brasília.

Guimarães (1979)²⁴ que faz um levantamento na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a partir de textos escritos por 120 estudantes dos três níveis de escolaridade. Segundo as autoras, Guimarães (1979) encontra que do total de 120 informantes, 59 usaram o *Tu*, 60 o *Você* e um deles utilizou ambos os pronomes. Como variáveis independentes ela observa também a escolaridade e idade, sendo que os mais jovens, com menos idade usam mais o *Você*, na concordância verbal com o *Tu*, quanto maior a escolaridade, maior o índice de concordância canônica. Guimarães (1979) finaliza seu estudo afirmando que em Porto Alegre havia um equilíbrio no uso do *Tu* e do *Você* com 49,17% e 50% respectivamente.

Destes estudos iniciais elas citam também Abreu (1987)²⁵ que realiza sua pesquisa com 96 informantes de Curitiba, Paraná, com quatro níveis de escolaridade e quatro faixas etárias e Ramos (1989)²⁶ com amostras de Florianópolis com 36 informantes da área urbana mais dois textos literários e questionários de atitude. Segundo Menon e Loregian-Penkhal (2002) nesses dois trabalhos não é apresentada uma bipolarização entre o *Tu* e *Você*, mas um novo modo de o falante se dirigir ao seu interlocutor com o *pronome zero*, algo que já adianto termos encontrado na nossa coleta de dados com o grupo de adolescentes de Florianópolis do bairro Ingleses. Abreu (1987) *apud* Menon e Loregian-Penkhal (2002) diz que a estratégia do *pronome zero* ocorre quando há dificuldade do falante categorizar o interlocutor segundo idade ou o *status*, portanto, na não marcação evita-se a descortesia ou um (in)formalismo inadequado. O resumo dos dois trabalhos pode ser visto na Tabela 7 abaixo:

²⁴ GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. *A ocorrência de 2ª pessoa: estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita*. 1979. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

²⁵ ABREU, Maria Teresa dos Santos. *Formas de tratamento: dialeto urbano e oral de Curitiba*. 1987. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

²⁶ RAMOS, Myriam Pereira Botelho. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. 1989. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Cidade	Total	Zero	Tu	Você	O Senhor
		Ocor/%	Ocor/%	Ocor/%	Ocor/%
Curitiba	1714	(839) 49%	-----	(530) 31%	(345) 20%
Florianópolis	427	(171) 40%	(85) 20%	(132) 31%	(39) 9%

Tabela 7: Formas de se dirigir ao interlocutor (cf. ABREU, 1987, e RAMOS, 1989, MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002, p. 154)

Podemos observar que no fim da década de 80 tanto em Curitiba, quanto em Florianópolis ocorria um predomínio do *pronome zero* com 49% e 40%. Interessante observar também que os dados de *Você* são idênticos com 31%, havendo uma maior incidência de *O Senhor*, uma forma mais polida, em Curitiba do que em Florianópolis. O uso do *Tu* em Florianópolis fica em 20% e não há nenhuma ocorrência em Curitiba. Ainda nos anos 80, após uma sequência de alguns anos de encontro do grupo de Bilinguismo e Variação Linguística, uma equipe das três universidades do Sul, UFPR, UFSC e UFRGS, sob a liderança de Leda Bisol, se reúnem num projeto comum para a constituição de um banco de dados de fala urbana da região Sul, surge então o projeto VARSUL. O banco de dados foi composto por entrevistas realizadas nas três capitais do Sul e mais três cidades do interior. As entrevistas foram gravadas e transcritas na primeira metade dos anos 1990 e em 1994 a PUC de Porto Alegre passa a fazer parte do projeto.

A partir das amostras do VARSUL trabalhos começam a surgir e resultados das análises da variação do *Tu* e do *Você*, segundo Menon e Loregian-Penkhal (2002), mostraram uma distribuição bastante interessante na comunidade. Loregian (1996)²⁷ encontrou, por exemplo, a não existência de *Tu* em Curitiba, o que deu a possibilidade de realizar um mapeamento nas três cidades. Na capital paranaense uso exclusivo do *Você*, nas outras duas uma alternância dos pronomes, porém com ressalvas, na catarinense uma maior presença do *Você* na comparação com Porto Alegre e concordância verbal canônica (ou assimilada) com o *Tu*, já na gaúcha maior uso do *Tu* com menos concordância.

As ocorrências analisadas por Menon e Loregian-Penkhal (2002) partem de uma releitura dos arquivos de dados de Curitiba/PR, Florianópolis/SC, Porto Alegre/RS, Lages/SC, Blumenau/SC e Chapecó/SC. Segundo elas na análise dos dados coletados (cf. Tabela 8)

²⁷ LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

constatou-se que a variação do *Tu* e do *Você* na comunidade é intensa. Curitiba dos 24 informantes, apresentou categoricamente somente o uso do *Você* como já tinha observado Abreu (1987) e Loregian (1996). Porto Alegre, Florianópolis e Chapecó não têm informantes mulheres que usam categoricamente só o *Você*. Blumenau, tanto homens quanto mulheres usam só *Tu*, só *Você* e *Tu+Você*. Em Lages, dos 24 informantes, apenas uma mulher usou só *Tu*, os homens usam só *Você* ou *Tu+Você*.

Informantes	Porto Alegre			Florianópolis			Curitiba		
	Tu	Você	T+V	Tu	Você	T+V	Tu	Você	T+V
FA ²⁸	05	-	01	05	-	01	-	06	-
FB	05	-	01	02	-	04	-	06	-
<i>Subtotal</i>	10	-	02	07	-	05	-	12	-
MA	02	01	03	04	-	02	-	06	-
MB	02	-	04	02	01	03	-	06	-
<i>Subtotal</i>	04	01	07	06	01	05	-	12	-
Total	14	01	09	13	01	10	-	24	-
Informantes	Lages			Blumenau			Chapecó		
	Tu	Você	T+V	Tu	Você	T+V	Tu	Você	T+V
FA	-	-	06	01	-	05	03	-	03
FB	01	02	03	-	01	05	01	-	05
<i>Subtotal</i>	01	02	09	01	01	10	04	-	08
MA	-	02	04	01	-	05	-	-	06
MB	-	02	04	-	03	02	02	02	02
<i>Subtotal</i>	-	04	08	01	03	07	02	02	08
Total	01	06	17	02	04	17	06	02	16

Tabela 8: Distribuição de *Tu/Você* por sexo e faixa etária, nas capitais do Sul do Brasil e nas cidades do interior de Santa Catarina. (MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002, p. 160)

O que podemos perceber a partir da leitura do texto de Menon e Loregian-Penkhal (2002) é de que provavelmente a colonização de cada região influenciou na marcação do uso dos pronomes *Tu* ou *Você*. Porto Alegre e Florianópolis são colonizadas por açorianos e a respeito da influência da cultura açoriana já discutimos no item 1.3. Curitiba é colonizada por paulistas, da mesma forma que Lages como discutimos em Coelho e Görski (2011). A cidade de Blumenau é colonizada por

²⁸ As abreviaturas usadas correspondem aos dados sociais dos informantes do VARSUL: F: feminino; M: masculino; faixa etária: A: 25-49 anos; B: + de 50 anos; escolaridade: P: primário; G: ginásio; C: colegial.

alemães, e apesar da proximidade com Florianópolis, não tem influência da norma da capital sobre o uso dos pronomes. A cidade de Chapecó, no oeste catarinense, é fundada e colonizada por gaúchos, por isso estaria mantendo o uso do *Tu*. Logo, podemos pensar que o sistema pronominal gaúcho-catarinense-paranaense aponta para uma mudança progressiva. Um avanço do só *Tu* que se inicia em Porto Alegre, depois uma introdução do *Você* e uma concorrência do *Tu* e do *Você*, até chegarmos a um sistema do só *Você* em Curitiba.

As autoras informam que para as rodadas estatísticas com o *Programa Varbrul* elas levaram em consideração somente os dados das cidades de Porto Alegre, Florianópolis e Lages. Na discussão a respeito da concordância verbal os resultados dessas cidades apontam para três casos de concordância:

- Forma canônica:

(i) *desde quando eles vieram dos Açores. Não tens não? Ah, mas precisas ter.* (FLO 22, fbc, 0368). (MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), p. 177)

(ii) *Tu não viste na bera da praia? (p/ entrevistador; POA 05, fbp, 0312).* (MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), p. 177)

- Forma canônica modificada (Alteração fonética produzida pela assimilação progressiva do [s] sobre o [t]: estiveste > estivesse; Pronúncia do ditongo [aj] de vais com a fricativa palatal, característica da pronúncia florianopolitana e inclusão de ditongo em estás > [‘taʃ] > tãjzoʎãdu):

(iii) *ai a mãe dizia: Apanhasse porque andasse fazendo bagunça.* (FLO, 18, mac, 0402). (MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), p. 178)

(iv) *Chegava em casa o pai: “Onde é que tu fosse?” “Ah, eu fui na sessão das moças”* (FLO 18, mac, 1140). (MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), p. 178)

(v) *O que tu vaf_fazê?* (FLO 23, mbc, 1192). (MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), p. 178)

(vi) *passamos mal pra caramba! De olhudas né? “Ah, tu tá com fome, tu tais olhando então vaf comê. Agora tu vaf comê tudo.” Foi o primeiro castigo (FLO 01), fap, 0488). (MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), p. 178)*

▪ Forma não-marcada:

(vii) *“Bah! Cláudio, ah! Vamo imbora sabe que tu já pensô, tu já ouviu quando tu entrou esses guri...” (POA 01, mbp, 0869). (Menon e Loregian-Penkhal (2002), p. 179)*

(viii) *“Bah! Eduardo, tu te mata a semana inteira pra ganha isso aí, tchê!” Digo: “Olha, que vai se fazer, né?” (POA 03, map, 0823). (MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), p. 179)*

(ix) *não sei se (v)ocê já viu dança de CTG? (...) Não sei se você sabe o que significa daquela vara. (...) e sai dois dali e dançam naquele pauzinho, tu nunca viu? (...) que bate os facão por baixo, não sei se você já viu? (LAG 18, fac, 765). (MENON e LOREGIAN-PENKAL (2002), p. 176)*

No texto as autoras indicam que a concordância verbal com ou sem o pronome *Tu*, nas três cidades, ocorre de maneira muito semelhante. A presença do pronome inibe a concordância verbal com maior grau em Porto Alegre e Lages ficando com somente 5% e 9% respectivamente, já em Florianópolis o resultado apresenta 33%. Em Florianópolis, com o pronome zero ocorreu um favorecimento grande para a forma marcada do verbo que resultou em 73%, já em Porto Alegre o resultado foi 31% e Lages somente 11%, é provável que os altos índices de Florianópolis se deem pela marcação da forma não canônica, algo típico da fala dos manezinhos.

A partir de Menon e Loregian-Penkhal (2002) e Loregian (1996), temos a tese de doutorado de Loregian-Penkhal (2004). Ela segue utilizando a base de dados do banco VARSUL com *corpus* do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. No trabalho dela podemos verificar aqueles que utilizam o sistema pronominal *Tu*, aqueles que utilizam o sistema pronominal *Você* e aqueles que utilizam os dois sistemas pronominais *Tu* e *Você*. As cidades investigadas no Rio Grande do Sul são: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja; em Santa Catarina são: Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages e o bairro Ribeirão da Ilha em Florianópolis. Para a nossa análise, vamos levar em consideração somente

o que ela encontrou em Santa Catarina conforme já vimos na Tabela 8 de Menon e Loregian-Penkal (2002).

Nas localidades catarinenses Loregian-Penkal (2004) constata que, especificamente, nas cidades de Florianópolis e Lages situações inversas ocorrem quanto ao número de informantes que usam os pronomes *Tu* e *Você*. Em relação ao *Tu*, em Florianópolis 13 entrevistados utilizam somente esta forma, no Ribeirão da Ilha são 7, em Chapecó 6 entrevistados, Blumenau 2, enquanto em Lages há apenas um. Quando o caso é o *Você* temos uma inversão, a cidade de Lages tem 6 informantes com uso exclusivo desse pronome, Blumenau são 4, Chapecó 2, em Florianópolis apenas um e no Ribeirão da Ilha não houve ocorrência de somente *Você*. No uso do *Tu/Você* Lages e Blumenau com 17, Chapecó com 16, Florianópolis com 10 e no Ribeirão da Ilha 4 informantes. Podemos observar por meio desses dados que o *Você* já se ‘inseriu’ na fala dos moradores do Ribeirão da Ilha que é considerado como uma das localidades de maior preservação da cultura açoriana em Florianópolis.

Em relação ao sexo/gênero Loregian-Penkal (2004) mostra que de modo geral ocorre o predomínio do uso do *Tu* entre as mulheres. Nas localidades investigadas em Santa Catarina os dados encontrados revelam que entre as mulheres do Ribeirão da Ilha as ocorrências foram de 97% e as de Florianópolis 91%. Já no interior a situação é um pouco diferente, em Chapecó a frequência entre as mulheres é de 59%, Blumenau 53% e Lages somente 23%. Entre os homens o destaque está para o Ribeirão da Ilha com 96%. Em Florianópolis o uso foi de 59%, seguido de Chapecó com 41%, Blumenau 14% e Lages com apenas 10%. Novamente quando falamos a respeito do *Você* temos uma inversão e entre as mulheres o predomínio está em Lages com 77%, seguido de Blumenau com 47%, Chapecó 41%, Florianópolis 9% e no Ribeirão da Ilha 3%. Já entre os homens Lages segue na frente com 90% de uso do *Você*, depois Blumenau com 86%, Chapecó com 59%, Florianópolis 41% e o Ribeirão da Ilha com 4%. Em relação à concordância verbal temos o seguinte resultado:

Regiões	Marcação da CV	Não marcação da CV
Florianópolis	251/585 = 43%	334/585 = 57%
Lages	27/189 = 14%	162/189 = 86%
Blumenau	51/134 = 38%	83/134 = 62%
Chapecó	2/261 = 8%	259/261 = 92%
Ribeirão da Ilha	268/445 = 60%	177/445 = 40%

Tabela 9: Concordância verbal com *Tu* por localidade segundo tabela adaptada de LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 208

Podemos perceber que pelo predomínio do uso do *Tu*, em virtude de sua colonização açoriana, Florianópolis e a localidade do Ribeirão da Ilha tem maior índice de concordância verbal segundo dados apresentados por Loregian-Penkhal (2004), ficando com 43% e 60%, e segundo ela é devido a uma preferência a não retenção do pronome. A cidade de Lages, pelo possível predomínio do *Você* apresenta baixo índice de concordância verbal com o *Tu* tendo apenas 14%. Já Chapecó apresentou o menor grau de concordância verbal, a colonização gaúcha do município e os resultados sobre concordância verbal em Porto Alegre mostraram que há pouca flexão canônica no verbo que acompanha o *Tu* no Rio Grande do Sul, conforme já discutimos em Menon e Loregian-Penkhal (2002), portanto pode ser o fator que explica a tendência da não marcação de concordância verbal, tendo apenas 8% na cidade catarinense.

Finalizando a discussão sobre os estudos de fala temos a tese de Rocha (2012) que trata sobre o fenômeno de variação do *Tu/Você/O Senhor* na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais nas funções de complementos verbais e adjuntos (oblíquos e possessivos) em Florianópolis. Para a pesquisa ela utilizou 28 entrevistas que foram selecionadas da Amostra Monguilhott (2006), VARSUL (Florianópolis) e Amostra Floripa (2009), além de testes de percepção aplicados aos informantes de Florianópolis nos anos de 2011 e 2012, dados esses que não iremos abordar. Nas entrevistas o uso do *Tu*, *Você* e *O Senhor* resultaram no gráfico abaixo:

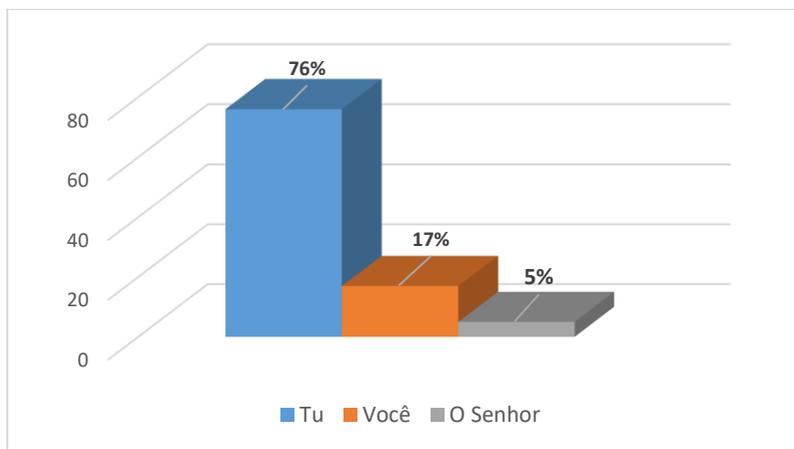


Gráfico 2: Ocorrências de *Tu*, *Você* e *O Senhor* a partir dos dados encontrados por ROCHA, 2012, em Florianópolis

Rocha (2012) encontrou 573 ocorrências dos pronomes *Tu*, *Você* e *O Senhor*, sendo que desse total 440 dados foram de *Tu* o que representa 76% do total, para a forma *Você* foram 99 dados representando 17% e para *O Senhor* foram 34 ocorrências que correspondem a 5% do total da amostra. Podemos perceber que a forma *Tu* é a forma mais utilizada pelo florianopolitano para se dirigir ao seu interlocutor seguido da forma *Você* e da forma *O Senhor*, uma tendência que vem ocorrendo até agora nos trabalhos já discutidos. A pesquisadora olhou para o uso em sete bairros de Florianópolis que são: Ribeirão da Ilha, Centro, Costa da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa, Ratoões e Ingleses, como nosso trabalho é na variação do *Tu* e do *Você* no bairro Ingleses, levaremos em conta para fins de análise no trabalho de Rocha (2012) e comparação com os dados encontrados por nós, somente os dados a respeito dessa localidade. O resultado encontrado por Rocha (2012) foi de que nos Ingleses o uso do *Tu* é de 70,96%, o *Você* é de 14,51% e *O Senhor* é de 14,51% também.

Em relação ao paralelismo sujeito e clítico Rocha (2012) revela não ter encontrado muitos dados. Das 47 ocorrências, 35 desses clíticos eram combinados com a forma *Tu*. Os resultados mostraram que com o *Tu* 89% dos clíticos foram utilizados em forma paralela, já em relação ao *Você* dos 10 dados encontrados 70% das ocorrências foram de formas não paralelas, ou seja, o informante não usou a forma *lhe/o* mas a forma *te*. Em relação ao sexo/gênero, seguindo a tendência de Loregian-Penkál (2004), Rocha (2012) também encontrou o uso do *Tu* mais marcante entre as mulheres. Com um total de 293 ocorrências de 306, a representação foi

de 95% de uso, entre os homens foram 147 de 233 ocorrências representando 63% de uso. Em relação à idade o predomínio do uso do *Tu* está entre os mais jovens 15-33 anos com 96%, entre os mais velhos 39 a 74 anos os resultados mostraram 72%. Os dados encontrados por Rocha (2012) a respeito da relação entre os interlocutores serão discutidos na nossa análise dos resultados.

Síntese do Capítulo 3

Neste capítulo, primeiramente discutimos a respeito dos estudos de Brown e Gilman (1960) e sobre a semântica dos pronomes de tratamento que, segundo os autores, é embasada nas relações de poder e de solidariedade que existem entre os interlocutores. Conseguimos perceber que a forma *T* é a mais usada por aqueles que têm mais poder ao se dirigir aos inferiores e a forma *V* por aqueles que têm menos poder para se dirigir aos superiores. Vimos também que no uso solidário a escolha poderia ser de *T* com *T* ou de *V* com *V*, e essa definição se dá conforme a intimidade, usando o *T* numa representação mais íntima e o *V* numa representação mais formal.

Na sequência tratamos sobre a história da entrada do pronome *Você* na língua portuguesa a partir de Faraco (1996). O linguista nos explica que *Vossa Mercê* até o fim do século XV era uma das formas de uso exclusivo para o Rei, assim como *Vossa Majestade* e *Vossa Alteza*. Contudo com a ascensão da aristocracia o *Vossa Mercê* se populariza a partir do momento em que ele começa a ser utilizado pelos serviçais, subordinados, artesãos para se dirigirem aos aristocratas. No Brasil o *Vossa Mercê* vem com os aristocratas na colonização e se populariza entre os não aristocratas, sofrendo um processo de simplificação de *Vossa Mercê* para *vosmecê* > *vossuncê* > *vassuncê* > *mecê* > *vancê* > *ocê* > *Você*.

Fizemos, então, uma discussão a respeito de estudos Sociolinguísticos que trataram da variação do *Tu* e do *Você* na escrita a partir de trabalhos de Lopes (2008), Coelho e Görski (2011), Nunes de Souza (2011) e Nunes de Souza e Coelho (2015). Abaixo apresentamos alguns resultados desses estudos que consideramos como os mais significativos:

Síntese dos estudos sobre o *Tu* e *Você* na escrita

Pesquisador	Análise	Você	Tu	O Senhor
Lopes (2008)	Machado (2007)	94%	6%	---
	Lopes e Machado (2005): Amores Perfeitos	100%	---	---
	Lopes e Machado (2005): Cidade de Deus	45%	55%	---
Coelho e Görski (2011)	Século XIX	11%	89%	---
	Século XX	94%	6%	---
Nunes de Souza (2011)	Século XIX: 1ª metade	0%	49%	32%
	Século XIX: 2ª metade	4%	56%	23%
	Século XX: 1ª metade	65%	17%	12%
	Século XX: 2ª metade	60%	11%	26%
Nunes de Souza e Coelho (2015)	Século XIX: Remetente Virgílio Várzea (1882-1892)	---	100%	---
	Século XIX: Remetente Araújo Figueiredo (1888-1897)	---	100%	---
	Século XIX: Remetente Cruz e Sousa (1892)	---	100%	---
	Remetente A (1964)	---	100%	---
	Remetente E (1965-1966)	100%		---
	Remetente B (1966)	9%	91%	---
	Remetente L (1966)	78%	22%	---
	Remetente V (1968)	100%	---	---
	Remetente O (1969)	39%	61%	---
Harry Laus (1987-1992)	5%	95%	---	

Quadro 1: Síntese dos resultados mais significativos dos estudos de variação na escrita

Em seguida realizamos uma análise de estudos Sociolinguísticos sobre a variação do *Tu* e do *Você* na *fala*. Os trabalhos discutidos foram

os de Lucca (2007), Paredes Silva (2003), Scherre et al. (2011), Menon e Loregian-Penkal (2002), Loregian-Penkal (2004), Rocha (2012). Abaixo apresentamos alguns resultados desses estudos que consideramos como os mais significativos:

Síntese dos estudos sobre o *Tu* e *Você* na fala

Pesquisador	Análise	Você	Tu	O Senhor
Lucca (2007)	Região Norte: Soares e Leal (1993) – de filho para pai (Pará)	12,3%	49,1%	38,6%
	Região Norte: Soares e Leal (1993) – de pai para filho (Pará)	23,2%	76,8%	---
	Região Nordeste: Oliveira (2005) – comunidades afro brasileiras (Bahia)	81%	19%	---
	Região Centro-Oeste: Lucca (2005) – Distrito Federal	28%	72%	---
	Região Sudeste: Modesto (2006) – Santos/São Paulo	68%	32%	---
	Região Sul: Loregian-Penkal (2004) – Florianópolis/Santa Catarina	23%	77%	---
	Região Sul: Loregian-Penkal (2004) – Ribeirão da Ilha/Florianópolis/Santa Catarina	2%	97%	---
Paredes Silva (2003)	Amostra Paredes Silva (2003)	35%	65%	---
Scherre <i>et al.</i> (2011)	Andrade (2004)	63% de <i>Você</i> , 31% de <i>cê</i> e 6% de <i>ocê</i>	---	---
	Lucca (2005)	17% de <i>Você</i> e 11% de <i>cê</i>	72%	---

	Dias (2007) – 13-19 anos	15% de <i>Você</i> e 55% de <i>cê</i>	30%	---
	Andrade (2010) – Vila Planalto	52%	48%	---
Loregian-Penkall (2004): Homens / Mulheres	Florianópolis	41% / 9%	59% / 91%	---
	Ribeirão da Ilha (bairro)	4% / 3%	86% / 97%	---
	Chapecó	59% / 41%	41% / 59%	---
	Blumenau	86% / 47%	14% / 53%	---
	Lages	90% / 77%	10% / 23%	---
Rocha (2012)	Amostra Monguilhott (2006), VARSUL (Florianópolis) e Amostra Floripa (2009)	17%	76%	5%

Quadro 2: Síntese dos resultados mais significativos dos estudos de variação na fala

Na sequência traçamos os objetivos, questões e hipóteses da pesquisa, e logo após – no Capítulo 4 – apresentamos nossa metodologia e a descrição dos resultados encontrados na nossa Amostra.

3.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

3.3.1 Objetivos

A seguir apresentamos os Objetivos dessa pesquisa. Consideramos como Objetivo geral e Objetivos específicos.

3.3.1.1 Objetivo Geral

- Investigar o fenômeno de variação do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você* na modalidade *oral*, à luz da Teoria da Variação e Mudança, observando a atuação da regra variável em um grupo de 10 adolescentes de 16 a 18 anos residentes no bairro Ingleses da cidade de Florianópolis/Santa Catarina.

3.3.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar as formas do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você* utilizadas na fala dos adolescentes;
- Identificar quais as formas do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você* mais se destacam na fala dos nossos informantes, considerando o local de seu nascimento e o local de nascimento de seus pais;
- Controlar quais são os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam como condicionadores das formas do paradigma de *Tu* e das formas do paradigma de *Você*;
- A partir do que dizem Brown e Gilman (1960) investigar como se constituem as relações de poder e solidariedade nas relações assimétricas (de superior para inferior e de inferior para superior), nas relações simétricas (entre iguais) e na relação com o entrevistador;
- Investigar se o tipo de texto utilizado no momento da entrevista contribui para o uso do paradigma de *Tu* ou para o uso do paradigma de *Você*.

3.3.2 Principais Questões

- I) Ocorre a alternância entre as formas do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você* na fala de nossos informantes adolescentes? Ou haverá aqueles que utilizam as formas só de *Tu* ou as formas só de *Você*?
- II) O Estado de nascimento dos informantes, o Estado de nascimento dos pais e o tempo de moradia em Florianópolis podem contribuir para o uso das formas do paradigma de *Tu*?
- III) A partir do que propõe Brown e Gilman (1960), estariam os adolescentes apresentando ocorrências da forma *V* para se dirigirem a um superior, da forma *T* para um inferior e apresentando *V-V* ou *T-T* nas relações simétricas?
- IV) O tipo de texto utilizado na entrevista estaria condicionando formas do paradigma de *Tu* ou formas do paradigma de *Você*?

3.3.3 Hipóteses Gerais

- I) Conforme estudos de Loregian-Penkak (2004), Arduin (2005) e Rocha (2012) na cidade de Florianópolis ocorre alternância de uso dos paradigmas de *Tu* e de *Você*, logo nossa hipótese é de que na fala de nossos informantes vamos encontrar adolescentes

- que usam somente a forma *Tu*, outros que usam somente a forma *Você* e ainda outros que usam as duas formas (*Tu* e *Você*).
- II) Acreditamos que o Estado de nascimento dos informantes, o Estado de nascimento dos pais e o tempo de moradia em Florianópolis possam ser condicionadores para o uso das formas de *Tu* ou de *Você*. Aqueles informantes que nasceram em Santa Catarina ou no Rio Grande do Sul ou que residem em Florianópolis há mais de 6 anos devem usar mais formas do paradigma de *Tu*, Já aqueles informantes de um Estado de origem que tenha um uso mais acentuado da forma *Você* e que estejam em Florianópolis há pouco tempo (menos de 6 anos) devem preferir formas do paradigma de *Você*.
- III) No que se refere às relações de poder e solidariedade propostas por Brown e Gilman (1960) acreditamos que por se tratar de adolescentes, eles não serão influenciados pelas relações de poder, logo, nas relações assimétricas de superior para inferior e de inferior para superior, nas relações simétricas e na relação com o entrevistador o falante que utilizar mais a forma *T*, apresentará ocorrências de *T* e o falante que utilizar mais a forma *V*, apresentará ocorrências de *V*.
- IV) No que tange ao tipo de texto utilizado na entrevista, acreditamos que dois deles contribuirão para mais ocorrências do paradigma de *Tu* em relação ao paradigma de *Você*. No tipo de texto Receita nossa hipótese segue a de Loregian-Penkall (2004) com predomínio de uso do *Tu* e em diálogo com o entrevistador acreditamos que em virtude da proximidade deste pesquisador com os informantes, a forma *Tu* (menos formal) também irá ocorrer com mais frequência.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Nas seções a seguir apresentamos a metodologia de coleta de dados, o envelope de variação utilizado na análise estatística e a descrição dos resultados encontrados.

A ideia de uma coleta de dados específica surgiu a partir de uma discussão feita na disciplina de *Teoria da Variação e Mudança: Interfaces*, oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Linguística aqui na UFSC no semestre 2014/2, durante a aula ministrada pela professora Dra. Edair Maria Görski. A discussão era a respeito dos estudos das três ondas de Eckert (2003) que são classificadas, segundo Freitag, Martins e Tavares (2012), do seguinte modo: na Primeira Onda os estudos se dão na premissa de que as variedades linguísticas carregam o status social de seus falantes, na Segunda Onda é levada em consideração uma abordagem mais etnográfica, tendo como intenção uma observação de como o vernáculo assume um valor local, já na Terceira Onda é uma combinação de Segunda com a Primeira Onda, contudo ocorre uma mudança de metodologia da observação de Comunidade de Fala para Comunidade de Prática²⁹.

Pensamos na possibilidade de que, na fala de um grupo de adolescentes que frequentassem a mesma sala de aula, seria possível encontrar indícios de uma comunidade de prática no ambiente escolar. Entretanto, a partir do conceito de comunidade de prática e em sondagens preliminares realizadas com esses jovens, percebemos que apesar de eles interagirem diariamente, não possuíam características como perspectivas, valores e conhecimentos em comum, apenas certos interesses eram partilhados entre alguns. Percebemos então que o que existia eram diferentes comunidades de fala, heterogêneas linguisticamente. O espaço escolar frequentado pelos adolescentes é localizado no bairro Ingleses e, conforme já mencionado no item 1.2, o bairro é formado por pessoas oriundas de diversos estados do Brasil. Nas seções a seguir, tratamos a

²⁹A comunidade de prática é um agrupamento de indivíduos (comunidade) que partilham perspectivas em comum, valores e conhecimento (domínio), e que interagem entre si para se aperfeiçoarem e replicarem esses valores e conhecimentos (prática). Trata-se de uma construção social, sujeita às práticas diárias dos indivíduos, que interagem entre si e com outras comunidades. (WENGER (1998); ECKERT; MCCONNELL-GINET (2010); ECKERT; MCCONNELL-GINET (1997) *apud* FREITAG, MARTINS e TAVARES (2012), p. 922)

respeito da constituição da nossa amostra e de nosso envelope de variação.

4.1 A AMOSTRA

A turma de alunos investigada no bairro Ingleses era composta por 27 adolescentes de etnias diferentes, advindos de regiões diferentes do Brasil. Além de Florianópolis/SC havia alunos de cidades como Curitiba/PR, São Borja/RS, Porto Alegre/RS, Novo Hamburgo/RS, Frederico Westphalen/RS, São Paulo/SP, Santos/SP, Goiânia/GO e Vitória da Conquista/BA. Desses, 18 eram meninos e 9 meninas com idade entre 16 e 18 anos. Percebemos que o uso dos pronomes *Tu* e *Você* ocorria de forma alternada entre eles, o que motivou nossa pesquisa.

A metodologia da coleta foi escolhida para verificarmos as situações de uso variável do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você* na fala desses indivíduos, observando como esse uso se daria em uma situação considerada mais formal e em uma situação menos formal. Queríamos observar se aqueles adolescentes que fizessem o uso de certa forma na modalidade formal repetiriam o mesmo uso em outros contextos de menos formalidade. Foi então que se definiram duas estratégias de coleta: a realização de um debate (situação mais formal), seguindo os padrões de debate político, com temas sugeridos pelos adolescentes, e, posteriormente, a realização de entrevistas individuais (situação menos formal). A coleta de dados foi realizada entre os dias 20 e 24/06/2016.

Primeiramente, conversei com todos os adolescentes da turma. Eles previamente aceitaram participar da nossa coleta de dados, mas como a maioria era menor de idade receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2) para que fosse preenchido em casa e assinado pelos responsáveis. Nesse termo continham informações a respeito da pesquisa, deixando-os cientes de seus direitos e deveres, mostrando que concordavam em participar de todas as etapas da coleta de dados. Com a documentação preenchida e assinada realizamos a primeira etapa da nossa coleta – o debate – que foi organizada da seguinte maneira:

Passo 1: Organização de um debate – Os informantes organizaram um debate com temas selecionados de acordo com o interesse da maior parte da turma. Para isso, primeiramente as equipes foram formadas (passo 2), foram selecionados os temas para o debate (passo 3) e o debate foi realizado (passo 4).

Passo 2: Organização das equipes – Os informantes formaram cinco grupos com no mínimo cinco integrantes e no máximo seis.

Passo 3: Sugestão de temas – Cada grupo teve que fazer a sugestão de dois temas para o debate. Os dez temas foram expostos e divulgados a todos e com isso se determinou que cada equipe se reunisse em conjunto, separada das demais, para que os temas fossem discutidos e o debate organizado, não havendo a nossa mediação. Os temas selecionados por eles foram:

1. Ditadura da beleza;
2. Legalização da maconha;
3. Tecnologias nas escolas;
4. Banalização dos valores humanos;
5. Uso indevido do ar condicionado dentro da sala de aula;
6. Ideologia de gênero;
7. Estatuto da família: Casamento gay;
8. Extremismo religioso;
9. Aborto;
10. Sexualidade: Livre escolha de gênero.

Passo 4: Realização do debate – No dia do debate os dez temas foram colocados para sorteio e números de 1 a 5 representando cada equipe. As discussões foram gravadas e seguiram padrão de debate político com Pergunta → Resposta → Réplica → Tréplica. O primeiro tema foi sorteado, após foi realizado o sorteio da primeira equipe, esta escolheu para qual equipe desejava fazer a pergunta. As rodadas posteriores seguiram desta forma: aquela equipe que respondeu primeiro perguntou para outra equipe e assim sucessivamente até que a última perguntou para a primeira. Logo tivemos 5 temas discutidos na primeira etapa. No segundo momento tudo se repetiu e os outros 5 temas restantes foram debatidos também com uma nova equipe sendo sorteada para começar. A interação durou aproximadamente 1h45min. Os resultados a respeito dessa metodologia de coleta, discutimos no Capítulo 4.

A realização das entrevistas individuais – a segunda modalidade de coleta de dados –seguiu alguns critérios pré-estabelecidos. Nossa escolha foi por fazê-la com 10 informantes que haviam participado do debate: 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Desse total de 10, decidimos que metade das entrevistas seria realizada com informantes nascidos em Florianópolis e a outra metade com informantes nascidos em alguns dos Estados já mencionados anteriormente. Sendo assim, nossos informantes são estratificados da seguinte maneira:

1. Dois informantes da cidade de Florianópolis/Santa Catarina cujos pais e avós são nativos da cidade (manezinhos da ilha);
2. Duas informantes da cidade de Florianópolis/Santa Catarina cujos pais são nascidos no Rio Grande do Sul;

3. Uma informante da cidade de Florianópolis/Santa Catarina cuja mãe e avós maternos são nativos da cidade e pai e avós paternos são nascidos no Uruguai;
4. Uma informante da cidade de Curitiba/Paraná cujos pais são nascidos no Paraná;
5. Um informante da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul cujos pais são nascidos no Rio Grande do Sul;
6. Um informante da cidade de Santos/São Paulo cujos pais são nascidos em São Paulo;
7. Uma informante da cidade de Goiânia/Goiás cujos pais são nascidos em Goiás;
8. Um informante da cidade de Vitória da Conquista/Bahia cujos pais são nascidos na Bahia.

O debate e as entrevistas formaram nosso *corpus* que chamaremos de Amostra Traesel (2016). Todas as coletas serão disponibilizadas para integrarem o banco de dados VARSUL da agência UFSC de SC.

4.2 ENVELOPE DE VARIAÇÃO

Nesta seção tratamos a respeito das variáveis controladas nesta pesquisa e dos resultados estatísticos mais significativos com relação à variável dependente formas do paradigma de *Tu* e formas do paradigma de *Você*. Para observar os fatores condicionadores que atuam sobre as formas de *Tu* e as formas de *Você*, controlamos as seguintes variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas: função sintática, preenchimento do sujeito pronominal, concordância verbal com pronome *Tu*, paralelismo estrutural, pessoa do discurso reportado, relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores, tipo de texto, local de nascimento dos informantes, sexo do informante, local de nascimento dos pais, tempo em que o informante mora na Ilha de Santa Catarina e indivíduo.

Nossos resultados são apresentados quantitativamente, levando-se em consideração os dados encontrados nas dez (10) entrevistas individuais realizadas. Nessa análise não são consideradas as falas do debate, uma vez que nem todos os informantes participaram ativamente dessa atividade.

Após levadas e categorizadas todas as sentenças com pronomes de segunda pessoa do singular encontradas nas dez entrevistas, foram feitas várias rodadas estatísticas com a utilização do pacote de programas do *Goldvarb 2001*. Os resultados dessas rodadas são apresentados nas seções a seguir.

4.2.1 Variável dependente: paradigma de *Tu* e paradigma de *Você*

Para estudar as formas variáveis de segunda pessoa do singular tratadas aqui como formas do paradigma de *Tu* e formas do paradigma de *Você*, levamos em consideração as formas relacionadas a pronomes pessoais, oblíquos e possessivos.

Paradigma Pronominal *Tu* e Paradigma Pronominal *Você*:

Pronome Reto P2	Acusativo/Dativo	Oblíquo	Possessivo
Tu	te, para ti, a ti (OD/OI)	De ti, para ti, ti, contigo (Complemento relativo e complemento circunstancial)	teu, tua, teus, tuas
Você	o, a, os, as, lhe, você, para você, a você (OD/OI)	com você, para você, a você (Complemento relativo e complemento circunstancial)	seu, sua, seus, suas

Tabela 10: Paradigmas pronominais de *Tu* e de *Você* (cf. DUARTE, 2013)

Analizamos todas as ocorrências dos paradigmas de *Tu* e de *Você* das 10 entrevistas realizadas que são formadas por informantes adolescentes de 16 a 18 anos do sexo/gênero masculino e feminino. A partir desta amostra, obtivemos um total de 544 ocorrências. Desse total foram encontradas 337 ocorrências de formas do paradigma de *Tu* (61%) e 207 de formas do paradigma de *Você* (38%). Os valores percentuais gerais podem ser observados no gráfico abaixo:

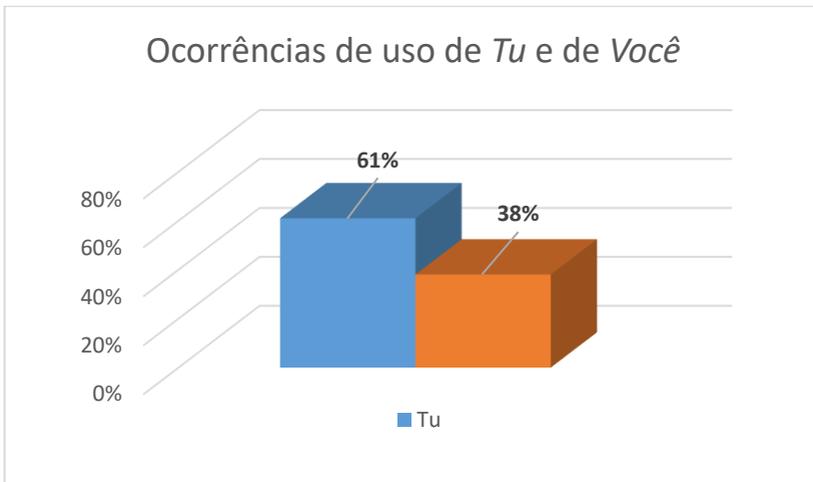


Gráfico 3: Ocorrências de uso dos paradigmas de *Tu* e de *Você* nas entrevistas individuais nos Ingleses

Os resultados percentuais encontrados se assemelham aos índices de Rocha (2012) que nos Ingleses encontra 70,9% de uso do *Tu*, 14,5% de uso do *Você* e 14,5% de uso de *O Senhor*. Vale ressaltar que a autora leva em consideração amostras de fala somente de nativos de Florianópolis. Neste caso estudado temos 61% de uso de *Tu* e 38% de uso de *Você* dessa comunidade de nativos e não nativos. Apesar dessa diferença no controle do informante da pesquisa, o uso do *Tu* na Amostra Traesel segue também a tendência de estudos anteriores. Para esses resultados consideramos o uso espontâneo das formas dos paradigmas de *Tu* e de *Você* nas posições de sujeito (nulo ou preenchido), objeto direto, objeto indireto, complemento oblíquo (complemento relativo e complemento circunstancial) e possessivo. Além disso, consideramos também as formas de imperativo associadas ao *Tu* (formas do indicativo) e associadas ao *Você* (formas do subjuntivo). Função sintática é uma das variáveis independentes controladas neste trabalho.

A seguir, apresentamos os resultados estatísticos encontrados em cada uma das variáveis independentes controladas, que serão caracterizadas e exemplificadas.

4.2.2 Variáveis independentes linguísticas

Consideramos as seguintes variáveis independentes linguísticas em nossa análise: função sintática, preenchimento do sujeito pronominal,

concordância verbal com pronome *Tu*, paralelismo estrutural, pessoa do discurso reportado, relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores, tipo de texto.

Vamos agora aos resultados e à discussão das variáveis linguísticas.

4.2.2.1 Função sintática

Na variável *função sintática* das formas do paradigma de *Tu* e de *Você* consideramos: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento obliquo, possessivo e imperativo. Nossa hipótese inicial era de que houvesse predomínio do uso do *Tu* em relação ao *Você*, nas diferentes funções sintáticas. A partir dos resultados, conseguimos perceber que em todas as funções sintáticas as ocorrências de *Tu* são mais significativas do que as ocorrências de *Você*.

Os resultados relacionados a essa variável encontram-se na tabela abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Variáveis Linguísticas	Sujeito	185	38	291	61	476	87
	Objeto Direto	5	31	11	68	16	2
	Objeto Indireto	2	22	7	77	9	1
	Compl. Obliquo	7	41	10	58	17	3
	Possessivo	8	36	16	66	24	4
	Imperativo	0	0	2	100	2	0
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 11: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável função sintática

De um total de 544 ocorrências de formas do paradigma de *Tu* e formas do paradigma de *Você*, 476 estão na função de sujeito, tendo um percentual de 87% do total dos fatores considerados. Podemos observar os usos dessas formas nos exemplos a seguir:

(5) *Tu* tem que ir porque esse daí *Tu* fosse batizado, tu, *Tu* ta fazendo catequese, é... crisma, *Tu* tem que fazê as coisa da igreja a que igreja manda e tudo mais. (Entrevistador: ai o que você responde pra ela?) A mãe, para eu já vo no domingo, porque eu sempre vo no domingo, daí eu não vo. (Entrevistador: ai ela fala

*o que de volta?) Então ta bom, já que não queis ir não vais, mas domingo **Tu** vais. (RafSCM16)*

*(6) Teve um dia que a gente tava fazendo uma festinha, não sei se era carnaval, no pátio da escola e ela tava falando pra mim “aaa, que pena hein, **Você** não pode nem coloca uma tiara, porque **Você** não tem cabelo, **Você** não pode jogar purpurina porque **Você** não tem cabelo. **Você** tem que coloca uma piruca porque **Você** não tem cabelo” que que eu fiz? Arrastei ela pelos cabelos no pátio da escola inteira (e aí?) aí que eu fui suspensa... (MarGOF16)*

Em (5) temos um informante do sexo masculino, nativo de Florianópolis que faz uso categórico do Tu na posição de sujeito, já em (6) temos uma informante do sexo feminino da cidade de Goiânia que faz uso categórico do Você na posição de sujeito. Os resultados nos mostram que nesta posição sintática o uso do Tu representa 61% e o do Você 38%, dando um total de 87% de ocorrências deste fator na variável função sintática analisada, corroborando com os trabalhos de Loregian-Penkal (2004) e Rocha (2012).

Em relação ao fator objeto direto, foram encontradas apenas 16 ocorrências, sendo que 11 para formas do paradigma de Tu e 5 para formas de Você, representando o percentual de 68% e 31%, respectivamente. Os casos podem ser verificados conforme exemplos a seguir:

*(7) Meu namorado fala assim pra mim “Muito obrigado por tudo, por existir na minha vida, eu **te** amo, você é tudo pra mim” aí eu começo a chorar. (GabPRF18)*

*(8) (Você gosta de morar aqui no bairro?) Não sei porque todo mundo se conhece aqui, não é por exemplo um Rio de Janeiro ou São Paulo que não vê ninguém, todo mundo **ti** conhece... (RafSCM16)*

*(9) Quando eu falava muito o Tu eu lembro que falavam bastante “Porque que tu fala **tu**? Que bagulho é esse de fala diferente?” (MarSPM17)*

*(10) chegava lá rindo rindo e falava “Vai embora, vai embora pra casa agora que minha mãe mando **cê** i embora” ia rindo e voltava*

apanhando, que era ele me dando castudo, ele me chutano, me brigano comigo porque eu entreguei ele. (MarGOF16)

Em (7) e (8) temos os oblíquos *te* e *ti* ocupando a posição de objeto direto. Chamamos atenção para (7) em que temos uma informante de Curitiba/Paraná fazendo uso do clítico *te* apesar de seu uso categórico do *Você* na posição de sujeito (cf. discutiremos na seção 4.2.3.1). Em (9) temos o *Tu* ocupando a posição de objeto direto quando o informante que é de Santos/São Paulo conta ter sido questionado sobre o fato de estar usando o *Tu* quando estava em viagem na sua cidade natal. Já em (10) a informante de Goiânia segue a tendência da região e utiliza a forma reduzida *cê* na posição de OD.

Chamo atenção para o exemplo abaixo (11) em que podemos perceber o uso alternado do *Você* com a forma *te* pertencente ao paradigma de *Tu*. A partir do que dizem as gramáticas normativas, como a de Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2006), a forma *Você* deveria se associar aos pronomes advindos da terceira pessoa do singular (*lhe*, *o*, *a*, *seu*, *sua*), entretanto percebemos que não é isso o que o falante faz, afinal se ele usa a forma *Você* como P2 nada impede que ele use as formas oblíquas de P2 associadas ao *Você*. Situação que é aceita em gramáticas mais descritivas como a de Castilho (2010) e a de Azeredo (2012).

*(11) Ai a gente dizia bem assim “Você vai ve, ele vai larga **você**, vai leva a gente daqui, porque ele não ama **você**, ele só ama a gente, ele só ta com você por causa da gente, você bate na gente, então ele vai **te** larga” (E ela falava o quê?) ela ficava calada e não falava nada... quando o pai chegava em casa a gente nem lembrava que tinha apanhado. (MarGOF16)*

*Na posição de objeto indireto 9 ocorrências foram encontradas no total, 7 para *Tu* resultando em 77% e 2 para *Você* ficando em 22%. Os casos constatados foram verificados nas seguintes situações:*

*(12) Cada um faz o seu caminho, faz o que tu acha melhor, o que vai **te** fazer feliz, realmente feliz. Só isso que eu falei pra ela. (VinBAM18)*

*(13) O Juliano, eu já falei pra **ti** meu tu já teve outras experiências, tu deve tomar coragem e fala com a Djudia... (VinBAM18)*

(14) ... *que é óbvio se a pessoa ta... eu falei você fala, se ele fala pra **você** que te ama você fala “sinto muito acostume-se” e vai embora.* (MarGOF16)

Em (12) e (13) temos a presença do te e do ti, ambos do paradigma de Tu mas em (13) o ti acompanhado da preposição pra forma reduzida de para sendo objeto indireto do verbo falar, da mesma forma a preposição acompanhando o Você em (14) também sendo objeto indireto do verbo falar. Novamente chamamos a atenção para algo que iremos discutir na seção 4.2.3.1 que tratará a respeito dos informantes. O informante VinBAM18 de Vitória da Conquista/Bahia faz uso preferencialmente do Tu em relação ao Você, contrariando o que diz Oliveira (2005) citado por Lucca (2007) que no interior da Bahia ocorre uso alternado do Tu e do Você mas com preferência pelo Você, o nosso informante alterna, mas faz uso preferencial de Tu.

Como complemento oblíquo encontramos 17 ocorrências e os resultados ficaram muito próximos em relação ao Tu e ao Você. O Tu apareceu em 10 ocorrências com 58% do total, já o Você teve 7 ocorrências com 41% do total. Encontramos as combinações de pra ti (15/16), de ti, contigo (16), de você, pra você (17), com você, em você (18). Alguns casos podem ser observados nos exemplos abaixo:

(15) *Lá eu só comia salada, comprava umas saladas prontas e colocava na geladeira do hotel e comia e vinha tudo prontinho assim, vinha umas coisinhas junto **pra ti** coloca em cima tipo frango, vem torrada, vem palmito, eu misturava tudo e comia...* (YasSCF16)

(16) *(se você pudesse dizer pra ele isso, o que você diria?) “Igor, Igor, para de usa essas roupas, tu consegue usa umas roupas mais bonitas, vo chama o esquadrão da moda **pra ti** ajuda, vamo lá... eu vo **contigo** compra ropa, mas não usa mais aquela meia...”* (GiuSCF16)

(17) *“... você tá muito auto confiante e se é **pra você** se desaproxima de mim, não venha conversa comigo, você não venha fala que eu to linda”* (MarGOF16)

(18) *Meu tio falou assim “Como que você faz uma coisa dessas, imagina se tem realmente a cobra e a gente não acredita mais **em você**” e a gente teve que ir embora...* (MarGOF16)

O uso dos possessivos também foi mais expressivo com as formas de Tu. Em um total de 22 ocorrências, 14 foram com as formas de Tu representando 63%. As formas de Você foram encontradas em 8 ocorrências, dando portanto 36%. Os casos podem ser vistos nos seguintes exemplos:

(19) “*Não mãe, tu não era tão má, mas nesse dia ai ó eu fiz xixi nas calça por **sua** causa*” (YasSCF16)

(20) *Ele dizia tipo... que a única obrigação minha é estuda. Mas ele nunca falou pra eu trabalha, inclusive eu tive a ideia de trabalha agora e ele falou “não, não é pra ti trabalha é pra ti só estuda que é **tua** obrigação”* (NicRSM16)

Em (19) conseguimos observar uma alternância das formas, uma vez que a informante usa o Tu na posição de sujeito para se dirigir à mãe, mas usa o possessivo sua, forma do paradigma de Você, para atribuir culpa à mãe pela situação narrada. Essa situação pode ser justificada pela relação assimétrica de inferior para superior que tem a preferência pela forma V em relação a T, conforme discutido por Brown e Gilman (1960) e que iremos retomar na seção 4.2.2.6. Em (20) o informante segue o padrão de uso das formas de Tu, tanto no complemento oblíquo pra ti quando na forma possessiva tua.

Na forma imperativa encontramos apenas 2 casos e ambos na relação do verbo com o Tu, ou seja, 100% em formas do paradigma de Tu. As situações encontradas foram as seguintes:

(21) “*Tem que ajuda a mãe, to ficando com dor no braço já, só eu que faço tudo aqui na casa...*” (e o que você disse pra ela) “*A mãe para, arruma Ø ai...to com preguiça*” (LuiSCM16)

(22) *(Numa briga que ele teve com o irmão) a gente tava discutindo e eu disse pra ele “Vai Ø a merda...”* (NicRSM16)

Podemos perceber que em ambos os casos o pronome Tu aparece na forma oculta (ou nula), porém nossa interpretação se dá a partir da escolha de uso de cada informante no decorrer de toda a entrevista.

4.2.2.2 Preenchimento do sujeito pronominal

No trabalho de Loregian-Penkal (2004) conseguimos verificar que, a partir das rodadas estatísticas realizadas pela pesquisadora em Florianópolis, a ausência do pronome expresso propicia o uso do Tu em relação ao Você, de acordo com a autora o uso de Tu representa 0,80 de peso relativo nessa situação. Por outro lado, quando o pronome aparece explicitado há uma redução no uso de Tu para 0,39 de peso relativo. Logo, ela constata que a flexão verbal canônica de segunda pessoa é, muito provavelmente, a responsável pelo elevado peso relativo atribuído ao Tu. Coelho e Görski ((2011), p. 283) explicam que “há uma predominância do sistema de tuteamento com sujeito nulo e uma predominância do sistema de voceamento com o pronome preenchido”. Nossos resultados atestam o que as autoras dizem, conforme podemos ver na tabela abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Sujeito:	Expresso	130	50	127	49	257	53
	Nulo	55	25	164	74	219	46
TOTAL		185	38	291	61	476	

Tabela 12: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável preenchimento do sujeito

Das 476 ocorrências encontradas, 164 aparecem com sujeito nulo em *Tu* representando 74% e 130 com sujeito expresso em *Você* tendo o percentual de 50%. Percebemos também que houve um número grande de sujeito expresso para *Tu*, com 127 das 257 ocorrências, o que representou 49% dos casos. Loregian-Penkal (2004) explica que a marcação do *Tu* com pronome expresso deve-se ao fato de informantes pertencerem a localidades em que a flexão canônica de segunda pessoa ocorre pouco, como é o caso dos dados encontrados por ela no Rio Grande do Sul, logo o falante tende a explicitar o pronome *Tu* ou o *Você*, uma vez que não há marcação morfológica que possa distinguir esses pronomes. Falaremos mais sobre isso na próxima seção que trata a respeito da concordância verbal. Abaixo podemos acompanhar exemplos do sujeito expresso e nulo a partir da fala de nossos informantes:

(23) \emptyset Pega uns quatro ovos ai um **tu** quebra normal, \emptyset parte ele e \emptyset coloca num prato assim normal, os outros \emptyset faz um pequeno buraco e \emptyset deixa escorrer só a clara que a gema é mais consistente e ela não passa ai **tu** faz isso com os outros três depois \emptyset mistura

eles e Ø começa a bate. Ø Bate bastante Ø pega o sal ou aquele tempero que tem marronzinho e Ø coloca um pouco Ø bate, ai Ø continua batendo depois Ø liga o fogão, Ø bota um pouco de óleo ali, bem pouco só pra esquentar, quando tiver quente Ø vai e Ø derrama, ai Ø mexe um pouco, se tiver algum queijo, alguma coisa quando tiver quase fritando Ø coloca junto e deu. Eu geralmente como com queijo só. (VinBAM18)

*(24) (Que conselho você daria pro seu irmão?) A, eu diria pra ele “Eu acho que **tu** tem que fazes algum esporte pra tua vida, porque **tu** tem 12 anos, **tu** tem, **tu** não consegue da uma corridinha sem Ø passa mal, Ø só mexe no computador e Ø joga vídeo game, **tu** não faz mais nada que isso e mesmo que **tu** não queira fazes nada na tua vida posteriormente vai ser bom pra ti e que **tu** tem que se cuida mais, porque **tu** tem 12 anos e **tu** não tem capacidade física de 12 anos.” (YasSCF16)*

*(25) Ela (a mãe da informante) falou bem assim “Seu pai ficou muito chateado com o jeito que **você** falou, porque **você** não foi obrigada a trabalhar, **você** ta recebendo um salário e **você** não tem que fala assim não, e **você** tem que pensa que no inverno **você** pode fazes o que **você** quiser, o que **você** quiser com quem **você** quiser” (MarGOF16)*

Percebemos por exemplo que em (23) o informante nos explica uma receita, fator que contribuiu para a marcação de sujeito nulo em *Tu* e que iremos discutir posteriormente no item 4.2.2.7 ao tratarmos do tipo de texto. Já em (24) a informante não usa quase nada de sujeito nulo, dando a preferência pelo sujeito expreso, possivelmente pela influência dos pais que são do Rio Grande do Sul. Em (25) aparece o uso marcado do *Você* como sujeito expreso, fator já explicado por meio do trabalho de Loregian-Penkak (2004).

4.2.2.3 Concordância verbal com o pronome *Tu*

Na variável *concordância verbal* levamos em consideração somente a concordância com o pronome *Tu* pelo fato de que com o *Você* a concordância ocorre de forma canônica. Em relação ao *Tu* Loregian-Penkak (2004) afirma que em Santa Catarina a etnia açoriana contribuiu para a marcação de concordância, situação que também é abordada por

Rocha (2012). Menon e Loregian-Penkak (2002) retomam os estudos de Loregian (1996) e dizem, por exemplo, que no Rio Grande do Sul o uso do *Tu* tende a ter altos índices de não concordância com o verbo que o acompanha, diferentemente do que ocorre na fala dos manezinhos. A nossa hipótese, portanto, era de que na fala daquelas que sofrem influência da cultura açoriana encontraríamos a marcação da concordância verbal com o *Tu* e, nos demais casos, ele seria utilizado sem concordância, situação essa que se confirma, conforme podemos constatar nos exemplos abaixo:

(26) *(Você já namorou?) Não. (Acha que na sua idade é muito cedo, o que você pensa sobre isso?) Não sei, tipo eu acho que depende tipo, numa relação tipo demanda muito esforço, tipo tu tens que se concentrar muito pra da certo. (BiaSCF17)*

(27) *Tu tem que ir porque esse dai tu fosse batizado... / ... então ta bom, já que não Ø queis ir Ø não vais, mas domingo tu vais. (RafSCM16)*

(28) *A mãe chamando atenção: (Mas o que ela te diz?) “Poxa, não Ø colocasse a sacolinha no lixo...” (e ai o que você responde?) Ai ta mãe, desculpa! (BiaSCF17)*

Os resultados encontrados podem ser visualizados na tabela abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
Variáveis Linguísticas		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Concordância Verbal:	Concorda	185	96	6	3	191	40
	Não Concorda	0	0	285	100	285	59
TOTAL		185	38	291	61	476	

Tabela 13: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável concordância verbal

Das 291 ocorrências de *Tu* na função de sujeito, 285 ocorrências são para não concordância e apenas 6 ocorrências de concordância verbal como podemos ver em (26), (27) e (28). Os casos de concordância que ocorreram foram na fala dos informantes que possuem pai e mãe nativos. Outras situações podem ser acompanhadas a seguir:

(29) *Eu não gosto de namora, dependê de uma pessoa, tu sabe que tu vai se magoa entendeu, eu pelo menos penso assim. (GiuSCF16)*

(30) *Eles têm muito respeito pelo lugar deles, tipo, tu não vê lixo no chão, tu não vê bagunça assim tipo nas ruas assim, porque é tudo organizado. (YasSCF16)*

(31) *...é que depois tu percebe que teus pais ficam o dia inteiro fora trabalhando pra tu te uma casa, pra tu te coisa, depois que eu fui notando tipo, que eu não tenho porque não lava louça, que não to pagando ninguém, só to dando despesa, só to dando trabalho pros outros, ai eu ultimamente to ajudando mais. (NicRSM16)*

(32) *(Você acha que tem uma fase pra começar a namorar ou você se acha ainda muito novo?) Não é que eu sou muito novo, acho que o namoro, acho que tem que ser aquela coisa que tu, com uma pessoa que tu acha que tu pode conviver com ela sem estressa, acho que essa pessoa eu acho quando eu começar a fazer faculdade. (MarSPM17)*

Podemos perceber que, dos demais informantes, aquele que sofre influência da cultura gaúcha (por meio dos pais) como em (29) e (30), ou é gaúcho (31), ou é de estado em que a predominância é o *Você* (32) mas, por contato linguístico, já incorporou o *Tu* na fala, não há marcação de concordância entre o pronome *Tu* e o verbo que o acompanha. O alto índice de não concordância verbal na nossa Amostra será retomado no Capítulo 5, a partir do cruzamento entre *concordância verbal* e *preenchimento do sujeito* e entre *concordância verbal* e *local de nascimento dos pais*, fatores que consideramos essenciais na compreensão dos resultados encontrados na variável concordância verbal.

4.2.2.4 Paralelismo estrutural

No controle da variável *paralelismo estrutural* vamos observar se o pronome pessoal consegue exercer alguma influência na escolha de uma mesma forma pronominal na função de sujeito, de possessivo, de oblíquo, ou do pronome na função de objeto. Segundo Poplack (1980); Naro (1981, *apud* Scherre e Naro, 1993, p. 3) através do controle da variável paralelismo formal pode-se observar uma “tendência de marcas levarem a marcas e zeros levarem a zero”. Arduin (2005) diz que, em um estudo

piloto realizado pela autora em 2004 foi constatado que em Florianópolis, Blumenau e Chapecó o pronome *Tu* agiu como favorecedor do uso do *teu* com PR de 0,84, o pronome *Você* agiu como desfavorecedor do pronome *teu* com PR 0,14. Na pesquisa de Arduin (2005) conseguimos verificar que a hipótese da pesquisadora se confirma e em 99% das ocorrências com o possessivo *teu* estas foram acompanhadas pelo pronome *Tu*, atestando assim o princípio do paralelismo formal, enquanto o *Você* atua como desfavorecedor do possessivo *teu*. Logo, os resultados de Arduin (2005) atestam que os pronomes *Tu* e *Você* exercem influência na escolha dos possessivos *teu* e *seu*.

Nossa hipótese segue na linha de Loregian-Penkall (2004), Arduin (2005) e Rocha (2012) e esperamos que quando o falante utilizar como primeira menção a forma *Tu* como sujeito, por exemplo, as próximas escolhas serão de *Tu* novamente como sujeito, oblíquo *te/ti* e possessivo *teu/tua*; aqueles que utilizarem a forma *Você* como sujeito em primeira menção, escolherão o *Você* novamente como sujeito, usarão as formas oblíquas *lhe* ou *o, a, os, as* e o possessivo escolhido será o *seu/sua*. Consideramos também como forma não paralela os empréstimos das formas oblíquas de *Tu* no uso com o *Você*. A seguir, apresentamos alguns exemplos:

(33) *(Mas nessa briga o que foi que ele disse pra ela?) “A mãe, não ligue pra elas, elas são assim mesmo, você não tem que se importar com elas, faz o que você quiser, a comida é tua, você que faz a comida então elas não podem questionar nada” uma coisa assim. (GabPRF18)*

(34) *(O que você sabe sobre a cultura dos manezinhos?) Muitas história sobre o manezinho (por exemplo, conta uma...) a luz de bota que é uma luz que aparece no morro que muitos contam que se você olhasse para trás ela te levava pra cima do morro e muitos dizem que já foram pego ou rondaram a sua casa, não sei... (LuiSCM16)*

(35) *(Como foi essa viagem que você fez pra Disney?) Foi uma emoção por tá com gente em volta de ti que não sabe, que não sabia sobre o que tu tava falando e ninguém te entendia, e tu tentava entender eles mas não dava muito certo na época, hoje da mais assim. (YasSCF16)*

Abaixo, apresentamos nossos resultados para a variável paralelismo estrutural:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
Variáveis Linguísticas		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Paralelismo Estrutural:	Primeira menção	41	45	49	54	90	16
	Suj-Suj Iguais	129	34	245	65	374	69
	Suj-Suj Diferentes	15	75	5	25	20	3
	Suj-Obj / Obj-Suj Iguais	13	46	15	53	28	5
	Suj-Obj / Obj-Suj Diferentes	1	9	10	90	11	2
	Suj-Poss Iguais	6	50	8	57	14	2
	Suj-Poss Diferentes	2	28	5	71	7	1
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 14: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável paralelismo estrutural

Podemos observar em (33) um uso do *Você*, mas de uma forma não paralela com o possessivo *tua*. Nossos resultados mostram que das 7 ocorrências, 5 foram encontradas em situações em que o *Você* foi associado ao possessivo *teu/tua*, o que representa 71% das ocorrências. Em (34) temos os casos de paralelismo entre os pronomes *Você* na posição de sujeito em conjunto com a forma possessiva *sua*. Das 14 ocorrências 6 foram para a forma do exemplo citado e 8 para o pronome *Tu* com o possessivo *teu/tua*. Em (35) temos também a forma paralela do *Tu* como sujeito, seguindo a forma do complemento oblíquo *de ti*. Das 28 ocorrências, 15 foram de *Tu* representando 53%. Nas situações de sujeito-sujeito iguais das 374 ocorrências, 245 são para o uso do *Tu* tendo um percentual de 65% e 129 ocorrências para o *Você*, ficando com 34%.

(36) *Cê não pode faze coisa sem pensa, talvez tu não possa gasta tanto dinheiro com coisas bestas, tem que controla mais, tem que sabe o que tu vai faze, se tu vai se alista ou não, se tu vai faze o que tu gosta ou o que dá mais dinheiro. (MarSPM17)*

De modo geral nossa hipótese se confirma, mas nos deparamos com casos não paralelos, principalmente na fala daqueles falantes que utilizam tanto a forma *Tu* quanto a forma *Você* ao se dirigirem ao seu interlocutor, que é o caso em (36), fala de um informante que é da cidade

de Santos/São Paulo. Acreditamos que esse uso se deva ao fato de que ele mora em Florianópolis há muito tempo, já aderindo assim à forma *Tu*.

4.2.2.5 Pessoa do discurso reportado

Para a discussão da variável *pessoa do discurso reportado* retomamos Brown e Gilman (1960) que dizem que a escolha de *T* ou *V* se dá a partir da proximidade que o emissor possui com o interlocutor. Amaral (2002) *apud* Arduin (2005) diz que em discurso de pessoa próxima (com pais, irmãos, avós, tios), ou em discurso de pessoa não próxima (com a cabeleireira, adversários do taekwondo, técnico de futebol, cliente etc), os falantes usam a língua diferentemente, conforme as situações discursivas.

Ramos (1989) constata (conforme já discutido na seção 3.4 e corroborando com o que dizem Brown e Gilman (1960)) por meio da aplicação de um questionário que o uso do *Você* mostra uma situação de maior formalidade e que o uso do *Tu* indica uma situação de maior proximidade. Considerando esses estudos, nossa hipótese era, portanto, a de que com discurso reportado com uma *pessoa próxima* haveria um maior uso do *Tu*, com uma *pessoa não próxima* haveria mais o uso do *Você* e num *discurso não reportado*, que consideramos situações em que o informante se dirigiu a nós com a intenção de contar algo ou para expressar sua opinião, a escolha se daria conforme aquele pronome que para ele fosse mais usual, ou seja, poderia ser tanto o *Tu* quanto o *Você*, a depender de sua origem.

Os resultados encontrados podem ser vistos na tabela abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Pessoa do Discurso Reportado:	Não reportado	77	26	213	73	290	53
	Pessoa Próxima	122	50	122	50	244	44
	Pessoa não Próxima	8	80	2	20	10	1
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 15: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável pessoa do discurso reportado

Os resultados nos mostram uma situação oposta a nossa hipótese, uma vez que no discurso reportado para *pessoa próxima* das 244 ocorrências, 122 foram de *Você* e 122 foram de *Tu*, com os percentuais de 50% e 50%, respectivamente. Esse alto índice de *Você* para *pessoa*

próxima é explicado pelo grande volume de uso do *Você* pela informante da cidade de Goiânia/Goiás. Das 122 ocorrências do paradigma de *Você*, somente ela o utilizou 78 vezes. Para *pessoa não próxima* a hipótese se confirma e das 10 ocorrências encontradas temos 80% para *Você* e 20% para *Tu*.

Em relação ao *discurso não reportado* acreditamos que o resultado reflete a proximidade e intimidade que existe entre este pesquisador e os informantes, uma vez que possuíamos uma relação de professor/amigo-aluno, das 290 ocorrências a preferência foi pelo *Tu* com 73% (213 ocorrências). Quando nos deparamos com esses valores percebemos que havia a necessidade de criar uma nova categoria de controle para essa variável, uma vez que classificamos como *discurso não reportado* todas as interações em que houve diálogo com o pesquisador, a explicação de uma receita ou um possível conselho que os informantes dariam a um filho(a). Para dar conta dessas diferenças, recategorizamos toda a Amostra e criamos a variável *Tipo de texto* que será discutida na seção 4.2.2.7. A seguir, temos exemplos das interações dos fatores *pessoa próxima*, *pessoa não próxima* e *discurso não reportado*:

(37) *Eu fiquei um tempo sem ir na casa dela ai ela falou “A, faz tempo que **cê** não vem aqui... quando que **você** vai visita a tua mãe” foi isso... (GabPRF18)*

(38) *Tem uma lá, uma cliente que é manezinha, que ela entra e fala assim “**Você** pode me atender agora?” como se ela fosse o único ser humano ali, e eles costuma criticar tudo, como se nada fosse bom o bastante... (MarGOF16)*

(39) ***Tu** primeiro tem que compra a carne, aa... o frango, ai tem que pica ele, tem que bota se não me engano a cebola e a coisa pra refoga. Ai tem que bota arroz, com água, daí **tu**... como posso fala... daí **tu** bota... deixa o arroz cozinha com frango e tal, daí bota colorau, creme de leite e mexe... daí depois bota sal também né, não pode esquece do sal e bota no prato e serve. (RafSCM16)*

Em (37) temos o relato da informante na categoria de *pessoa próxima* a respeito de uma fala da mãe que sentia sua ausência, reclamando que fazia alguns dias que ela não a visitava. Em (38) temos uma situação de *pessoa não próxima* em que a informante conta a respeito da fala de uma cliente que exigia sua atenção. Observamos também que, das 8 ocorrências do paradigma de *Você* para essa categoria, 4 foram

realizadas pela informante da cidade de Goiânia/Goiás e 4 pela informante da cidade de Curitiba/Paraná, contribuindo com argumentos anteriores que informantes dessas localidades têm a preferência pelo uso do *Você*. Acreditamos que seja pouco provável que a cliente manezinha tenha se dirigido a ela com “*Você pode me atender agora?*” o mais provável seja que, sendo uma cliente nativa, ela tenha dito “*Tu podes me atender agora?*” ou “*Ø Podes me atender agora?*”. Em (39) temos a explicação de uma receita que, conforme dito anteriormente, categorizamos como *discurso não reportado* e, nesse caso, o uso do *Tu* ocorreu de forma expressa e nula.

4.2.2.6 Relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores

Na variável *relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores* analisamos as situações assimétricas (*superior para inferior* e *inferior para superior*), simétrica (*entre iguais*) e relação entre o entrevistado para o entrevistador. Segundo Brown e Gilman (1960) nas relações assimétricas em que um superior se dirige para um inferior ocorre o uso preferencial de *T* e nas relações assimétricas em que um inferior se dirige para um superior ocorre o uso preferencial de *V*. Semelhante ao que foi considerado por Arduin (2005) analisamos em nosso estudo os seguintes fatores:

- Relação Assimétrica de *superior para inferior* (descendente): a mãe se dirigindo para o filho;
- Relação Assimétrica de *inferior para superior* (ascendente): o filho se dirigindo para a mãe;
- Relação Simétrica entre iguais: entre amigos, irmãos, primos, etc;
- Relação Entrevistado para o Entrevistador.

Diante desses fatores, nossa hipótese seria de que nas relações descendentes ocorreria o uso preferível do *Tu*, nas relações ascendentes ocorreria o uso preferível do *Você*. Entretanto, por eles serem adolescentes acreditávamos que não haveria uma distinção muito acentuada. Nas relações simétricas acreditávamos que o *Tu* seria majoritário em virtude do percentual de uso do *Tu* que já havíamos encontrado, da mesma maneira como na relação com o entrevistador pela proximidade, como já ressaltamos na seção anterior. Os resultados e os exemplos para essa variável podem ser vistos a seguir:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
Variáveis Linguísticas		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Relações Simétricas e Assimétricas:	Assimétrica Sup-Inf	81	61	51	38	132	24
	Assimétrica Inf-Sup	11	55	9	45	20	3
	Simétrica	36	36	64	64	100	18
	P/ o Entrevistador	79	27	213	72	292	53
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 16: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável relações simétricas e assimétricas

(40) *Marina, olha ai no porta mala que tem uma caixa pra você” na hora que eu abri a caixa a bendita da bota eu fiquei toda feliz, falei assim “gente ganhei uma bota” abracei minha tia, eu falei “amei” ela virou e falou assim “só que tem um porém, você vai paga a bota, eu não vo paga a bota” e eu já fiquei assustada que eu pensei eu não tenho dinheiro, meu pai e minha mãe não vão me da dinheiro pra paga a bota, ela falou assim “eu estou sem empregada, então que que acontece, você lava a casa pra mim três vezes, a casa toda, a bota fica de presente pra você” (MarGoF16)*

(41) *Ai eu pedi desculpas e disse que ela também tinha que ver meu lado, eu falei assim “A mãe você acha que eu to achando super legal, super legal só trabalha não sai com as minhas amigas”... (MarGoF16)*

(42) *O Juliano, eu já falei pra ti meu tu já teve outras experiências, tu deve tomar coragem e fala com a Djulia, porque tu gosta dela então vai atrás dela meo, não fica esperando cai tudo de mãos dadas assim na tua mão e deu. Tem que cria coragem, tu já viu ai que tu já perdeu varias guria por causa disso e não vale a pena fica ai se lamentando ai depois... (VinBAM18)*

(43) *Deve ser uma coisa muito legal assim, tu ta em casa com a família e do nada tu faz uma comida da hora pra caralho, gostosa, deve se uma coisa muito legal faze isso... (MarSPM17)*

Novamente, parece que os resultados estão relacionados com a origem dos falantes como podemos ver em (40), uma vez que nas relações

assimétricas de *superior para inferior* das 132 ocorrências, 81 foram de *Você* representando 61% do total e para *Tu* tivemos 38 ocorrências dando 38%. Nas relações assimétricas (41) de *inferior para superior* os resultados foram equilibrados, das 20 ocorrências tivemos 11 para *Você* e 9 para *Tu*, representando 55% e 45%, respectivamente. Já nas relações *entre iguais* (42) e de entrevistado para entrevistador (43) nossa hipótese inicial se confirma, da mesma forma os estudos de Brown e Gilman (1960) mostraram, em relação à preferência pela forma *T* no caso de intimidade. Nas relações simétricas, das 100 ocorrências, 64 foram para o *Tu* o que nos dá 64% de uso e 36 ocorrências para o *Você*, representando 36% do total. Já na interação entre entrevistado e entrevistador foram 292 ocorrências, sendo 213 para *Tu* e 79 para *Você*, ficando portanto com um resultado de 72% e 27%, respectivamente. Esses resultados, da mesma forma que aqueles encontrados na seção anterior, também contribuíram para a recategorização da nossa Amostra em *Tipo de texto*.

4.2.2.7 Tipo de texto

Como dito anteriormente, nas últimas duas seções optamos por considerar também como variável o *tipo de texto*, uma vez que segundo Bronckart (2003), *apud* Loregian-Penkal (2004):

Mesmo sendo intuitivamente diferenciáveis, os gêneros não podem nunca ser objeto de uma classificação racional, estável e definitiva. Primeiro, porque, do mesmo modo que as atividades de linguagem de que procedem, eles são em número de tendência ilimitado; segundo, porque os parâmetros que podem servir como critérios de classificação (...) são, ao mesmo tempo, pouco delimitáveis e em constante interação. (BRONCKART (2003) *apud* LOREGIAN-PENKAL (2004), p. 96)

Conseguimos perceber que o que diz Bronckart (2003) a respeito do tipo de texto foi de tamanha importância para a análise dos nossos resultados, uma vez que essa categoria parece nos dizer muito a respeito da escolha de nossos informantes sobre o uso do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você*.

Após a primeira rodada com o programa *Goldvarb 2001* percebemos que alguns dados encontrados em *pessoa do discurso reportado* e *relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores*

poderiam ser influenciados a partir do *tipo de texto* do momento da entrevista. Loregian-Penkal (2004) em seu trabalho também considera o tipo textual como fator relevante para a análise e classifica em: segmentos predominantemente narrativos, segmentos predominantemente argumentativos; explicações; receitas e marca com não se aplica as ocorrências que não se encaixaram nestes quatro gêneros. Sendo assim recategorizamos todas as nossas ocorrências e classificamos os textos por *diálogo com o entrevistador, narrativa com envolvimento, receita, conselho e outros*.

Os resultados encontrados podem ser observados na tabela abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
Variáveis Linguísticas		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Tipo de Texto:	Diálogo com o Entrevistador	41	34	77	65	118	21
	Narrativa com envolvimento	83	51	79	48	162	29
	Receita	39	21	142	78	181	33
	Conselho	42	53	38	47	80	14
	Outros	2	66	1	33	3	0
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 17: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável tipo de texto

Em diálogo com o entrevistador exemplificada em (44) nossa hipótese é semelhante a de Loregian-Penkal (2004) de que neste tipo de texto houvesse mais o uso do *Tu* do que do *Você*. Acreditamos nisso principalmente pelo aspecto proximidade entre os informantes e o entrevistador, conforme já dito nas duas seções anteriores. A hipótese se confirma nos resultados. Das 118 ocorrências, 77 foram na forma *Tu* representando 65%. A forma *Você* obteve 41 ocorrências ficando com 34%.

(44) *(E você pensa em ser pescador?) Sei lá, depende. Tem vez que sim tem vez que não, porque pode ser sacrificante e tudo mas eu acho que é uma profissão que seria legal. Porque todo dia é uma coisa diferente, todo dia vai ter uma coisa inusitada, por exemplo tu ir prum escritório, eu não consigo me ve dentro de um escritório ou de um consultório, não consigo. (RafSCM16)*

Em relação à *narrativa com envolvimento*, conforme exemplo em (45), nossa hipótese era de que haveria mais a forma *Tu* uma vez que o informante iria se inserir nos diálogos. Mas, conforme já dito anteriormente, a grande quantidade de ocorrências de uso do *Você* contribuiu para deixar o resultado equilibrado. Das 162 ocorrências encontradas, 83 foram de *Você* com 51% do total e 79 foram de *Tu* ficando com 48%.

(45) *Eu quero muito pula de bungee jump e eu já perguntei pra ele se ele pularia faria comigo e ele falou que não. (O que que ele te falou?) “Não Yasmin, tu ta ficando louca? Tu qué morre?” tipo assim, não faça isso, é um absurdo porque né se “tu cai de la tu ta morta” ai eu digo eu sei, mas eu não vou cair, por isso existe várias coisas pra mim não cair ai eu “tu faria comigo?” e ele “não, não faria contigo, só se saísse do chão, mas eu não pularia do penhasco” ai eu “tá, mas eu pularia, comé que a gente vai fazê isso?” (YasSCF16)*

Na categoria *receita*, exemplo em (46), nossa hipótese segue também a de Loregian-Penkal (2004) no predomínio de *Tu*. Acreditamos que, pela grande quantidade de *Tu* na posição de sujeito nulo e pelos altos índices dessa forma pronominal em *discurso não reportado* e na *relação entrevistado para o entrevistador* esses dados se davam principalmente em virtude do gênero *receita*, algo que ficou comprovado. Das 181 ocorrências, 142 foram da forma *Tu* ficando portanto com 78%, já a forma *Você* teve apenas 39 ocorrências, o que representou 21% do total.

(46) *Tainha escalada ela é aberta, que ela é assada na brasa, abre toda ela assim e tira tudo que tem, só dexa ela assim e coloca ela na brasa a posta que é pedacinho assim de peixe, tipo o peixe é assim ai tu corta assim em pedacinho e frita, acho que é assim. (LuiSCM16)*

No tipo de texto *conselho* tínhamos como hipótese, conforme exemplo (47), que por se tratar de uma situação não real, afinal uma das perguntas foi: “Que tipo de conselho você daria para um filho se tivesse?” poderia haver um uso mais acentuado do *Você*, situação que se comprova, mas de forma equilibrada. Do total de 78 ocorrências, 42 foram da forma *Você*, tendo portanto 53% de casos, e 38 ocorrências foram da forma *Tu*, ficando com 47%.

(47) *Você tem que viver a sua vida do jeito que **você** acha melhor, eu já te passei alguns ensinamentos, **você** tem alguns ensinamentos dos seus avós, mas nunca se deixe influenciar pelo que o mundo pensa ou pelo que uma pessoa te diz o que é certo. **Você** tem que definir o que é certo e o que é errado por si só, e pelo aqui que ta dentro de **você**, pela sua essência...*
(MarGOF16)

De todas as interações textuais, que classificamos como *outros*, a única que não se encaixou com as demais foi uma declaração de amor que o namorado da informante fez para ela, conforme exemplo (48), uma vez que ela não registrou sua resposta a ele. Foram apenas 3 ocorrências, 2 para *Você* e uma para *Tu*.

(48) *(Declaração que o namorado faz pra a informante) “Muito obrigado por tudo, por existir na minha vida, eu te amo, **você** é tudo pra mim” ai eu começo a chorar. (GabPRF18)*

4.2.3 Variáveis independentes extralinguísticas

Para a análise das formas do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você*, além de todas as variáveis linguísticas já discutidas, analisamos também as variáveis sociais. Percebemos que essas variáveis foram as grandes ‘estrelas’ da nossa pesquisa, contribuindo com o que diz Labov (2008 [1972]) em seu estudo sobre a ilha de *Martha’s Vineyard* em que no final da pesquisa ele percebe que o fator social é o grande responsável pela centralização dos ditongos. Os fatores que consideramos foram: local de nascimento do informante, sexo do informante, local de nascimento dos pais, tempo em que o informante mora na Ilha de Santa Catarina e indivíduo.

Certamente o grande diferencial da nossa amostra em relação a outros trabalhos Sociolinguísticos realizados em Florianópolis sobre o paradigma de *Tu* e de *Você* está na heterogeneidade de nossos informantes. Em trabalhos realizados com as mesmas variáveis dependentes, com amostras de fala, pesquisadoras como Menon e Loregian Penkal (2002) Loregian-Penkal (2004), Arduin (2005), Rocha (2012) analisaram informantes de Florianópolis nativos da cidade, excluindo, por exemplo, aqueles que nasceram na Ilha, mas não eram filhos e netos de nativos.

No nosso caso, observamos a fala de adolescentes que estudam em uma escola localizada no bairro Ingleses, mas que podem representar a diversidade dos moradores dessa localidade. Sendo assim consideramos como informantes além dos manezinhos, também aqueles que nasceram na Ilha, mas os pais são nascidos em outros estados e aqueles que são de outros estados, mas que moram há um certo tempo em Florianópolis ou há pouco tempo. Nossa escolha se baseou nos princípios de Labov (2008 [1972]) sobre a heterogeneidade ordenada da língua. Nossa amostra sincrônica, apenas no que diz respeito aos pronomes de segunda pessoa do singular, é já reflexo de um sistema linguístico heterogêneo. Abordamos a seguir aspectos e resultados relacionados a cada uma das variáveis extralinguísticas controladas.

4.2.3.1 Local de nascimento do informante

Zeferino (2008), já citado no item 1.2, afirma que o bairro Ingleses do Rio Vermelho, a partir da década de 1980, passa a receber inúmeros moradores vindos de diversas localidades do Brasil. O bairro passa a ser habitado não somente por nativos, mas também por catarinenses vindos do interior, paranaenses, gaúchos, paulistas, supostamente pessoas que vinham para passar o verão e acabavam decidindo fixar residência. A partir disso observamos que o que era contado por Zeferino (2008) se comprovava no grupo de adolescentes investigados. Para a variável *local de nascimento do informante* consideramos como fatores os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Goiás e Bahia. Os resultados encontrados nesta variável extralinguística podem ser conferidos na tabela abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Variáveis Extralinguísticas	Santa Catarina	32	24	194	85	226	41
	Rio Grande do Sul	0	0	38	100	38	7
	Paraná	29	85	5	14	34	6
	São Paulo	11	30	25	69	36	6
	Goiás	112	93	8	6	120	22
	Bahia	23	25	67	74	90	16
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 18: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável local de nascimento do informante

Em Santa Catarina podemos constatar que, a partir de estudos de Ramos (1989), Loregian-Penkhal (2004), Arduin (2005), Coelho e Görski (2011), Nunes de Souza (2012), Ramos (2012) na região litorânea colonizada pelos açorianos ocorre predomínio do uso do *Tu*. Logo nossa hipótese era de que com os informantes nascidos em Florianópolis/Santa Catarina isso iria ocorrer. De fato a hipótese se confirma, conforme podemos ver em (49) e nos resultados estatísticos encontrados. Das 226 ocorrências, 194 foram para *Tu* o que representou 85% do total. O pronome *Você* teve apenas 32 ocorrências, com 24% de uso.

(49) *(Quem te controla mais em casa, o pai ou a mãe?) A mãe... (Por quê?) Porque ela é braba (risos) mas não é que tipo o meu pai é aquele que da pra tu convence, entendeu. Meu pai chega a não mas aaa... e a minha mãe não, a minha mãe é pulso firme assim, se a minha mãe disse que não, é não, não adianta tu discuti. (GiuSCF16)*

A forma *Tu* no Rio Grande do Sul é de uso indiscutível e pudemos observar isso em estudos realizados por Menon e Loregian Penkal (2002) e Loregian-Penkhal (2004). Logo, nossa hipótese não poderia ser diferente e acreditávamos que nosso informante que é nascido em Porto Alegre também utilizasse o *Tu*, como podemos ver no exemplo (50). Os resultados mostram que ele não só tem preferência pelo uso *Tu* quanto faz uso dessa forma em 100% dos casos. Das 38 ocorrências de pronome de segunda pessoa registradas por esse informante as formas do paradigma de *Você* não apareceram nenhuma vez.

(50) *Tu pega o leite condensado, coloca uma colher de margarina, umas duas três colher de chocolate em pó e mexe, coloca uns dois três minuto do micro-ondas, depois tira, mexe, ai tu coloca de novo, tira mexe até fica pronto. (NicRSM16)*

Em relação ao Paraná, Menon e Loregian-Penkhal (2002) e Loregian-Penkhal (2004) afirmam que a partir de análise de amostras de informantes da cidade de Curitiba o estado pode ser considerado um reduto do *Você*, uma vez que a região da capital é colonizada principalmente por paulistas que utilizam majoritariamente o pronome *Você*. Nossa hipótese era que a informante paranaense, nascida em Curitiba, utilizaria o *Você* muito mais que o *Tu*, podemos ver isso em (51). A hipótese se confirma. Das 34 ocorrências encontradas, 29 foram de

Você o que representou 85%. As formas do paradigma *Tu* tiveram apenas 5 ocorrências, representando 14% do total.

(51) *Ai ele falou (o segurança) “Não **você** não pode entra, **você** ainda não tem 18, só daqui três meses, que **você** pode” ai eu falei “Tá eu não posso entra” ai ele falou “Não, não pode” até chamou um outro cara lá pra ver a minha identidade e não deixaram eu entra. (GabPRF18)*

A partir do levantamento realizado por Lucca (2007) sobre o uso do *Tu* e do *Você* em todas as regiões do Brasil, a autora afirma que apesar da região Sudeste ser um reduto do *Você* o *Tu* já começa a entrar em algumas localidades. No Estado de São Paulo, que tem preferência pelo *Você*, há redutos também de uso de *Tu*. A autora cita Modesto (2006) que diz que na fala de Santos já foi encontrado o *Você* em alternância com o *Tu*, mas com predomínio do uso do *Você*. Como hipótese para esse fator tínhamos de que nosso informante que é nascido em Santos utilizaria mais a forma *Você* do que a forma *Tu*, entretanto o resultado final nos surpreendeu. Com um total de 36 ocorrências, 25 delas foram para *Tu* o que representou 69% do total e o *Você* teve apenas 11 ocorrências, ficando portanto com 30%. Ao nos depararmos com esse resultado percebemos que haveria a necessidade de uma rodada com cruzamentos de dados para identificarmos se o tempo em que esse informante mora em Florianópolis poderia influenciá-lo linguisticamente na escolha do *Tu* e não do *Você*. Essa discussão será tratada no Capítulo 5. O uso alternado do *Tu* e do *Você* pelo informante paulista pode ser visto em (52).

(52) *(Alguma diferença entre o seu jeito de falar e do manezinho além da rapidez?) Se **você** me perguntasse há quatro anos eu falaria um monte eu acho, mas hoje em dia eu só lembro do *Tu* se não me engano. Quando eu falava muito o *Tu* eu lembro que falavam bastante “Porque que **tu** fala **tu**? Que bagulho é esse de fala diferente?” (MarSPM17)*

Segundo Scherre et al (2011) no Distrito Federal ocorre a alternância das formas *Tu*, *Você* e *ocê*, apesar de o DF ser localizado dentro do estado de Goiás que é um reduto do *Você*, conforme Lucca (2007). Nossa hipótese era que a informante que representava este Estado da região centro-oeste brasileira utilizasse mais a forma *Você* do que a forma *Tu*. Nossa hipótese foi confirmada na análise dos resultados, pois das 120 ocorrências encontradas 112 foram do paradigma de *Você* com

93% de uso, enquanto o Tu teve apenas 8 ocorrências, representando somente 6% do total, uma das interações pode ser vista em (53). Novamente algo nos chamou a atenção que seria quais formas de Tu ela estaria utilizando, se era o próprio Tu como pronome pessoal na função de sujeito ou as formas oblíquas ou possessivas. Esta discussão também será realizada nas rodadas de cruzamento de resultados estatísticos, apresentadas no próximo Capítulo.

*(53) (Qual a diferença de tratamento do goiano pro manezinho?) Eu tenho a sensação de que as pessoas de lá são mais gentis, mais colorosas, entendeu? As pessoas de lá são mais de bem com a vida, são mais bem humoradas, são mais divertidas, e tem muita gente de pavio curto, mas as pessoas são mais hospitaleiras, e pela forma como a pessoa fala com **você**, **você** repara isso, **você** repara que ta sendo bem recebido. (MarGOF16)*

Lucca (2007) diz que segundo Oliveira (2005) nas comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia ocorre uma alternância entre os pronomes *Tu* e *Você*, mas com predomínio do uso do *Você*. Nossa hipótese inicial era de que nosso informante baiano utilizasse mais formas do paradigma de *Você* do que formas do paradigma de *Tu*. Durante a entrevista nosso informante, que é nascido na cidade de Vitória da Conquista/Bahia, afirma que na Bahia eles usam mais o *Você* e tece o seguinte comentário:

(54) Quando eu ia fala você o pessoal ficava olhando assim mais ou menos estranho sabe. Quem é manezinho mesmo gosta de fala tu, tu. Ai, tu ta tolo, eles ficam falando desse jeito. Eu já falo você, o você, chega aqui mais. Ai eles falava tu. Pra mim eu estranhava bastante né, porque ô vo te fala, pra mim tu fica muito informal, um negócio muito informal, se eu falo você parece pouco mais formal dá pra usa mais com todo mundo. (E aqui hoje, o que você acha que você usa mais, o Tu ou o Você?) Eu acho que eu continuo mantendo o você ainda. Eu não consigo entender a usar o tu. Nunca tentei e acho que nunca vo tenta porque é algo bem difícil, mas agora quem anda comigo já se acostumo. (VinBAM18)

O relato apresentado em (54) foi realizado logo no início da entrevista e não consideramos as marcações de *Tu* e de *Você* para a nossa análise quantitativa uma vez que ele se reportava aos pronomes utilizando nesse caso um discurso opinativo e não apresentando em sua fala espontânea o uso de uma forma ou outra. Contudo, além da nossa hipótese

não se confirmar, a afirmação do informante de que “*Eu acho que eu continuo mantendo o você ainda. Eu não consigo entender a usar o tu. Nunca tentei e acho que nunca vo tenta porque é algo bem difícil*”, também não se comprova uma vez que, das 90 ocorrências, 67 foram para as formas do paradigma de *Tu* tendo um índice de 74%, enquanto as formas de *Você* apareceram em 23 ocorrências, ficando com 25%. Da mesma forma que os resultados encontrados das formas de *Tu* na fala do informante de Santos/São Paulo, esse resultado nos faz acreditar que a variável *tempo de residência em Florianópolis* seja a grande influenciadora dessas ocorrências tão significativas de *Tu* na fala do informante baiano. Ressaltamos novamente que os resultados desses cruzamentos serão discutidos no Capítulo 5.

4.2.3.2 Sexo do informante

No estudo realizado por Loregian-Penkal (2004) e Arduin (2005) os resultados das pesquisadoras mostraram que as mulheres tendem a usar mais a forma *Tu* do que a forma *Você*. Segundo Labov (2008 [1972]), as mulheres tendem a ser mais conservadoras ou observadoras da variante de maior prestígio social. Nossa hipótese era de que nesse caso houvesse um equilíbrio, uma vez que na amostra havia duas informantes do sexo feminino que eram de cidades/estados com preferência pelo *Você* (Curitiba/Paraná e Goiânia/Goiás) e dois informantes do sexo masculino que eram de cidades/estados com preferência pelo uso de *Você* (Santos/São Paulo e Vitória da Conquista/Bahia). Os resultados podem ser vistos na tabela abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Sexo do Informante:	Masculino	54	22	188	77	242	44
	Feminino	153	51	149	49	302	55
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 19: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável sexo

Após a rodada estatística percebemos que o equilíbrio apareceu somente nos dados das informantes do sexo feminino, portanto comprovando nossa hipótese. Das 302 ocorrências, 153 foram para a forma *Você* com 51% dos casos e 149 ocorrências para a forma *Tu*, chegando a 49%. A grande surpresa ficou nos resultados dos informantes do sexo masculino uma vez que nossa hipótese não foi confirmada. Das

242 ocorrências, 188 apareceram nas formas do paradigma de *Tu* o que representa 77% do total, já nas formas do paradigma de *Você* somente 54 ocorrências foram encontradas, chegando aos índices de 22%. Olhando para os dados em cada paradigma separadamente segundo a variável sexo temos os seguintes resultados:

Sexo	Paradigma de Você		Paradigma de Tu	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Masculino	54/207	26%	188/337	55%
Feminino	153/207	73%	149/337	44%

Tabela 20: Paradigma de Tu e de Você segundo a variável sexo

Nesse caso percebemos que, em relação ao uso de *Tu*, os informantes do sexo masculino fizeram um uso maior sendo que, das 337 ocorrências, 188 foram realizadas por eles o que representou 55%, as informantes do sexo feminino foram responsáveis por 149 ocorrências, o que representou 44% do total. Acreditamos novamente que a variável *tempo de residência em Florianópolis* seja a responsável por esse equilíbrio entre os informantes do sexo feminino e os informantes do sexo masculino, uma vez que temos dois informantes do sexo masculino que são de localidades diferentes com um uso de *Você* mais acentuado (São Paulo e Bahia). Em relação às formas do paradigma de *Você*, das 207 ocorrências 153 foram realizadas pelas informantes do sexo feminino, o que representou 73%, já pelos informantes do sexo masculino foram realizadas 54 ocorrências, o que representa 26%. O alto uso de *Você* entre as informantes do sexo feminino está associado ao local de nascimento de duas delas (Paraná e Goiás). Discutiremos um pouco mais a respeito disso no item 4.2.3.5.

4.2.3.3 Local de nascimento dos pais

Por meio da variável *local de nascimento dos pais* conseguimos perceber que a influência étnica apareceria mais nas marcas de concordância verbal com o pronome *Tu* uma vez que aqueles que tivessem pais nascidos em Florianópolis/Santa Catarina poderiam apresentar a concordância por meio da assimilação de [t] para [s] conforme já explicado por Furlan (1989). O cruzamento dessas variáveis (*local de nascimento dos pais* e *concordância verbal*) também será discutido no Capítulo 5. Para os fatores da variável *local de nascimento dos pais* consideramos o local de nascimento, seguindo a ordem de Mãe / Pai e para esta variável temos os fatores Santa Catarina / Santa Catarina,

Santa Catarina / Uruguai, Rio Grande do Sul / Rio Grande do Sul, Paraná / Paraná, São Paulo / São Paulo, Goiás / Goiás e Bahia / Bahia. Os resultados podem ser vistos na tabela abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
Variáveis Extralinguísticas		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Local de nascimento dos pais do Informante (Mãe / Pai):	SC / SC	20	25	58	74	78	14
	SC / UY	2	9	19	90	21	3
	RS / RS	10	6	155	93	165	30
	PR / PR	29	85	5	14	34	6
	SP / SP	11	30	25	69	36	6
	GO / GO	112	93	8	6	120	22
	BA / BA	23	25	67	74	90	16
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 21: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável local de nascimento dos pais

Para aqueles que possuíam ambos os pais nascidos em Santa Catarina, neste caso, consideramos como descendentes de nativos de SC por pais e avós. As formas do paradigma de *Tu* apareceram em 58 ocorrências, de um total de 78, o que representou 74% da amostra. As formas de *Você* ficaram em apenas 20 ocorrências, representando 25% do total.

Na fala da informante cuja mãe é nativa e o pai nascido no Uruguai ocorreu também o predomínio do *Tu*. Das 21 ocorrências, 19 foram para *Tu* o que dá um percentual de 90%, já para o *Você* foram somente 2 ocorrências, o que representa 9%. Até aqui conseguimos perceber que a hipótese de que aqueles que possuem alguma ascendência nativa de Florianópolis utilizariam mais o *Tu* conforme apresentados em estudos como os de Loregian-Penkall (2004), Arduin (2005) se confirma.

Para os três informantes que possuem pais nascidos no Rio Grande do Sul, apenas um dos informantes é gaúcho, as outras duas são nascidas em Florianópolis. Nossa hipótese era de que os filhos sofreriam influência da fala dos pais, utilizando mais o *Tu*. Em relação à concordância verbal, estudos de Menon e Loregian-Penkall (2002) e Loregian-Penkall (2004) mostram que a CV com o *Tu* é muito baixa no Rio Grande do Sul. Loregian-Penkall (2004) encontra, por exemplo, nas cidades de Flores da Cunha, Panambi, Porto Alegre e São Borja evidências de que a concordância verbal com o *Tu* ficou entre 2% e 7%. Nossa hipótese de uso mais acentuado de *Tu* se confirma. Das 163 ocorrências, 155

apareceram nas formas *Tu* o que representou 93%, enquanto a forma *Você* teve somente 10 ocorrências, obtendo o índice de 6%.

Para a informante cujos pais sejam paranaenses acreditava-se que o predomínio de uso fosse do *Você*, uma vez que segundo Menon e Loregian-Penkall (2002) e Loregian-Penkall (2004) a cidade de Curitiba é um reduto do *Você*, uma cidade colonizada principalmente por paulistas, como dizem Coelho e Görski (2011). Das 34 ocorrências encontradas em nossa amostra, 29 são para a forma *Você* ficando, portanto, com 85% do total. O *Tu* teve somente 5 ocorrências, o que representou 14%. A hipótese de que nesse caso haveria predomínio de uso do *Você* também se confirma nos resultados desse fator.

A hipótese inicial de que o informante que possuía os dois pais nascidos em São Paulo, como já discutido anteriormente, reduto do *Você*, usaria mais formas do paradigma de *Você* não se confirma nesse fator, uma vez que das 36 ocorrências 25 foram encontradas com a forma *Tu* tendo 69% do total e com a forma *Você* somente 11 ocorrências, o que representou 30%. A ideia de reduto de *Você* no Centro-Oeste dita por Lucca (2007) e a hipótese de predomínio do *Você* também se confirma nesse fator. *Você* obteve 93% com 112 ocorrências de um total de 120 e o *Tu* somente 8 ocorrências resultando em somente 6%.

Percebemos que apesar de estudos citados anteriormente apontarem a alternância de uso do *Tu* e do *Você* no interior da Bahia e da afirmativa de nosso informante de que tanto ele quanto os pais fazem o uso preferencial pelo *Você* nesse fator isso também não se confirma. Foram encontradas 74% de formas do paradigma de *Tu* contra 25% de *Você*. Das 90 ocorrências 67 são, portanto, de formas de *Tu* e 23 são de formas de *Você*.

4.2.3.4 Tempo em que o informante mora na Ilha de Santa Catarina

Esta variável mostrou resultados bem significativos, uma vez que acreditávamos que quanto menos tempo nossos informantes morassem na Ilha de Santa Catarina, especificamente no bairro Ingleses ou arredores, menos ele seria influenciado pela língua. Na medida em que esse índice fosse aumentando, mais influenciado ele seria até que chegasse ao índice mais alto da variação utilizada pelo manezinho. Nessa variável consideramos os seguintes fatores: até 3 anos; de 3 a 6 anos; mais de 6 anos; e sempre morou. Os resultados podem ser observados na tabela e no gráfico abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
Variáveis Extralinguísticas		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Tempo de residência em Florianópolis:	Até 3 anos	112	93	8	6	120	22
	De 3 a 6 anos	34	26	92	73	126	23
	Mais de 6 anos	29	40	43	59	72	13
	Sempre morou	32	14	194	85	226	41
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 22: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável tempo de residência em Florianópolis

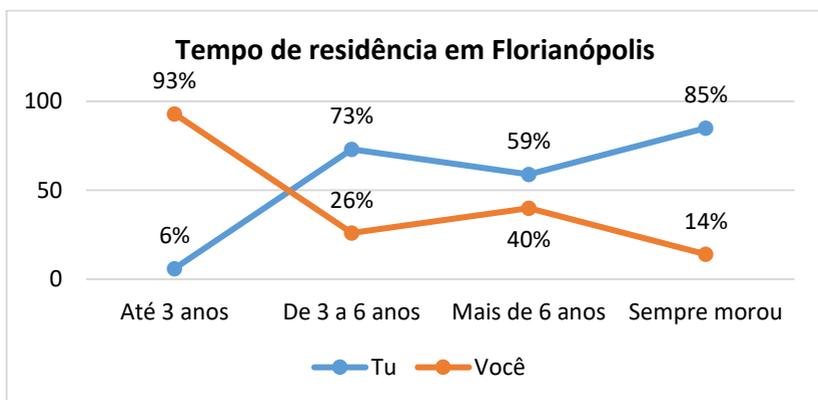


Gráfico 4: Percentual de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável tempo de residência em Florianópolis

Conseguimos perceber que o fator tempo contribui para o uso ou não das formas do paradigma de *Tu* em relação às formas do paradigma de *Você*. Percebemos que para o informante que mora na Ilha *até 3 anos* e que traz consigo a forma *Você* em seu vernáculo ela continua em destaque, uma vez que das 120 ocorrências, 112 foram de *Você*. Na medida em que o tempo vai passando, conforme observamos nos fatores *de 3 a 6 anos* e *mais de 6 anos*, o uso do *Tu* tem um salto considerável. No primeiro caso, das 126 ocorrências 92 foram para *Tu* e somente 34 para *Você*. No segundo caso, no fator *mais de 6 anos*, também ocorre predomínio do *Tu*, das 72 ocorrências 43 são para *Tu* e 29 são para *Você*. Como já era de se esperar, na fala daqueles que sempre moraram em Florianópolis, comparada às falas dos outros informantes, ocorre um

elevado uso de *Tu*, das 224 ocorrências 192 são de *Tu* e somente 32 são de *Você*. Os resultados do fator *sempre morou* corroboram com resultados sobre a preferência de uso do *Tu* em Florianópolis, conforme constatado por Ramos (1989), Loregian-Penkal (2004), Arduin (2005), Coelho e Górski (2011), Nunes de Souza (2012), Ramos (2012).

4.2.3.5 Indivíduo

Conseguimos perceber no decorrer das discussões que o grande diferencial do nosso trabalho está na heterogeneidade dos indivíduos. Alguns conservam as marcas de uso de *Tu* ou de *Você*, conforme o que é mais marcante em seus Estados de origem, e outros utilizam esses pronomes de segunda pessoa do singular e seus respectivos paradigmas pronominais em alternância. Abaixo temos um gráfico com o percentual de uso de cada informante:

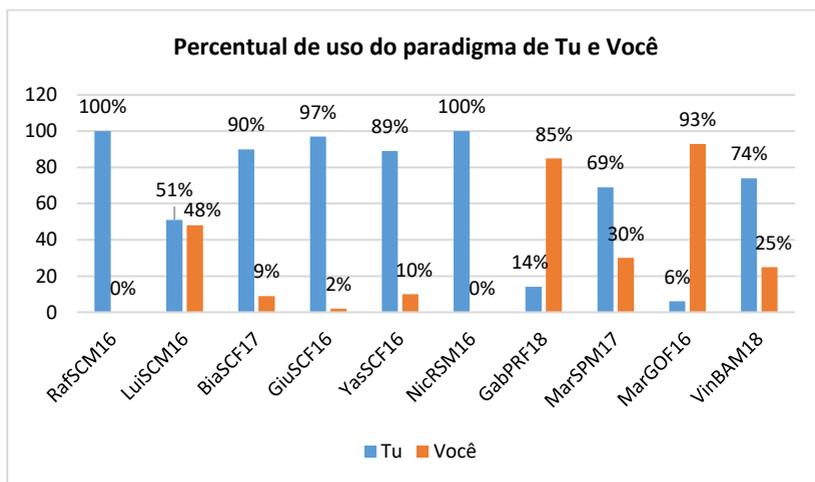


Gráfico 5: Percentual de uso do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você* por informante

Como já dissemos nossa amostra é formada por 10 indivíduos de 6 estados brasileiros diferentes. Os resultados encontrados podem ser assim sumarizados e vistos na tabela abaixo:

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
Variáveis Extralinguísticas		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Indivíduo:	RafSCM16	0	0	37	100	37	6
	LuiSCM16	20	48	21	51	41	7
	BiaSCF17	2	9	19	90	21	3
	GiuSCF16	1	2	41	97	42	7
	YasSCF16	9	10	76	89	85	15
	NicRSM16	0	0	38	100	38	7
	GabPRF18	29	85	5	14	34	6
	MarSPM17	11	30	25	69	36	6
	MarGOF16	112	93	8	6	120	22
	VinBAM18	23	25	67	74	90	16
TOTAL		207	38	337	61	544	

Tabela 23: Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável o indivíduo

- *RafSCM16*: este informante é filho de pais nativos e neto de avós nativos de Florianópolis. Nascido em Florianópolis, criou-se no bairro Ingleses, é filho e neto de pescador e diz que não descarta a possibilidade de seguir a profissão do pai e do avô. Ele foi aquele que também apresentou dados de concordância por assimilação de [t] para [s] (*foste / fosse*) algo considerado como típico da fala do manezinho conforme Furlan (1989). Nossa hipótese inicial era de que ele utilizasse mais o *Tu* do que o *Você* segundo estudos com informantes manezinhos de Loregian-Penkal (2004), Arduin (2005) e Rocha (2012). A hipótese se confirma e os resultados encontrados mostram que, das 37 ocorrências encontradas na entrevista individual, 100% foram de formas do paradigma de *Tu* o que corrobora com os resultados das pesquisas citadas pela preferência do *Tu* na fala manezinha.
- *LuiSCM16*: filho de pais nativos e neto de avós nativos de Florianópolis. Nascido em Florianópolis, criou-se no Santinho, localidade que faz parte dos Ingleses do Rio Vermelho, é neto de pescador, mas afirma não gostar de peixe. De todos os informantes este, talvez, foi aquele que menos proximidade possuía com o pesquisador. Entretanto, nossa hipótese era de que por ser manezinho fizesse o uso mais acentuado do *Tu* do que do *Você*. O que percebemos é que durante a entrevista todas as vezes que ele dirigia a palavra ao entrevistador era com a forma *Você*. A conversa era conduzida por alguém que havia sido seu professor de língua portuguesa, o que pode representar uma relação assimétrica de

inferior para superior (entrevistado para entrevistador) e, nesta relação, segundo Brown e Gilman (1960), a forma *V* se sobressai perante a forma *T*. Logo, nossa hipótese da fala manezinha na preferência pelo *Tu* não se confirma, uma vez que os resultados foram equilibrados. Das 41 ocorrências 21 foram da forma *Tu* representando 51% do total e 20 foram da forma *Você*, o que representa 48%.

- *BiaSCF17*: filha de mãe nativa e de pai uruguaio. Nascida em Florianópolis, também apresentou dados de concordância por assimilação [t] para [s] (colocaste / colocasse). Durante a entrevista a informante contou que prefere espaços urbanos ao campo/natureza, que a viagem que ela mais gostou de fazer foi para Nova Iorque e que pretende cursar a faculdade de moda. Nossa hipótese também era de que haveria predomínio do uso do *Tu* em relação ao *Você* o que se confirma. Das 21 ocorrências, 19 foram da forma *Tu* o que representa 90% do total e somente 2 ocorrências da forma *Você*, resultando em 9%.
- *GiuSCF16*: filha de pais nascidos no Rio Grande do Sul, afirmou durante a entrevista que costumeiramente é confundida como se tivesse nascido no Estado dos pais por ter uma entonação de fala mais próxima com a gaúcha do que com a catarinense litorânea. Comunicativa, afirmou que se identifica mais com as áreas de humanas do que com as exatas. Por ser filha de pais gaúchos e nascida em Florianópolis, nossa hipótese era de que houvesse um maior uso do *Tu* do que do *Você* conforme apontam estudos de Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004) na observação sobre o uso do *Tu* e do *Você* nesses dois Estados. Nossa hipótese se confirma uma vez que das 42 ocorrências, 41 foram para a forma *Tu* o que representa 97% do total. O único uso do *Você* ocorreu durante um conselho que ela daria para um filho quando tivesse “*namora quantas pessoas você quiser*”, ou seja, ela se reportava a alguém genérico.
- *YasSCF16*: filha de pais nascidos no Rio Grande do Sul, a florianopolitana contou que apesar de namorar este ano está focada na preparação para o vestibular e que gosta de esportes radicais. Nossa hipótese era de que ela também utilizasse mais o *Tu* do que o *Você*, corroborando com os estudos já citados a respeito de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Foram encontradas 83 ocorrências para formas dos paradigmas de *Tu* e de *Você*, desse total 74 foram para *Tu* o que representou 89% de uso e 9 ocorrências para o *Você*, o que representa 10% do total. Percebemos também que o paradigma

de *Você* se fez presente no uso do possessivo *seu* e na pergunta a respeito de um conselho que ela daria para um filho “*Minha filha, você faz as coisa que te deixa feliz, mas que tenha cabimento, que não seja qualquer coisa, que você pense muito, que se for realmente importante pra sua felicidade que você faça*”. Mais uma evidência de que o *Você* foi usado em situações hipotéticas para quem tem o uso do *Tu* como preferência.

Em relação aos informantes dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Goiás e Bahia os resultados encontrados foram os seguintes:

- *NicRSM16*: filho de pais nascidos no Rio Grande do Sul e nascido na cidade de Porto Alegre mora em Florianópolis há *mais de 6 anos*. Afirmou durante a entrevista que prefere morar em Florianópolis por ser menos violenta e mais limpa do que a capital gaúcha, apesar de estarem ocorrendo muitos roubos no bairro Ingleses. Nossa hipótese era de que ele, da mesma maneira que as informantes catarinenses que possuem pais nascidos no Rio Grande do Sul, fizesse uso mais acentuado do *Tu* do que do *Você*. A hipótese se confirma e das 38 ocorrências, 100% foram para o uso do *Tu*.
- *GabPRF18*: filha de pais nascidos no Paraná, nossa informante que é de Curitiba representa muito bem o que dizem os estudos sobre a capital paranaense e seu reduto de uso do *Você*. Mora em Florianópolis há *mais de seis anos* fator que contribuiria para que o *Tu* já fizesse parte de sua fala cotidiana. Nossa hipótese era de que ela usasse mais o *Você* do que o *Tu*, situação que se comprovou na análise dos dados. Das 34 ocorrências, 29 foram para o *Você* o que representa 85%, já o *Tu* teve apenas 5 ocorrências, o que representa 14% do total. Interessante observarmos que essas ocorrências do paradigma de *Tu* em nenhum momento é na forma de pronome pessoal, mas no pronome possessivo *tua* e acusativo *te*.
- *MarSPM17*: filho de pais nascidos no estado de São Paulo, nosso informante é da cidade de Santos e mora em Florianópolis *de 3 a 6 anos*. Conforme já dito por Lucca (2007) a partir de Modesto (2006) na cidade de Santos ocorre alternância de uso entre o *Tu* e o *Você*, mas com predomínio do *Você*. Logo, nossa hipótese era de que nosso informante paulista utilizasse mais o *Você* do que o *Tu*. Entretanto, não foi o que ocorreu, percebemos que o tempo de moradia na Ilha de Santa Catarina pode ter contribuído para o aumento do uso do *Tu* em sua fala. Das 36 ocorrências 25 foram para *Tu* o que representou 69% do total. O *Você* apareceu 11 vezes ficando portanto com 30%.

- *MarGOF16*: filha de pais nascidos em Goiás, a informante que é da cidade de Goiânia mora em Florianópolis há *menos de 3 anos* e conseguimos perceber que ainda preserva muito a escolha pronominal típica de Goiás segundo Lucca (2007). Durante quase 60 minutos de entrevista a entrevistada nos contou várias histórias a respeito da sua vida, tanto de coisas que aconteceram no período em que ela morou em Goiás, quanto dos últimos anos em Florianópolis. Nossa hipótese era de que o uso do *Você* fosse muito mais expressivo do que o uso do *Tu* e foi o que ocorreu. O número de ocorrências desta informante contribuiu para dados elevados de *Você* em nossa coleta. Do total do paradigma de *Você* encontrado em toda a nossa amostra que é de 207, a informante é responsável por 112 deles. Na análise dos dados encontrados em sua fala, 120 ocorrências para as formas dos paradigmas de *Você* e de *Tu*, sendo que as ocorrências encontradas nas formas do *Você* representam 93%. Para o *Tu* foram 8 ocorrências que representam 6%. Chamamos a atenção para o fato de que, da mesma forma que a informante GabPRF18, não houve ocorrências do *Tu* como pronome pessoal na função de sujeito, a informante de Goiânia também utilizou como forma do paradigma de *Tu* somente a forma acusativa *te*.
- *VinBAM18*: filho de pais nascidos no estado da Bahia nosso informante é da cidade de Vitória da Conquista e mora em Florianópolis de *3 a 6 anos*. Segundo Lucca (2007), conforme já foi dito, estudos apontam que no interior afrodescendente baiano ocorre alternância entre as formas *Tu* e *Você*. Nossa hipótese era de que houvesse, portanto, predomínio do uso do *Você* na fala espontânea deste informante. Das 90 ocorrências 67 foram para o *Tu* o que representou 74% do total e 23 para *Você* o que resultou em 25%. Acreditamos que o número mais acentuado de uso do *Tu* na fala desse informante pode ser em virtude do tempo de residência em Florianópolis, mostrando que o contato pode ter mexido no sistema linguístico do nosso informante.

Síntese do Capítulo 4

Neste Capítulo iniciamos com a apresentação da metodologia de coleta de dados, que foi composta por entrevistas individuais e um debate. Apresentamos nosso do envelope de variação e discutimos os resultados

encontrados na coleta de dados levando em conta as variáveis independentes linguísticas e variáveis independentes extralinguísticas.

No Capítulo 5 discutiremos a respeito dos cruzamentos realizados entre algumas variáveis linguísticas e do cruzamento das variáveis extralinguísticas com as linguísticas. Trataremos também a respeito de algumas situações pontuais que conseguimos perceber no debate. Conforme já dito, para os dados quantitativos consideramos somente as entrevistas individuais. E como fechamento, a partir da ideia de valorização da cultura local discutida no caso *Martha's Vineyard* faremos uma discussão a respeito da figura do manezinho com relatos de cada um de nossos informantes.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DA FALA DOS ADOLESCENTES: CRUZAMENTO, DEBATE E AVALIAÇÃO DO MANEZINHO

Na primeira seção deste Capítulo 5 apresentamos e discutimos os resultados obtidos sobre o paradigma de *Tu* e o paradigma de *Você* a partir de alguns cruzamentos realizados pelo pacote de programas do *Goldvarb 2001*. As rodadas foram realizadas com as variáveis linguísticas: *concordância verbal* e *preenchimento do sujeito*; e com as variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas: *função sintática* e *indivíduo*, *relações simétricas e assimétricas* e *indivíduo*, *tempo de moradia* e *indivíduo*, *concordância verbal* e *local de nascimento dos pais*. Os resultados encontrados servem para entendermos melhor as questões e hipóteses que discutimos no capítulo anterior.

Na segunda seção apresentamos uma discussão a respeito da coleta de dados realizada em forma de debate. As ocorrências do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você* encontradas nesta interação foram utilizadas a título de amostra complementar, para entendermos de que maneira nossos informantes se portaram nesta interação que chamamos de amostra *mais formal* em relação à situação *menos formal* que consideramos na amostra das entrevistas individuais.

Para finalizar, trazemos as respostas dos nossos 10 informantes (dadas nas entrevistas individuais) referentes ao seguinte questionamento: “*Para você, o que representa a figura do manezinho?*”. Percebemos, por exemplo, que boa parte deles citaram a língua como algo de representação e diferenciação do manezinho. Ao término dessa seção apresentamos uma avaliação sobre a atitude dos falantes, demonstrando o posicionamento de cada um deles sobre o manezinho, com base na análise que realizamos das suas respostas e que classificamos como atitude *positiva*, *negativa* ou *neutra*. Nossa ideia surge da avaliação realizada por Labov (2008 [1972]) com os moradores da ilha de *Martha’s Vineyard*.

5.1 CRUZAMENTO DE VARIÁVEIS

No decorrer da análise dos resultados que foram apresentados no Capítulo 4, percebemos que havia a necessidade de realizar uma nova rodada estatística com alguns cruzamentos, tanto entre variáveis linguísticas, quanto entre variáveis linguísticas e extralinguísticas. Nossa intenção é dar clareza a alguns resultados encontrados, uma vez que percebemos que alguns índices que indicavam certos condicionadores poderiam ser influenciados pelo local de nascimento dos pais, tempo de moradia em Florianópolis, relações simétricas ou assimétricas, tipo de

texto no momento da entrevista e pela heterogeneidade de nossos informantes.

Optamos por iniciar com os cruzamentos das variáveis linguísticas. Uma das variáveis que nos chamou a atenção foi a concordância verbal. Nos deparamos com um alto índice de não concordância com o *Tu*, sendo que estudos de Loregian (1996), Menon e Loregian-Penkal (2002), Loregian-Penkal (2004) mostram que Florianópolis é uma localidade com grande probabilidade da presença da flexão canônica de segunda pessoa no verbo em virtude da etnia açoriana. Segundo Loregian-Penkal (2004) a etnia açoriana de Florianópolis (centro) e do bairro Ribeirão da Ilha fazia com que nessas localidades houvesse concordância verbal pela flexão canônica de segunda pessoa. Os percentuais encontrados pela pesquisadora foram de 43% e 60% de marcação de concordância verbal, respectivamente. Estes índices foram bem superiores aos resultados encontrados em cidades do Rio Grande do Sul, como por exemplo, Porto Alegre, que foi de 7%, Panambi, foi de 3% e Flores da Cunha, com somente 2%.

A partir dos dados discutidos e analisados na seção 4.2.2.3 percebemos a necessidade de realizar cruzamentos para compreender aquelas ocorrências de não concordância. O primeiro cruzamento que realizamos foi o das variáveis *concordância verbal* com *preenchimento do sujeito*. Loregian (1996) diz que o *Tu* na forma de sujeito preenchido colabora para casos de não concordância uma vez que, na presença dele, não haveria a necessidade de o falante realizar a marcação na flexão do verbo, já na forma de sujeito nulo haveria a necessidade de fazer reconhecimento do *Tu* por meio da flexão verbal. Logo, seguindo essas considerações, tínhamos como hipótese que com sujeito preenchido haveria mais chances de não concordância e com sujeito nulo mais chances de casos com concordância. Hipótese que não se comprova a partir do que podemos observar no Gráfico abaixo:

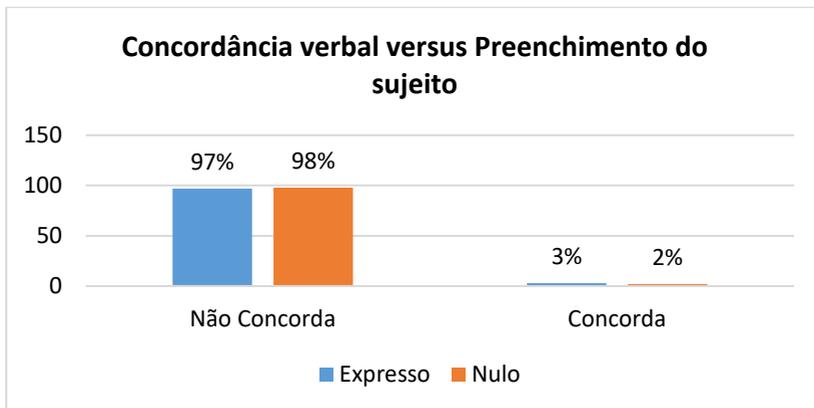


Gráfico 6: Percentual de concordância verbal *versus* preenchimento do sujeito

Pelo Gráfico 6 percebemos que nos resultados da nossa Amostra o uso do *Tu* favoreceu a não concordância verbal tanto na forma expressa quanto na forma nula, com 97% e 98% dos casos, respectivamente. Foram 291 ocorrências de *Tu* e, desse total, 285 sem a concordância verbal. Dos 285 casos, temos 124 ocorrências de sujeito expresso e 161 ocorrências de sujeito nulo. Acreditamos que a heterogeneidade dos informantes associada com o local de nascimento dos pais influenciou nos resultados. Sendo assim, realizamos um novo cruzamento considerando a *concordância verbal* e o *local de nascimento dos pais* de nossos informantes. Para essa análise, nossa hipótese era de que aqueles informantes cujos pais fossem nascidos em Florianópolis poderiam contribuir para a marcação da concordância verbal com o *Tu* e os demais seguiriam a tendência da não concordância. A hipótese se comprova conforme podemos constatar na tabela abaixo:

Concordância verbal *versus* local de nascimento dos pais

Mãe / Pai	Concorda		Não Concorda	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
SC / SC (2 inf)	4	8%	51	92%
SC / UY	2	12%	15	88%
RS / RS (3 inf)	---	---	136	100%
PR / PR	---	---	---	---
SP / SP	---	---	22	100%
GO / GO	---	---	---	---
BA / BA	---	---	61	100%
TOTAL	6	3%	285	97%

Tabela 24: Cruzamento das variáveis concordância verbal *versus* local de nascimento dos pais

Para os informantes cujos pais são nascidos no Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia, 100% das ocorrências de uso do *Tu*, na função de sujeito, foram com verbos não marcados pela flexão da concordância verbal. Para a forma *Tu*, na posição de sujeito com concordância verbal, foram registradas apenas 6 ocorrências, conforme observamos na tabela 24. Os dados com concordância foram retirados da fala dos informantes RafSCM16 (filho de pais nativos) e BiaSCF17 (filha de mãe nativa), corroborando portanto com os estudos citados anteriormente a respeito da marcação da concordância verbal com informantes nativos de Florianópolis. Vale ressaltar que os percentuais de concordância encontrados são bem baixos se comparados com os de Loregian-Penkal (2004). Como podemos perceber, nossos informantes nativos não realizaram a concordância verbal típica da fala daqueles que possuem etnia açoriana.

Essa situação, no entanto, corrobora com o estudo de Rocha (2010) que, em levantamento realizado com informantes dos bairros florianopolitanos de Santo Antônio de Lisboa e Ratoles, a não concordância verbal com o *Tu* representou 88,8% e a concordância foi encontrada em apenas 11,1% das ocorrências. Rocha (2010) acredita que a marca linguística do ilhéu esteja mostrando traços de mudança. Podemos perceber que 6 anos após os estudos de Rocha (2010-2016), também no bairro Ingleses nos deparamos com esse apagamento da marca de concordância verbal de segunda pessoa na fala de nossos informantes adolescentes nativos. Segundo Rocha (2010) a marca da flexão se faz mais presente em verbos como *estar, querer, saber, ir* e *ter*. Sendo assim, fomos verificar em quais verbos nossos dois informantes realizaram a marca da concordância e os verbos marcados coincidem com os apontados pela pesquisadora conforme podemos ver nos exemplos abaixo:

(55) *Tu tem que ir porque esse dai tu fosse batizado. (RafSCM16)*

(56) *Então ta bom, já que não **queis** ir não **vais**, mas domingo tu **vais**. (RafSCM16)*

(57) *tipo tu **tens** que se concentrar muito pra dá certo... (BiaSCF17)*

Em (55) temos a concordância por assimilação de [t] para [s] na forma do verbo *ir* da segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (*foste > fosse*). Em (56) temos o *querer* que sofre modificação

no radical (*quer-* > *que-*) e assume a vogal temática *i* dos verbos de 3ª conjugação mais a desinência número pessoa da segunda pessoa do singular do presente do indicativo *s* (*queres* > *queis*) e o *ir* e o *ter* em (57) são apresentados na sua forma padrão de segunda pessoa do singular do presente do indicativo (*vais* e *tens*).

Durante a análise dos resultados apresentados no Capítulo 4 percebemos que o diferencial da nossa amostra estava na heterogeneidade de local de nascimento de nossos informantes, o que pode explicar as diferenças encontradas no uso dos paradigmas pronominais investigados. Constatamos que os informantes que usavam o *Você* em seu vernáculo, por ser a forma mais usual em seu Estado de nascimento, ou o preservaram, ou o sistema do *Tu* já estava fazendo parte da sua fala. Sendo assim resolvemos fazer um cruzamento entre a variável linguística *função sintática* e a variável extralinguística *indivíduo*. Nossa intenção era observar em que posição sintática os paradigmas de *Tu* e de *Você* estavam sendo utilizados e verificar se o local de nascimento ou tempo de moradia em Florianópolis influenciavam na escolha. Os resultados encontrados podem ser observados na tabela abaixo:

Função Sintática versus Indivíduo

	Sujeito		OD		OI		Compl. Oblíquo		Possessivo		Imperativo	
	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu
RafSCM16	---	100%	---	100%	---	---	---	---	---	---	---	---
LuiSCM16	49%	51%	---	100%	---	---	---	---	100%	---	---	100%
BiaSCF17	11%	89%	---	---	---	---	---	100%	---	100%	---	---
GiuSCF16	3%	97%	---	---	---	---	---	100%	---	100%	---	---
YasSCF16	10%	90%	---	100%	---	100%	---	100%	40%	60%	---	---
NicRSM16	---	100%	---	---	---	---	---	100%	---	100%	---	100%
GabPRF18	100%	---	100%	---	---	---	---	---	---	100%	---	---
MarSPM17	33%	67%	---	100%	---	---	---	---	---	100%	---	---
MarGOF16	100%	---	44%	56%	40%	60%	100%	---	100%	---	---	---
VinBAM18	26%	74%	100%	---	---	100%	---	---	25%	75%	---	---
TOTAL	39%	61%	31%	69%	22%	78%	41%	59%	33%	67%	---	100%

Tabela 25: Cruzamento das variáveis função sintática *versus* indivíduo

A partir da Tabela 25 podemos verificar que os informantes RafSCM16 (florianopolitano, filho de pais nativos) e NicRSM16 (portoalegrense, filho de pais gaúchos) são categóricos no uso do *Tu* em todas

as posições sintáticas. Na fala dos demais informantes, em algum momento, ocorre a alternância entre os paradigmas de *Tu* e de *Você*. Nossa atenção se volta para os casos grifados, primeiramente com o informante LuiSCM16 (florianopolitano, filho de pais nativos) mas que apresentou resultados muito equilibrados na escolha do sujeito pronominal *Tu* ou *Você*, e resultados categóricos de uso de seu/sua, o que contraria estudos anteriores como, por exemplo, os de Menon e Loregian-Penkall (2002), Loregian-Penkall (2004) e Arduin (2005) que apontam para a preferência pelo *Tu* e de teu/tua na fala do nativo de Florianópolis. Acreditamos que esses resultados tenham sido influenciados pela relação assimétrica de *superior* > *inferior* estabelecida entre informante e pesquisador, durante a coleta, afinal esse pesquisador havia sido professor de língua portuguesa do informante. Diferentemente do que se observou nas outras entrevistas, percebemos um grande monitoramento na fala desse informante no decorrer da entrevista.

Percebemos também na fala da informante YasSCF16 (florianopolitana, filha de pais gaúchos) a preferência pelo *Tu* na posição de sujeito, mas casos de possessivos do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você*. Constatamos que a escolha da informante pelo possessivo do paradigma de *Você* ocorreu em uma situação assimétrica de *inferior* > *superior* num momento em que ela conta algo que disse à mãe (58) e utiliza o *sua* para se dirigir a ela e numa situação hipotética (59) em que ela daria um conselho para a sua filha, como os exemplos abaixo ilustram.

(58) *“Eu era tão má assim pra ti” daí eu “Não mãe, tu não era tão má, mas nesse dia aí ó eu fiz xixi nas calça por sua causa”* (YasSCF16)

(59) *... que você pense muito, que se for realmente importante pra sua felicidade...* (YasSCF16)

Na fala da informante paranaense GabPRF18 (curitibana, filha de pais paranaenses) ocorre uso categórico do *Você* na posição de sujeito, entretanto, na escolha do possessivo ela fez uso categórico da forma pertencente ao paradigma de *Tu*, como em (60).

(60) *Eu fiquei um tempo sem ir na casa dela aí ela falou “A, faz tempo que cê não vem aqui... quando que você vai visita a tua mãe” foi isso...* (GabPRF18)

Em (60) temos uma representação da fala da mãe da informante para ela, ou seja uma relação assimétrica de *superior* para *inferior*. Segundo Brown e Gilman, nestas situações ocorre a preferência pela forma *T* em relação à forma *V*. Acreditamos também que essa ocorrência possa ser em virtude do contato linguístico com o falar do nativo de Florianópolis, uma vez que a informante mora na Ilha de Santa Catarina há *mais de 6 anos*, apesar de que o tempo não tenha contribuído para que ela abandonasse o *Você* e utilizasse o *Tu* na função de sujeito. Situação oposta com os informantes MarcSPM17 (santista, filho de pais paulistas) e VinBAM18 (conquistense, filho de pais baianos) que apresentam uso mais acentuado do paradigma de *Tu* em relação ao paradigma de *Você* em praticamente todas as posições sintáticas. A partir da tabela 27 conseguimos observar quais dos nossos informantes utilizam *só Tu*, *só Você* ou *Tu e Você* e se o Estado de nascimento pode contribuir para essa escolha. Os resultados podem ser vistos na tabela abaixo:

Uso do *Tu* e *Você* na posição de sujeito versus Estado de nascimento

	Só Tu 2 informantes	Tu e Você 6 informantes	Só Você 2 informantes
Santa Catarina	RafSCM16	YasSCF16 GiuSCF16 BiaSCF17 LuiSCM16	---
Rio Grande do Sul	NicRSM16	---	---
Paraná	---	---	GabPRF18
São Paulo	---	MarSPM17	---
Goiás	---	---	MarGOF16
Bahia	---	VinBAM18	---

Tabela 26: Uso do *Tu* e *Você* na posição de sujeito versus local de nascimento do indivíduo

Aqui podemos notar que os informantes RafSCM16 e NicRSM16 que fazem o uso de *só Tu* são nascidos em cidades/estados (Florianópolis/Santa Catarina e Porto Alegre/Rio Grande do Sul) com predominância de uso de *Tu*, conforme vimos nos estudos anteriormente citados. Da mesma forma que as informantes GabPRF18 e MarGOF16 fazem o uso de *só Você* e também são nascidas em cidades/estados (Curitiba/Paraná e Goiânia/Goiás) em que o uso do *Você* é praticamente categórico, como apresentam estudos de Menon e Loregian-Penkall (2002) e Lucca (2007). Nossa atenção se volta para os informantes MarSPM17 e VinBAM18 que fazem uso de *Tu e Você*, mas com uso mais acentuado do *Tu* apesar de serem nascidos em cidades/estados

(Santos/São Paulo e Vitória da Conquista/Bahia) com alternância das formas *Tu* e *Você*, mas com preferência pelo *Você* conforme Lucca (2007). Nossa hipótese era de que isso se deve pelo tempo de moradia em Florianópolis, o que fica comprovado conforme os índices da tabela abaixo indicam:

Tempo de moradia versus Indivíduo

	Até 3 anos		De 3 a 6 anos		Mais de 6 anos		Sempre Morou	
	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu
RafSCM16	---	---	---	---	---	---	---	100%
LuiSCM16	---	---	---	---	---	---	49%	51%
BiaSCF17	---	---	---	---	---	---	10%	90%
GiuSCF16	---	---	---	---	---	---	2%	98%
YasSCF16	---	---	---	---	---	---	11%	89%
NicRSM16	---	---	---	---	---	100%	---	---
GabPRF18	---	---	---	---	85%	15%	---	---
MarSPM17	---	---	31%	69%	---	---	---	---
MarGOF16	93%	7%	---	---	---	---	---	---
VinBAM18	---	---	26%	74%	---	---	---	---

Tabela 27: Cruzamento das variáveis tempo de moradia versus indivíduo

Podemos perceber que ambos os informantes estão categorizados no fator *de 3 a 6 anos* logo podemos atestar que o tempo de moradia em Florianópolis atua no sistema pronominal dos informantes, contribuindo para a escolha das formas do paradigma de *Tu* em relação às formas do paradigma de *Você*. O informante MarSPM17 apresenta 69% de uso do paradigma de *Tu* contra 31% de uso do paradigma de *Você* e o informante VinBaM18 apresenta 74% de uso do paradigma de *Tu* contra 26% de uso do paradigma de *Você*. Ao olharmos novamente para os dados encontrados na tabela 26 (Função Sintática versus Indivíduo) notamos que o informante VinBaM18 é aquele que mais alterna as formas analisadas. Enquanto na posição de sujeito ele apresenta predomínio do *Tu* com 74%, na função de objeto direto usa 100% do paradigma de *Você*, já no objeto indireto, 100% de uso do paradigma de *Tu*, e no possessivo 75% do *Tu* e 25% do *Você*.

Durante a análise dos resultados discutidos na seção 4.2.2.6 percebemos que nossos informantes por vezes se comportavam de maneira diferenciada do que mostram Brown e Gilman (1960). Visualizamos que não havia distinção considerável de percentual de uso

entre as formas dos paradigmas de *Tu* e de *Você* nas relações assimétricas de *superior > inferior* e de *inferior > superior* como atestam os autores, conforme podemos constatar na tabela abaixo:

Relações simétricas e assimétricas *versus* Indivíduo

	Sup > Inf		Inf > Supe		Simétrica		P/ o Entrevistador	
	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu	Você	Tu
RafSCM16	---	100%	---	100%	---	---	---	100%
LuiSCM16	---	100%	---	100%	---	---	59%	41%
BiaSCF17	---	100%	---	---	---	100%	12%	88%
GiuSCF16	10%	90%	---	---	---	100%	---	100%
YasSCF16	33%	67%	25%	75%	---	100%	3%	97%
NicRSM16	---	100%	---	---	---	100%	---	100%
GabPRF18	80%	20%	60%	40%	88%	12%	100%	---
MarSPM17	33%	67%	---	---	---	100%	32%	68%
MarGOF16	92%	8%	88%	12%	93%	7%	97%	3%
VinBAM18	86%	14%	---	---	11%	89%	6%	94%

Tabela 28: Cruzamento das variáveis relações simétricas e assimétricas *versus* indivíduo

Como já discutido anteriormente este pesquisador foi professor de língua portuguesa dos informantes, mas sempre de uma maneira mais próxima dos adolescentes. Entretanto, conseguimos perceber que durante a entrevista realizada com o informante LuiSCM16 houve uma maior formalidade e monitoramento do vernáculo, como já apontamos. A justificativa dos dados encontrados para o paradigma de *Você* na fala desse informante nativo de Florianópolis é justificada pela formalidade, observada nos resultados da variável *relações simétricas e assimétricas* no fator *para o entrevistador*, uma vez que esse informante fez uso do paradigma de *Você* em 59% das ocorrências, contra 41% do paradigma de *Tu*. Outro informante que se diferencia do que era esperado foi VinBAM18 na relação assimétrica *superior > inferior*. Segundo Brown e Gilman (1960), neste tipo de interação é preferível a forma *T* a *V*. Contudo, o informante faz uso do paradigma de *Você* em 86% dos casos e somente 14% de uso de formas do paradigma de *Tu*. Os demais informantes se comportam fazendo uso predominante do paradigma de *Tu* ou do paradigma de *Você* a partir do que está internalizado em seu vernáculo, não havendo, portanto, considerações a serem realizadas.

Nesta seção conseguimos esclarecer alguns resultados apresentados e discutidos no Capítulo 4, uma vez que, por meio dos cruzamentos novos índices nos possibilitaram perceber algumas atitudes

linguísticas de nossos informantes. No próximo item realizamos uma discussão a partir da coleta de dados realizada na modalidade de Debate que consideramos, conforme explicado na metodologia deste trabalho, como uma interação *mais formal*.

5.2 O DEBATE

Conforme dito no Capítulo 4 sobre a metodologia deste trabalho, realizamos um debate com a intenção de observar como se portariam nossos informantes nessa situação que consideramos mais formal. A coleta foi realizada por este pesquisador e pela colega do programa de pós-graduação em linguística da UFSC, Patrícia Fermínio. Conseguimos perceber, primeiramente, que todos os informantes estavam preparados e organizados para as discussões, mas que o vernáculo inicialmente estava monitorado e com expressões mais formais, portanto nossa hipótese inicial de que para eles o debate seria uma interação de maior formalidade já se confirmava no início da coleta.

Conforme já dito, 10 temas foram discutidos, alguns renderam conversas mais acaloradas, outros renderam uma discussão mais amena. Dos dez informantes das entrevistas individuais, constatamos que apenas 6 apresentaram ocorrências do paradigma de *Tu* e do paradigma de *Você* no decorrer da gravação, em virtude disso, decidimos não considerar esses dados na nossa amostra quantitativa discutida no Capítulo 4.

Nos temas discutidos que foram: *ditadura da beleza, legalização da maconha, tecnologias nas escolas, banalização dos valores humanos, uso indevido do ar condicionado dentro da sala de aula, ideologia de gênero, estatuto da família: casamento gay, extremismo religioso, aborto, sexualidade: livre escolha de gênero*, registramos ocorrência de uso de formas dos paradigmas de *Tu* e de *Você* na fala dos informantes: BiaSCF17, GiuSCF16, NicRSM16, MarSPM17, MarGOF16 e VinBAM18. Trechos dessas falas serão discutidos a seguir.

A informante BiaSCF17 segue alternando o *Tu* e o *Você*, mas com predomínio do *Tu*, da mesma forma como fez na entrevista individual. Percebemos, por exemplo, que durante a discussão do tema *uso indevido do ar condicionado dentro da sala de aula* em um determinado momento que um colega de sala, que pertencia a outro grupo de discussão, a contraria ela se dirige a ele da seguinte maneira:

(61) ... então senta da próxima vez, depois de congelado **você** desliga o ar condicionado. (BiaSCF17)

Acreditamos que o uso das formas de *Você* em (61) se dá pelo fator proximidade ou distanciamento com a pessoa do discurso, levantado a partir da proposta de Brown e Gilman (1960), uma vez que pela situação de contrariedade de ideias e também por eles não fazerem parte da mesma equipe, o distanciamento pode ter contribuído para o uso das formas do paradigma de *Você* em relação às formas de *Tu*. Entretanto, durante a discussão do tema *aborto* a informante também tem sua opinião contrariada, mas dessa vez por um membro de sua equipe e a resposta para a situação foi dada com formas de *Tu*:

(62) *Se tu acha isso então, tu fica com a tua opinião e eu fico com a minha... / Mas tu acha bom tu leva a culpa de que tu podia ter tido um filho mas escolheu abortar? (BiaSCF17)*

Percebemos que em (62) as ideias se contradiziam, mas a proximidade com o colega, ao menos naquela atividade existia, uma vez que ambos pertenciam a mesma equipe, logo as formas escolhidas pela informante para se dirigir a esse colega do mesmo grupo foram as do paradigma de *Tu*, novamente concordando com o que dizem Brown e Gilman (1960).

A informante GiuSCF16 participou ativamente do debate e opinou sempre que pode. Em relação ao tema *uso indevido do ar condicionado dentro da sala de aula* ela acredita no bom senso e diz:

(63) *... tem vezes que é desnecessário tu usa o ar condicionado toda hora, tem vezes que da pra abrir a janela também, mas tem dias que tá muito quente e é necessário tu usa o ar condicionado... (GiuSCF16)*

Durante todas as interações a informante GiuSCF16 segue a mesma preferência pelo paradigma de *Tu* conforme constatamos na entrevista individual. Sobre *ideologia de gênero* conseguimos perceber, por exemplo, que ela defende a ideia de liberdade de escolha, dizendo que as pessoas devem se vestir ou se portarem da maneira como se sentirem melhor. Novamente em (64) conseguimos perceber a presença do uso predominante do *Tu* genérico, quando ela não se dirige a nenhuma pessoa específica, mas apresenta seu ponto de vista de forma geral:

(64) *... ela nasce num corpo que não é ela, imagina todo dia tu te que toma banho e tu ve que tu não é aquela pessoa que tu queria ser, tu se sente mulher e tu ta num corpo de homem, tu se sente*

homem e tu ta num corpo de uma mulher... / ... deve ser muito horrível tu ter que ir vestida de mulher, se sentindo mulher e te que i num banheiro de homem, só porque tu tem um pênis e não uma vagina. O que que o teu órgão reprodutor significa se no teu cérebro tu se sente mulher ou homem. (GiuSCF16)

Na discussão sobre *estatuto da família: casamento gay* ocorre uma discussão entre a informante e outro colega, mas ela discorda da opinião dele. Mesmo ele sendo de outra equipe, ela segue com o uso do *Tu*, que segundo Brown e Gilman (1960) é a forma preferível em situações simétricas.

(65) ... eu acho que, eu não concordo com nada que tu falou... / ... não, não foi o que tu falou, tu falou que o homem e a mulher se completam, da mesma maneira que eu acho que dois homossexuais vão se completar... o importante é o amor... e sexo e amor são duas coisas diferentes, e eu acho que tu não... tem muita gente que fala ta “mas eles não podem se reproduzir”... (GiuSCF16)

O informante NicRSM16 teve apenas uma interação com registro do pronome *Tu* e foi na forma de sentença interrogativa direta que ele segue a tendência do que observamos nas ocorrências da entrevista individual:

(66) O que que tu entende por ideologia de gênero? (NicRSM16)

Já o informante MarSPM17 na única interação registrada com o uso de algumas das formas dos paradigmas investigados, apesar do predomínio de uso do paradigma de *Tu* na entrevista individual, faz o uso do *Você* conforme podemos ver em (67):

(67) O XXXX falou no início que com o aborto você ta acabando com a vida de uma pessoa... é melhor você acaba com a vida de uma pessoa antes dela começa do que você traz ela ao mundo e você não pode dá nada a ela... (MarSPM17)

Acreditamos que a preferência pelo uso do *Você* em (67) se dá pelo fato de ser uma situação mais formal.

A informante MarGOF16 participou ativamente do debate, opinou em vários temas e seguiu o que realizou na entrevista individual dando a preferência para as formas do paradigma de *Você*. Em relação ao *estatuto*

da família: casamento gay se posicionou contrária à união homo-afetiva, uma vez que, segundo ela, sua religião e a bíblia não permitem tais posturas:

*(68) ... as pessoas falam “A por que **você** não concorda?” porque se **você** concordar talvez vá deixa de falta algo mas, eu não vou concordar com uma coisa que eu não gosto e não acho certo... / ... **você** vai deixa de ver, ir na casa de uma pessoa e isso e aquilo, mas na casa do meu primo eu vou deixar porque eu não quero ver ele com outro homem... (MarGOF16)*

Sobre o mesmo tema ela ainda diz:

*(69) ... muitas pessoas hoje abandonam a **sua** própria opinião pela opinião da sociedade... porque se **você** não concorda com alguma coisa, **você** tem que dizer porque fulano diz que isso é careta, porque fulano diz que isso não é legal, eu acho que sim, **você** tem que se impor diante daquilo que **você** acredita... (MarGOF16)*

Podemos perceber que nas duas situações (68) e (69) ela faz uso somente das formas do paradigma de *Você*, que predominaram na entrevista individual. É visível também que o pensamento da informante está embasado a partir dos preceitos religiosos, algo que foi contestado pela informante GiuSCF16:

*(70) ... apesar de **pra ti** ser um problema por causa da religião, pro Estado não deveria ser porque o Estado é laico. (GiuSCF16)*

Interessante que, em (69), apesar de a informante MarGOF16 estar utilizando as formas do paradigma de *Você*, a informante GiuSCF16 se dirige a ela em (70) utilizando o paradigma de *Tu*, portanto uma não influenciou a outra na escolha do paradigma pronominal a ser utilizado na interação.

Numa outra situação, a informante MarGOF16 que debate sobre o tema *extremismo religioso* com um colega segue no uso do *Você* e diz o seguinte:

*(71) ... cada um tem a **sua** própria opinião e assim, não querendo **te** julgar nem nada mas, nem **te** ridicularizar, mas eu me lembro como se fosse ontem o dia que **você** me perguntou, o Ramon no caso, perguntou qual era a minha religião e **você** me ridicularizou*

*quando eu disse, e eu acho que isso é extremismo religioso porque se a pessoa disse que é, **você** é de determinada religião, **você** pergunta pra pessoa de qual religião que ela é, ela fala e **você** fecha a cara e fala “**Você** é dessa religião?” tipo assim, **você** é um assassino, **você** é um, **você** pode ser um drogado, um estuprador, mas **você** não pode ser de tal religião então, isso eu também acho que é um grande extremismo religioso **você** ser criticado por algo que desse tipo... / ... tem gente que não gosta de filme de violência, **você** deve condenar uma pessoa por causa disso? (MarGOF16)*

Podemos constatar que em (71), apesar do predomínio de uso das formas de *Você*, houve a presença do acusativo *te* pertencente ao paradigma de *Tu*, esta forma do paradigma de *Tu* faz parte do vernáculo da informante, uma vez que isso também ocorreu na entrevista individual.

O informante VinBAM18 fez uso alternado das formas do paradigma de *Tu* e do *Você*, algo que se assemelhou ao uso que fez na entrevista individual. Sobre o tema *aborto* do debate ele faz uso de formas dos dois paradigmas, como podemos ver em (72):

*(72) ... se acontece alguma coisa assim, **você** não vai chega e aborta, tem uma criança que tem que respeita, mas se **tu** não consegue cuida, teve a mentalidade de ir lá e fazer e não consegue cuida, vai, procura algum casal que tenha condições de cria aquela criança, tipo um casal gay... / ... se **tu** teve a consciência de transa e corre o risco de nascer a criança e nasceu, **tu** tem que te a responsabilidade de cuida dela... (VinBAM18)*

Entretanto, em uma situação em que ele se dirige à informante MarGOF16 no tema *extremismo religioso* ele segue o que a colega faz e dá preferência pela forma *Você*:

*(73) ... não é só **você**, mas eu tenho um primo também que tem listas, e listas de coisas que ele não pode fazer por causa da religião... eu não to falando só de **você**, eu to falando do meu primo também e que eu não concordo com isso. (VinBAM18)*

Conseguimos notar que, pelo fato de esse informante possuir em seu vernáculo as formas de *Tu* e de *Você*, em uma interação com alguém que fez uso dessa mesma forma ele acabou preferindo seguir utilizando o *Você* da mesma maneira como fez *seu* interlocutor. De modo geral, nas interações realizadas pelo informante, ele preferiu as formas de *Você* em

relação às formas de *Tu*, provavelmente pela situação de formalidade em que ele se encontrava.

Conseguimos perceber que nossos informantes se comportaram no debate linguisticamente da mesma forma que se comportaram nas entrevistas individuais com relação às formas dos paradigmas de segunda pessoa. Aqueles que na entrevista individual fizeram uso mais acentuado do paradigma de *Tu*, ou do paradigma de *Você*, ou uso alternado das duas formas, no debate agiram da mesma maneira. Notamos também que alguns deles reagiram quanto à escolha do *Tu* ou do *Você* a partir de seu interlocutor ou da relação de proximidade ou de distanciamento entre as equipes, usando o *Tu* para aquele que era do mesmo grupo, por exemplo, e o *Você* para aquele que discordava da sua opinião e pertencia a outro grupo.

Na seção a seguir, trataremos a respeito do posicionamento de cada um dos nossos 10 informantes sobre a figura do manezinho da ilha.

5.3 O QUE É SER MANEZINHO?

Segundo Pagotto (2004) a cidade de Florianópolis pode ser definida pelo dilema da invasão. Uma cidade invadida pela mata virgem, matas que são lambidas pelo mar, continente e ilha na mesma rede urbana, bois e cavalos que exibem saúde aos carros caros de muita potência, tecnologias e analfabetismo, passado e presente, calma e agressividade, os nativos e os de fora. “De fato, a grande questão para Florianópolis hoje [2004] é a da identidade. Cidade turística, cidade moderna, zona rural, vila de pescadores, cidade de funcionários públicos, paraíso perdido, ilha da magia, cidade de migrantes, pólo de herança açoriana no sul” (PAGOTTO, 2004, p. 31). A citação de Pagotto (2004) corrobora com o levantamento histórico que realizamos no Capítulo 1, principalmente no que diz respeito à década de 1980 quando a cidade sofre grandes transformações na sua infraestrutura, principalmente com o aumento populacional pela vinda de turistas e também com os novos moradores vindos do interior de Santa Catarina e de estados como o Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. O bairro Ingleses do Rio Vermelho, certamente, é a localidade que mais recebeu *os de fora* como é dito por alguns nativos da cidade o que acarretou numa mudança da identidade geográfica, estrutural e cultural do bairro.

Não conseguimos pensar em identidade sem associar nosso resultados à pesquisa realizada por Labov (2008 [1972]) na ilha de *Martha's Vineyard*. Em *Martha's* a situação se dava a partir da centralização dos ditongos (ay) e (aw) por alguns moradores de

localidades pesqueiras como *Chilmark*, representando uma marca da identidade local e uma maneira de diferenciá-los daqueles que não pertenciam à Ilha. Em Florianópolis a fala rápida, expressões locais, assimilação de [t] para [s] são algumas das formas linguísticas de identificação de um nativo. Leal (2007) diz que foram necessárias algumas ações para que a identidade do ilhéu fosse preservada:

Movimentos midiáticos, a instituição de prêmios como o Troféu Aldfrio Simões e a visibilidade de ídolos locais, como é o caso do tenista Guga Kuerten, dão força a esse movimento de retomada de uma cultura de base açoriana, mas autóctone, que se configura localmente a partir de tradições e vivências dos antigos moradores nativos e culmina na progressiva mudança do significado social do termo “manezinho da Ilha” que, antes pejorativo, passa a ser usado como motivo de orgulho e modo de identificação com o local. (LEAL (2007) *apud* VALLE (2014), p. 332)

A partir da identificação do nativo de Florianópolis ser o “manezinho da Ilha” nos interessamos em saber o que *os nativos, os nascidos na cidade e os de fora* pensavam a respeito do “Ser Manezinho” e então em nossas entrevistas individuais realizamos a seguinte pergunta a todos os informantes: “*Para você, o que representa a figura do manezinho?*”. Vejamos algumas respostas.

Nosso informante RaFSCM16 (nativo), manezinho da ilha, respondeu o seguinte:

(74) Todo mundo fala que manezinho é quem nasce aqui, só pelo fato de nascer aqui é manezinho, eu acho que não, tem que gosta da tradição, tem que pelo menos uma vez na vida vê a pesca da tainha, porque é um negócio legal, e... sei lá que vá na praia e tal, eu acho que é isso. Eu digo que sou manezinho com muito orgulho. Tem um amigo do pai, que também é primo do pai, que não gosta de ser chamado de manezinho porque ele é meio bobalhão, daí só que a gente continua chamando ele, porque antigamente quem era manezinho era ruim. Bom era quem morava na (Avenida) Beira Mar tal, daí acho que hoje em dia esse meio estreitô, porque tanto da Beira Mar quanto o manezinho, é tudo manezinho. (O que pra você é o sotaque do manezinho?) essa coisinha rápida né, com várias gírias, como o pescador fala (que mais?) seria a identidade

do manezinho, seria pra mim a pesca da tainha por exemplo, apesar de que tem também no Rio Grande do Sul, a farra do boi que eu vejo que também é muito marcante aqui, que é uma tradição que já vem desde os colonizadores que seria lá das ilha dos açores, os açorianos. (RafSCM16)

Conseguimos perceber que como nativo ele vivencia bem a cultura açoriana local e cita que para os antigos ser manezinho representava uma figura estereotipada. Segundo Valle (2014) a partir das valorizações locais ocorre um grande movimento dos moradores que se deslocam de uma atitude de inferioridade para uma atitude de defesa das tradições manezinhas. Certamente, é por isso que nosso informante, aos 16 anos, afirma ter orgulho de ser chamado de manezinho. Para o informante LuiSCM16, que também é manezinho e neto de pescador, a figura do manezinho é:

(75) Ser manezinho é viver da cultura, é falar coisas daqui, não sei... (por exemplo) Tas tolo, essas coisa, é... dexa eu vê... mandrião, boca mole, tolarão, quinbinga, mazanza. (O que representa ser manezinho perante os que vem de fora?) Representa a nossa cultura, a nossa cidade aqui, demonstra um pouco o que a gente sabe também, passa um pouco pra pessoa o que a gente sabe e curti também... (O que você sabe sobre a cultura dos manezinhos?) Muitas história sobre o manezinho (por exemplo, conta uma...) a luz de bota que é uma luz que aparece no morro que muitos contam que se você olhasse para trás ela te levava pra cima do morro e muitos dizem que já foram pego ou rondaram a sua casa, não sei... (LuiSCM16)

Em (75) temos a representação de gírias locais, além da história da “luz do bota” que faz parte das lendas da ilha. Para a informante BiaSCF17 que é filha de mãe nativa a figura do manezinho pode ser explicada como:

(76) Não só nascer aqui, mas gostar de morar aqui e seguir a, não a cultura, mas tipo o, não é tipo preservar a cultura manezinha, é tipo, não sei. É tipo assim, é, não é apoiar tipo a cultura daqui, mas tipo respeitar ela. As pessoas que são manezinhos respeitam aqui, tipo aonde eles vivem, do que as vezes as pessoas que vem de fora, as vezes eles dão mais valor. E a fala né, o manezinho fala muito mais rápido, tem muita diferença de falá. (O que é ser

manezinho na sua opinião?) O estereótipo do típico manezinho seria um pescador, tipo um pescador, tipo rezeiro, coisa assim. (BiaSCF17)

Podemos notar que nas três interações (74), (75) e (76) algumas descrições são muito semelhantes, os três informantes focaram nas questões culturais, costumes, tradições e modo de falar. E em nenhum momento notamos uma fala estereotipada em relação ao ser manezinho. Para a informante GiuSCF16 não basta nascer na cidade para ser manezinho:

(77) Quem nasce aqui é Florianopolitano, mas eu acho que manezinho é tipo, sabe o Rafinha e coisa, que é daqui, gosta da cultura mesmo, que participa, que gosta tipo de pesca, gosta de tainha, não só o sotaque, mas é participa da comunidade, não que eu não participe, mas é que eu não tenho esse sentimento com as culturas daqui tipo dos açores, das rezeiras, eu acho bonito, mas não é uma coisa que eu me identifique assim, que eu chegue ó, nossa, que legal, que eu conheça muito, eu acho até que pelo fato da minha família ser de fora (Rio Grande do Sul), então eu nunca tive um contato tão direto com isso, na escola e tudo, não é que nem ele que tem a família toda daqui tão tem uma diferença muito grande, acho que é assim que é ser manezinho. (GiuSCF16)

Já percebemos uma grande mudança na fala dessa informante, como ilustrado em (77), uma vez que ela, apesar de nascida em Florianópolis, não se considera manezinha, mas florianopolitana principalmente pelo fato de os pais serem nascidos no Rio Grande do Sul e de ela se identificar mais com a cultura daquele Estado por influência dos pais. Ela faz outro comentário a respeito da escrita dos manezinhos nas redes sociais:

(78) ... eu acho engraçado quando eles (os manezinhos) vão escrever texto no facebook, tipo texto de aniversário e eles colocam “Podes contar sempre comigo” entendeu ou “Estas sempre no meu coração” eu acho isso muito engraçado que eles colocam S no final das palavras assim, dos verbos, eu acho isso engraçado. (Por que você acha isso engraçado?) ai eu não sei porque, tu estas, eu não sei se isso ta, não isso ta correto, eu acho, mas é que sei lá não é o normal assim tu escreve, ai, é podes, podes

contar sempre comigo, não é pode contar sempre comigo, não precisa do S, eu acho isso engraçado. (GiuSCF16)

Claramente em (78) conseguimos perceber que a informante faz uma análise negativa a respeito da concordância verbal com o *Tu* que é muito comum na fala/escrita dos manezinhos conforme vimos em estudos de Menon e Loregian-Penkall (2002) e Loregian-Penkall (2004). Certamente é devido à influência do modo de falar dos pais (gaúchos), sem a marcação da concordância verbal, que resultou nessa observação por parte da nossa informante GiuSCF16. A informante YasSCF16 (79), cujos pais também são nascidos no Rio Grande do Sul, não cita aspectos culturais, mas aspectos geográficos como características do “ser manezinho”:

(79) Conhecer mais sobre a ilha, conhecer tipo, não digo mais do que os outros, mas assim tipo uns pontos assim que as pessoas não conhecem sabe, uns pontos escondidos assim que eram pra ser turísticos e não são. A ilha que tem aqui do lado que eu não lembro o nome agora, ela é ‘altas ilha’ assim e pouca gente sabe que pode para pra i lá e faz umas coisas que tem escondidas que tem na ilha eu acho... (O que você vê de diferença na fala do manezinho pras outras pessoas) eles falam muito rápido e falam repetido tipo assim “oooo”. (YasSCF16)

A situação se modifica um pouco quando olhamos para a resposta do questionamento sobre o que representa a figura do manezinho para o informante NicRSM16, que é nascido em Porto Alegre/Rio Grande do Sul:

(80) Eu não tenho nada contra, as vezes eles são chato só, (risos) o sotaque lá e tal... mas sempre respeitei muito, mesmo que eles não respeitem muito os gaúcho e tal, mas é normal, querendo ou não a gente invadiu aqui, mas sempre respeitei, sempre tentei manter o respeito de qualquer um. (NicRSM16)

Interessante observar o relato desse informante em (80) que, apesar de os manezinhos demonstrarem não gostar muito dos gaúchos, ele sempre respeitou os nativos, e se considera um ‘invasor’, situação relatada por Labov (2008 [1972]), a respeito daqueles que vinham de fora e compravam casas para veraneio na ilha de *Martha’s Vineyard*.

A informante do Paraná GabPRF18 foca nas seguintes diferenças linguísticas e gastronômicas:

(81) Uma pessoa com sotaque e costumes diferentes dos meus. (Tipo? O que você compara?) Como é, de comer bastante frutos do mar, que la em Curitiba eu mal comia, acho que so peixe, aqui eu já comi camarão, lula. Gírias também que eu não conheço, seu estepô, que eu conheci. Eles falam muito rápido que às vezes não dá pra entender, e do jeito que eu falo eu puxo o R e eles não puxam, tipo poRta, já riram de mim por eu puxar o R, de às vezes eu fala ondE, leitE, até meu pai também às vezes ri de mim. (GabPRF18)

Em (81) a informante cita como marca linguística da fala paranaense a presença do <r> retroflexo e o não acentamento do <e> átono de final de palavra. Em relação à cultura manezinha ela fala a respeito da rapidez da fala, algo que percebemos que foi bem lembrado pela maioria dos informantes, e sobre o costume frequente de consumir frutos do mar, que segundo ela, não é tão comum em Curitiba.

Nosso informante paulista MarSPM17 diz que na visão dele o manezinho leva uma vida tranquila, algo que ele desejaria ter:

(82) Uma coisa muito legal, pelo que eu sei do manezinho é aquela pessoa que acorda de manhã, se estica, pesca aquilo que é suficiente pra come, chega em casa, passa a tarde com a família, pesca o que tem pra come, dorme, uma vida bem tranquila. (MarSPM17)

É evidente que na visão dele em (82) o manezinho representa a figura do homem do campo, que tem tempo para estar com a família e pescar seu alimento diário do mar, sem ter preocupações com a vida moderna. Algo totalmente oposto do que é relatado pela informante de Goiânia/Goiás, MarGOF16:

(83) Eu acho o manezinho arrogante. (Por quê?) Porque eu no caso, eu trabalho numa loja e eu tenho muito contato né com os manezinhos e de 90 que vão, 80 são arrogantes. (O que eles dizem?) Eles são abusados, eles acham que porque você é um vendedor, você tem que fazer exatamente aquilo que eles querem, no tempo que eles querem e na forma que eles querem, se não tem

um produto que eles querem eles acham ruim e isso não existe. Tem uma lá (uma cliente que é manezinha) que ela entra e fala assim “Você pode me atender agora?” como se ela fosse o único ser humano ali, e eles costuma criticar tudo, como se nada fosse bom o bastante... (E os outros manezinhos? Os da escola por exemplo) Os manezinhos da escola não tenho nada que dizer contra eles... tirando os meus clientes os outros são agradáveis. Eu acho que os manezinhos tem que parar de criticar os goianos porque goiano não é roceiro. (Como assim?) Eles falam muito mais do jeito da roça que a gente, muito mais. Eles são muito mais gente da roça. O povo acha que as pessoas do sul, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, especificamente, são mais pessoas da roça. Que dia que você vai ver um cavalo andando no meio de Goiânia? Não é uma coisa que você vê, a não ser que seja tipo carrocinha, mas você não vê isso, entendeu? É nesse sentindo. Eles criticam lá, mas eles têm linguajar de roça, eles têm música de roça, eles têm roupa de roça, a gente não tem isso. (MarGOF16)

Conseguimos perceber em (83) que, com os manezinhos, essa informante não tem proximidade. Ocorre uma relação mais de antipatia, e com os mais próximos uma relação boa, “agradáveis” como relata ela. Esta situação pode ser justificada pelo tempo de moradia de sua família em Florianópolis que é de *menos de 3 anos*. No decorrer da entrevista ela conta sentir muita falta da sua cidade natal, do contato com parte da família que ficou lá, das comemorações e viagens que eles realizavam. O informante que representa a Bahia, VinBAM18, diz o seguinte sobre o manezinho:

(84) Ah, o manezinho depende muito, é como toda qualquer pessoa assim, depende, sempre tem um que é legal e tem um que é chato. É que nem gaúcho, tem uns que se acham muito e tem uns que são legais. Algumas vezes da capital mesmo é nojentto, chato, e os do interiores melhor, mas aqui em Floripa é tudo depende, sempre tem um que é mais legal que o outro, tem uns que são chato mesmo, que não gosta de quem é de fora mas isso tem tudo que é lugar. (O que você percebe de diferença entre o manezinho e você que não é daqui, não é nativo?) Eu acho que a cultura de come muito peixe e a fala rápida eu acho, mais isso. Tipo quando eles falam... Ééééé tax tolo taix. Então, então, então. Acho que essa mania também de fica repetindo as coisa, ui, da uma agunia. Lá na Bahia

a gente oculta muito o R, tem a mania de oculta o R, aqui não, eles dão até uma puxadinha mais... acho que a mania de puxar o S deles aqui... é, táis tolo, que a gente não fala isso, eu já falo isso, tá tolo... (VinBAM18)

Podemos notar que em (84) nosso informante baiano avalia o manezinho entre “legal” e “chato” fazendo uma comparação com os gaúchos. Ele cita também a questão da velocidade da fala, repetição de palavras e expressões como “tax tolo taix”.

O que ficou evidente nas respostas é que na visão daqueles que são nativos, filhos de pais nativos ou ao menos quando um dos pais é nativo, as respostas giraram em torno dos costumes e culturas do manezinho. Eles falaram sobre a pesca, sobre as lendas da cidade, as rendeiras, o boi de mamão e um deles sobre o orgulho de ser manezinho. Na visão daqueles que são de fora boa parte tocou nas diferenças no modo de falar, no hábito que o manezinho tem de comer frutos do mar, outra parte falou que o manezinho leva uma vida de homem do campo e que é arrogante.

Pensando nesses pontos e a partir do que foi realizado por Labov (2008 [1972]) na avaliação dos moradores sobre a ilha de *Martha's Vineyard*, apresentamos uma tabela com uma avaliação que realizamos a partir da fala de nossos informantes. Consideramos quatro fatores para essa avaliação de valores: (i) se o informante *se considera manezinho* mesmo nascendo na Ilha ou não; (ii) atitude *positiva* para aqueles que gostam da cultura, dos costumes, das tradições e se identificam com o modo de falar dos manezinhos; (iii) atitude *neutra* para aqueles que não fazem juízo de valor sobre o manezinho nem de seu modo rápido de falar; e (iv) atitude *negativa* para aqueles que disseram que os manezinhos são arrogantes, ou que eles não gostam daqueles que são de fora ou que eles riem de quem fala diferente deles. Agrupadas essas características e comparadas com o uso das formas dos paradigmas de *Tu* e *Você* temos o seguinte resultado por informante:

Avaliação de atitude sobre o Manezinho e uso de formas dos paradigmas de *Tu* e de *Você*

Informante	Formas dos paradigmas de <i>Tu</i> e de <i>Você</i>	Se considera manezinho	Positiva	Neutra	Negativa
RafSCM16	Só <i>Tu</i>	Sim	X		
LuiSCM16	<i>Tu</i> e <i>Você</i>	Sim	X		
BiaSCF17	<i>Tu</i> e <i>Você</i>	Sim		X	
GiuSCF16	<i>Tu</i> e <i>Você</i>	Não			X
YasSCF16	<i>Tu</i> e <i>Você</i>	Não		X	
NicRSM16	Só <i>Tu</i>	Não			X
GabPRF18	Só <i>Você</i>	Não			X
MarSPM17	<i>Tu</i> e <i>Você</i>	Não	X		
MarGOF16	Só <i>Você</i>	Não			X
VinBAM18	<i>Tu</i> e <i>Você</i>	Não		X	
TOTAL		30% (Sim) / 70% (Não)	30%	30%	40%

Quadro 3: Avaliação de atitude sobre o manezinho por informante

Podemos perceber que a partir da resposta de nossos informantes sobre o questionamento “*Para você, o que representa a figura do manezinho?*” se consideram manezinhos somente aqueles que nasceram em Florianópolis e possuem pais nativos. Aqueles que nasceram em Florianópolis, mas seus pais são gaúchos não alimentam o mesmo sentimento a respeito da cultura açoriana daqueles que são nativos. Como atitude *positiva* reunimos três informantes, dois filhos de pais nativos (RafSCM16 e LuiSCM16) que, a partir de suas falas, mostram orgulho da cultura e tradições manezinhas, e um informante nascido no estado de São Paulo (MarSPM17), que cita a tranquilidade da vida do manezinho, comparando-o com o homem do campo. Como atitude *neutra* reunimos três informantes, duas nascidas em Florianópolis, uma filha de mãe nativa (BiaSCF17) e outra filha de pais gaúchos (YasSCF16), e um informante nascido na Bahia (VinBAM18) que frisaram a respeito dos costumes, alguns aspectos linguísticos e geográficos mas sem realizar juízo de valor. Como atitude *negativa* reunimos quatro informantes, uma nascida em Florianópolis mas filha de pais gaúchos (GiuSCF16) que frisou pejorativamente a marcação da concordância verbal na escrita por conhecidos manezinhos nas redes sociais, um informante nascido no Rio Grande do Sul (NicRSM16) que diz que os manezinhos não gostam dos gaúchos por eles (os gaúchos) terem ‘invadido’ Florianópolis, uma informante nascida no Paraná (GabPRF18) pelo fato de os manezinhos já terem rido dela pelo seu modo de falar diferente e uma informante nascida em Goiás (MarGOF16) que acha os manezinhos arrogantes.

De modo geral o quadro 3 nos mostra que as origens ou as influências culturais podem contribuir para uma avaliação de valor a respeito do local em que se vive. Certamente, esse também pode ser um dos fatores que contribuem ou não, para aqueles que são de fora na adoção do modo de falar local, o que justificaria o uso do paradigma de *Tu* na fala de alguns informantes que são nascidos em outros Estados, como é o caso dos que nasceram em São Paulo e Bahia. A não identificação com a cultura local também pode ser o grande fator de preservação do paradigma do *Você* na fala das informantes nascidas no Paraná e em Goiás.

A seguir, apresentamos as considerações finais do nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos nesta dissertação pesquisar as diferentes formas utilizadas na fala dos nossos informantes do bairro Ingleses, da cidade de Florianópolis/SC, dos paradigmas pronominais de *Tu* e de *Você*. Constatamos que das 544 ocorrências, 337 foram de formas do paradigma de *Tu* (61%) e 207 foram de formas do paradigma de *Você* (38%), o que corrobora com estudos anteriores atestando que as formas de *Tu* tem a preferência perante as formas do *Você* na cidade de Florianópolis.

Para a nossa coleta de fala dos adolescentes organizamos um protocolo constituído de dois momentos, um mais formal e outro mais informal. Primeiramente foi feita a realização de um debate em que pretendíamos observar a formação das comunidades de prática, entretanto não foi o que ocorreu. Percebemos que na realidade os grupos formados não possuíam as características de uma comunidade de prática, mas sim de uma comunidade de fala heterogênea linguisticamente. No segundo momento realizamos as entrevistas individuais, com 10 informantes que haviam participado do debate. Como a comunidade de prática não foi atestada decidimos considerar os dados encontrados no debate de somente aqueles informantes que haviam participado das entrevistas individuais. Nosso desejo é olhar para todos os dados obtidos no debate em um trabalho futuro.

Os resultados encontrados confirmam algumas das hipóteses que nortearam este estudo. Conseguimos atestar que fatores extralinguísticos como *local de nascimento do informante*, *local de nascimento dos pais*, *tempo em que o informante mora na Ilha de Santa Catarina* e *tipo de texto* foram as variáveis que melhor explicaram a escolha pelo paradigma de *Tu* ou pelo paradigma de *Você*, uma vez que informantes nascidos em Santa Catarina ou no Rio Grande do Sul, com pais nascidos em Santa Catarina ou no Rio Grande do Sul fizeram o uso preferencial das formas de *Tu* e informantes nascidos no Paraná ou em Goiás, com pais nascidos no Paraná ou em Goiás e que moram em Florianópolis por até 6 anos fizeram o uso majoritário do *Você*. Além dos extralinguísticos, outra variável se mostrou significativa, *tipo de texto*. Verificamos que, nessa modalidade textual, o tipo *Receita* contribuiu com o elevado número de ocorrências do *Tu* na fala de alguns informantes.

A respeito da semântica de poder e solidariedade propostas no trabalho de Brown e Gilman (1960) sobre o uso do *V* para situações mais formais ou em relações assimétricas de superior para inferior e o uso do *T* para situações menos formais ou em relações assimétricas inferior para superior, conseguimos perceber que pelo fato de nossos informantes

serem adolescentes a escolha das formas do paradigma de *Tu* ou de *Você* seguiu independentemente do tipo de relação. Contudo, pudemos atestar que a proximidade com este pesquisador, apesar de ter sido professor de língua portuguesa dos adolescentes, resultou no uso preferencial pela forma *T*.

Para que houvesse mais clareza dos resultados encontrados resolvemos realizar alguns cruzamentos entre as variáveis controladas. Foi nesse momento que percebemos que alguns informantes faziam o uso de *Só Tu* ou *Só Você* ou de *Tu e Você*. Os resultados corroboraram com estudos realizados com informantes dessas localidades, uma vez que informantes de Florianópolis/SC e Porto Alegre/RS fizeram o uso de *Só Tu* ou de *Tu e Você* na função de sujeito e informantes de Curitiba/PR e Goiânia/GO fizeram o uso de *Só Você*. Além disso, percebemos que nosso grande destaque estava na combinação entre os fatores miscigenação de nossos informantes e origem de cada um deles, fatores fundamentais na escolha de formas do paradigma de *Tu* ou do paradigma de *Você*.

Outro ponto interessante do nosso trabalho foi a avaliação realizada pelos informantes a respeito da figura do manezinho. Percebemos que aqueles que eram de Florianópolis/SC ou se identificavam com a cultura açoriana fizeram uma avaliação positiva ou neutra sobre o manezinho, já aqueles que eram de fora, não se identificavam com a cultura ou já haviam sofrido algum tipo de preconceito por não serem nativos avaliavam negativamente o manezinho. Essa avaliação foi correlacionada com os resultados sobre o uso das formas de *Tu* e de *Você*, uma vez que aqueles adolescentes que avaliaram positivamente o manezinho utilizaram majoritariamente formas do paradigma de *Tu* e aqueles que avaliaram negativamente utilizaram mais as formas do paradigma de *Você*. O estudo reflete, de certa forma, o que Labov encontrou em *Martha's Vineyard*, uma ligação bem estreita entre variação e identidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Teresa dos Santos. *Formas de tratamento: dialeto urbano e oral de Curitiba*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.
- ANDRADE, Adriana Lília Soares de. *A variação você, ce, ocê no português brasileiro falado*. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília-DF, Brasília, 2004.
- ANDRADE, Carolina Queiroz. “*Tu e mais quantos?*” - A segunda pessoa na fala brasiliense. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília-DF, Brasília, 2010
- ARDUIN, Joana. *A descrição do sistema possessivo de 2ª pessoa na fala catarinense*. In: Anais da XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do GELNE, João Pessoa, 7 a 10 set. 2004. (no prelo).
- _____. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na Região Sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado), Florianópolis, UFSC, 2005.
- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BARCIA, Lucia Rosado. *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal*. Dissertação (Mestrado em Letras), Rio de Janeiro, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 37ª ed., 2006.
- BROWN, R., GILMAN, A. *The pronouns of power and solidarity*. In: T. A. Sebeok (ed.), *Style in Language*, MIT Press, 1960.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, Izete Lehmkul *et al.* *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, Izete Lehmkul e; GÖRSKI, Edair Maria. A variação no uso dos pronomes Tu e Você em Santa Catarina. In: COUTO, Leticia Rebollo e; LOPES, Célia Regina dos Santos (Organizadoras). *As formas de tratamento em português e em espanhol variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis – Ilustrada*. Florianópolis: Insular, 2ª ed., 2005.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Edilene Patrícia. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília-DF, Brasília, 2007.

DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.

_____. *A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado). Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. Termos da oração. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. *O tratamento Você em Português: Uma abordagem histórica*. Revista Fragmenta. n 13, 51-82. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. *A ocorrência de 2ª pessoa: estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

GUY, Gregory R. *As comunidades de fala: fronteiras internas e externas*. In: Congresso, ABRALIN, Fortaleza, 2001. (Mimeo).

ECKERT, Penelope. *Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation*. Annual Review of Anthropology. Vol. 41, 87-100, 2012.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio e; TAVARES, Maria Alice. *Banco de dados Sociolinguísticos do Português Brasileiro e os estudos de Terceira Onda: Potencialidades e Limitações*. Alfa. 56 (3), 917-944, São Paulo, 2012.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1989.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. (1972) Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Retratos da variação entre você e tu no português do Brasil: sincronia e diacronia*. In: RONCARATI, Cláudia e; ABRAÇADO, Jussara (Orgs). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, 2008.

LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região sul*. Tese (Doutorado). UFPR, 2004.

LUCCA, Nívia Naves Garcia. *A variação tu/você na fala brasiliense*. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília-DF, Brasília, 2005.

_____. *O estatuto do tu no português do Brasil*. Comunicação apresentada no 5o Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Belo Horizonte: 2007.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Rio de Janeiro, 2006.

MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino. (Org.) *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância Tu/Você na cidade de Santos-SP*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – USP-SP, São Paulo, 2006.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e PE*. Tese (Doutorado), Florianópolis, UFSC, 2009.

NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: Uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. Dissertação (Mestrado), Florianópolis, UFSC, 2011.

NUNES DE SOUZA, Christiane Maria; COELHO, Izete Lehmkul. *O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX*. *Revista do GELNE*, vol. 15. n. 1/2, p. 213-243, 2013

_____. *Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina*. Rio de Janeiro: LaborHistórico, 2015. p. 49-61.

PAGOTTO, Emilio Gozze. *Variação (´) Identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAIVA, Maria da Conceição de e; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. Introdução: A mudança linguística em curso. In PAIVA, Maria da Conceição de e; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. (Orgs) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia e; ABRAÇADO, Jussara (Orgs). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

RAMOS, Myriam Pereira Botelho. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

ROCHA, Patrícia Graciela da. *A variação dos pronomes de segunda pessoa na língua falada nas comunidades de Ratonas e de Santo Antônio de Lisboa: uma abordagem sociolinguística variacionista*. Working Papers em Linguística, Florianópolis, v.11. Edição especial, 2010. p. 69-81.

_____. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: Um estudo sincrônico*. Tese (Doutorado), Florianópolis, UFSC, 2012,

SCHERRE, Maria Marta *et al.* *Tu, você, cê, e ocê na variedade brasiliense*. Revista Papiá 21. Volume especial. 117-134, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira e; NARO, Anthony J. *Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil*. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 01-14, 1993.

SOARES, Maria Elias. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1980.

VALLE, Carla Regina Martins. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. Tese (Doutorado), Florianópolis, UFSC, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (1968) Tradução: Marcos Bagno. Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZEFERINO, Augusto César. *Inglês do Rio Vermelho: o lugar e a gente*. Florianópolis: edição do Autor, 2008.

ANEXO

ANEXO 1

Programa de Pós-Graduação em Linguística
Ficha do Informante (aplicada previamente)

Sobre a coleta:

Região: _____

Endereço: _____

1- Nome: _____

2- Idade: _____

3- Gênero: _____

4- Estado Civil: _____

Observações: _____

Escolaridade:

5- Qual é o ano em que você está? _____

7- Estuda nessa instituição desde que ano? _____

8- Qual o grau de escolaridade das pessoas que efetivamente moram contigo?

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Outros (especificar) _____

Observações: _____

Redes sociais:

9- Qual atividade de lazer você realiza nas horas vagas?

8- Realiza a atividade sozinho ou com amigos? _____

9- Quantas vezes na semana costuma realizar esta atividade? _____

10- Há algum clube/igreja/associação aqui no bairro que você frequenta? _____

11- Você participa de algum grupo (futebol; esporte; folclore; de jovens; de idosos; na igreja; na comunidade; na escola...)? _____

12- Você é líder nesse grupo? _____

13- Qual o seu envolvimento com esse grupo? _____

14- As pessoas com as quais você se relaciona diretamente em suas atividades são nativas de *Florianópolis*? Se não, de onde são? _____

15- A maioria da sua família mora em *Florianópolis*? _____

16- Você costuma participar de reuniões familiares? _____

17- Com que frequência? _____

18- Há alguma festa típica aqui no bairro? _____

19- Você tem muitos amigos aqui no bairro? _____

20- Vocês se encontram com frequência? _____ Especifique: _____

Observações: _____

Sócio-econômico-cultural

21- Você viaja com frequência? Se sim, para onde? _____

22- Lê o que com frequência? _____

(tipo de livro) _____

23- Seus pais têm casa própria ou alugada? _____

24- Qual a ocupação (e a profissão) das pessoas que moram com você?

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Outros (especifica) _____

Entrevista realizada em ____ *de* _____ *de* _____

Entrevistador _____

ANEXO 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Centro de Comunicação e Expressão (CCE)
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV)
VAR SUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil

Projeto de Pesquisa
Constituição de Coleta de Dados

Nome do (a) participante: _____

Nome do pai ou responsável (participante menor de 18 anos): _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ Telefone(s): _____

RG: _____ CPF: _____ Data da

coleta: _____

Escolaridade: _____ Data de nascimento: _____

Nome do Pesquisador Principal: Rafael Traesel

1. Propósito do estudo: O objetivo desta pesquisa é coletar dados de fala para fins de análise de fenômenos linguísticos, sociais, culturais, geográficos e identitários variáveis em uma escola da rede privada de ensino da cidade de Florianópolis.
2. Procedimentos: Concordo em participar das gravações de todo o processo de coleta de fala e permito que as amostras coletadas passem a integrar o banco de dados VARSUL.
3. Avaliação de Riscos e Benefícios: O pesquisador responsável pelo Projeto se responsabiliza pelos riscos e desconfortos que surgirem durante a coleta de dados. As providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano, considerando características e contexto do participante da pesquisa, serão: (i) garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa; (ii) garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma; (iii) garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4. Direitos do participante: Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem sofrer nenhum prejuízo. Além disso, tenho direito ao esclarecimento, em qualquer etapa do estudo, de eventuais dúvidas. Para tanto, basta eu entrar em contato com o pesquisador responsável.

5. Compensação financeira: Não existem despesas e/ou compensações financeiras relacionadas à minha participação neste estudo.

6. Confidencialidade: Compreendo que os resultados deste estudo poderão ser utilizados em dissertações ou teses, publicados em jornais profissionais e/ou apresentados em congressos profissionais, sem que minha identidade seja revelada.

Em caso de dúvida, posso entrar em contato com a responsável pelo banco de dados VARSUL (Prof^ª. Dr^ª Izete Lehmkuhl Coelho) nos telefones (48) 3721 9908 e (48) 3721 3771.

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo e ceder os meus dados para o banco de dados VARSUL. Compreendo sobre o que, como e porque este estudo está sendo realizado. Recebi uma cópia assinada deste termo de consentimento.

Assinatura do sujeito participante: _____

Assinatura do responsável (participante menor de 18 anos): _____

Assinatura do pesquisador: _____

ANEXO 3

Algumas questões para a entrevista

1. Você gosta do bairro em que mora? Por quê?
2. O que você costuma fazer no final de semana? Conte algo que tenha acontecido recentemente.
3. A maioria da tua família mora em Florianópolis?
4. Eu queria que você contasse sobre encontros de família. Costumam se encontrar frequentemente? Conte como são alguns desses encontros.
5. Seus amigos moram aqui perto?
6. Há algum clube, centro comunitário, igreja ou parque aqui no bairro? Você costuma ir a esse local?
7. Existe algum tipo de festa típica que vocês façam aqui no bairro? Você frequenta alguma?
8. Em sua opinião o que é “ser mané”?
9. Você acha que o “mané” fala diferente das pessoas de outras cidades ou de outros estados?
 - Se for “manezinho”: o que você percebe de diferença entre a fala do “mané” e os que são de fora?
 - Se não for “manezinho”: o que você percebe de diferença entre a sua fala e a do “mané”?
10. Conte alguma história de que se lembra da época que você era criança.
11. Alguma viagem marcante? Comente sobre ela.
12. Como é a convivência com seus amigos da escola? Conte alguma história engraçada que vocês tenham vivido juntos.
13. Quem costuma controlar mais você em casa, pai ou mãe? Diga algo que tenha acontecido recentemente e como foi que ele ou ela agiu.
14. Você namora ou já namorou? Diga algo que marcou nesse convívio entre vocês dois.
15. Como você imagina o seu futuro? Já pensa sobre profissão e como será sua vida adulta?
16. Imagine que você já é pai/mãe, que tipo de conselhos daria para seu filho?